

Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Letras e Linguística  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

THAYANNE RAISA SILVA E LIMA

**UM ESTUDO DO MOVIMENTO TEÓRICO DE FERDINAND DE SAUSSURE NO  
MANUSCRITO *PHONÉTIQUE***

Uberlândia/MG

2019

THAYANNE RAISA SILVA E LIMA

**UM ESTUDO DO MOVIMENTO TEÓRICO DE FERDINAND DE SAUSSURE NO  
MANUSCRITO *PHONÉTIQUE***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada  
Linha de pesquisa: Estudos sobre Texto e Discurso

Orientador(a): Profa. Dra. Eliane Silveira

Uberlândia/MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

L732e Lima, Thayanne Raisa Silva e, 1987-  
2019 Um estudo do movimento teórico de Ferdinand de Saussure no  
manuscrito Phonetique [recurso eletrônico] / Thayanne Raisa Silva e  
Lima. - 2019.

Orientadora: Eliane Silveira.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.639>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1964- (Orient.) II. Universidade  
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos. III. Título.

---

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

## ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	<a href="#">Tese, PPGEL</a>				
Data:	trinta e um de julho de dois mil e dezenove	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11523ELI012				
Nome do Discente:	Thayanne Raísa Silva e Lima				
Título do Trabalho:	Um estudo do movimento teórico de Ferdinand de Saussure no manuscrito <i>phonétique</i>				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Texto e Discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos				

Reuniu-se no Anfiteatro/sala 209U, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: [Stefania Montes Henriques](#), [ILEEL/UFU](#); [Marcen de Oliveira Souza](#), [PPGEL/UFU](#); [Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro](#), [IEL/UNICAMP](#); [Valdir do Nascimento Flores](#), [UFRGS](#); [Eliane Mara Silveira](#), [PPGEL/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Eliane Mara Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado\(a\).](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Doutor](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

---



Documento assinado eletronicamente por **Marcen de Oliveira Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/08/2019, às 08:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stefania Montes Henriques, Usuário Externo**, em 02/08/2019, às 14:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valdir do Nascimento Flores, Usuário Externo**, em 02/08/2019, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/08/2019, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, Usuário Externo**, em 19/08/2019, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1391241** e o código CRC **6A393B27**.

---

*“De que modo, então, o que nunca se encontra no mesmo estado poderá ser alguma coisa? Se num determinado momento ele se conservasse igual, é evidente que durante esse tempo não passaria por nenhuma transformação. Por outro lado, se permanecesse sempre igual e fosse sempre o mesmo, como poderia transformar-se e movimentar-se, se nunca chegasse a perder a forma inicial?”*

*(Platão)*

Em memória da minha avó Isaura, que não aprendeu a ler, mas garantiu que sua descendência entendesse o valor de estudar.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Eliane Silveira, pela orientação, leitura e paciência com minhas idas e vindas pelo Brasil afora.

Aos professores convidados, Profa. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, Prof. Valdir do Nascimento Flores, Prof. Marcen de Oliveira Souza, Profa. Stefania Montes Henriques, pelo aceite em participarem desta banca.

Aos amigos e companheiros de tese do Grupo Ferdinand de Saussure: Allana Marques, Mariane Giembinsky, Micaela Pafume, Stefania Henriques e Marcen Souza, pelo apoio nas horas de reflexão e por me ajudarem a manter a disposição para continuar no caminho da escrita.

Ao colega Giuseppe D'Ottavi, por me presentear com um livro tão difícil de comprar e tão importante para minha pesquisa.

Aos colegas de Lagoa da Confusão, por terem me auxiliado a cumprir meus créditos nas disciplinas enquanto eu ainda morava tão longe da Universidade. Em especial ao Jardel Barbosa, por ter encabeçado e apoiado essa ideia.

Aos colegas de Paracatu, Hélder Santos e Paula Márcia Silva, pelo companheirismo, pelas reflexões sobre meu trabalho e presente saussuriano.

Aos colegas de Uberaba, por terem assumido minhas turmas até que eu terminasse a tese: Aline Pinezi, Márcia Titoto, Eduardo Pacheco, Michele Furlan, Aparecida Valle. Em especial à Loraine Lisboa, por fazer esse afastamento acontecer.

À minha família, pelo apoio em todos os momentos, em especial aos meus pais, Paulo Lima e Elenísia Lima, por não medirem esforços nesta trajetória.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, à ex-presidente Dilma Rousseff e ao ex-ministro Fernando Haddad pelo grande investimento na educação durante os anos em que eu passei pela Universidade Federal de Uberlândia, possibilitando a escrita desta Tese.

Especialmente, ao Rômulo, por todo o amor, toda a compreensão e, principalmente, pela paciência nos momentos mais difíceis.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo central investigar um movimento teórico do linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913) no que diz respeito ao aspecto fônico da língua (AFL), sobretudo no seu manuscrito com o título de *Phonétique* (1881-84). Para essa investigação dividimos a tese em três momentos distintos. No primeiro, estabelecemos os estudos pré-saussurianos que levam em consideração o AFL, tanto dos ensinamentos mais antigos e representativos como dos preceitos dos linguistas do século XIX; dessa forma, escolhemos, para a primeira parte, refletir sobre o *Crátilo* de Platão e o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau e, para a segunda parte, ou seja, para o século XIX, optamos por abordar alguns dos estudiosos que mais se dedicaram à investigação do AFL, a saber: Jacob Grimm (1785-1863), August Schleicher (1821-1868) e Hermann Paul (1846-1921), representantes tanto da Gramática Comparada quanto da Escola Neogramática. No segundo momento, examinamos a pesquisa saussuriana sobre o AFL no *Phonétique* e em alguns trabalhos específicos que abordaram o tema, tais como: aqueles antes desse manuscrito, o *Essai* (1874) e o *Mémoire* (1878), e aqueles mais de vinte anos depois dele, os cursos de Linguística Geral, sob a ótica dos cadernos dos alunos e da obra póstuma de Saussure, o *Curso de Linguística Geral*. No terceiro e último momento, estabelecemos esses dois períodos e suas discussões em relação ao *Phonétique*, e situamos nossa pesquisa acerca do movimento saussuriano à luz dos estudos de Silveira (2007). Baseados nos preceitos da autora, buscamos refletir sobre esse movimento assinalando os pontos de tensão presentes no texto manuscrito em comparação tanto com o momento pré-saussuriano quanto com o momento das aulas de Saussure em Genebra. Neste sentido, partimos para uma reflexão que coloca o linguista ao mesmo tempo aproximando-se e distanciando-se das noções estabelecidas pelos linguistas do século XIX. Além disso, foi possível notar que, ao se deslocar dos estudos desenvolvidos nesse século, Saussure estabelece uma conexão com um de seus mais marcantes objetivos de pesquisa, isto é, o de teorizar sobre a língua. Com base na pesquisa saussuriana do AFL, mais de duas décadas antes dos cursos de Linguística Geral na Universidade de Genebra, o linguista mostra um movimento teórico capaz de estabelecer um deslocamento dos estudos de sua época, fundamentalmente empírico, para a teorização. Ademais, foi possível observar que, como consequência desse deslocamento, há em 1881-84 preceitos que levam o linguista a se deparar com definições, distinções de termos e conceitos responsáveis por levá-lo à noção do objeto da ciência que ele fundava. Assim, o *Phonétique*, escrito anos antes dos cursos de Linguística Geral, indica um movimento teórico de Saussure que não cansa de se repetir em seus trabalhos, isto é, sua busca pelo objeto da Linguística: a língua.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; aspecto fônico da língua; *Phonétique*; manuscrito; *Curso de Linguística Geral*; língua.

## ABSTRACT

This work seeks to investigate Ferdinand de Saussure's theoretical movement regarding the phonic aspect of the language (FAL – in Portuguese, AFL), especially in his manuscript entitled *Phonétique* (1881-1884). The investigation was carried out by dividing the thesis into three distinct moments. In the first one, we established the pre-Saussurean studies that take into account the AFL both the earliest and most representative teachings, and the precepts of nineteenth-century linguists; in the first part of this chapter, we chose to reflect on Plato's *Cratylus* and the *Essay On The Origin Of Languages* written by Rousseau. For the second part of the chapter, the nineteenth century, we chose to address some of the most active scholars in AFL's research, namely Jacob Grimm (1785-1863), August Schleicher (1821-1868) and Hermann Paul (1846-1921), representatives of Comparative Grammar and the Neogrammarian School. In the second moment, we examined the Saussurean research on the AFL in *Phonétique* and some specific works that addressed the theme, such as: those before this manuscript, the *Essai* (1874) and the *Mémoire* (1878), and those more than twenty years later of it, the courses of General Linguistics, from the point of view of the students' notebooks and the posthumous work of Saussure, the Course in General Linguistics. In the third and last moment, we established these two periods and their discussions in relation to *Phonétique*, and situate our research on the Saussurean theoretical movement in the light of Silveira's studies. Based on the author's precepts, we sought to reflect on this movement by emphasizing the points of tension present in the manuscript text in comparison with both the pre-Saussurean moment and the time of Saussure's classes in Geneva. In this sense, we started with a reflection that puts the linguist at the same time approaching and distancing himself from the notions established by the linguists of the nineteenth century. In addition, it was possible to note that in distancing himself from the studies developed in that century, Saussure established a connection with one of his most striking research goals: his theorizing about language. Based on AFL's Saussurean research, more than two decades before the General Linguistics courses at the University of Geneva, the linguist showed a theoretical movement capable of establishing a shift from the studies of his time, fundamentally empirical, to theorizing. Furthermore, it was possible to observe that as a consequence of this theoretical shifting, there were in 1881-84 precepts that led the linguist to come across definitions, distinctions of terms and concepts responsible for taking him to the notion of the subject of Linguistics. Thus, the *Phonétique*, written years before the courses of General Linguistics, indicates Saussure's theoretical movement that does not strain of being repeated in his works, in other words, his search for the Linguistics' subject: the language.

**Keywords:** Ferdinand de Saussure. Phonic aspect of the language. *Phonétique*. Manuscript. Course in General Linguistics. Language.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> Representação do signo – Fonte: Caderno do Constantin.....	69
<b>Figura 2</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	79
<b>Figura 3</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	81
<b>Figura 4</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	81
<b>Figura 5</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	82
<b>Figura 6</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	83
<b>Figura 7</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	84
<b>Figura 8</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	86
<b>Figura 9</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	88
<b>Figura 10</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	88
<b>Figura 11</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	91
<b>Figura 12</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	91
<b>Figura 13</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	94
<b>Figura 14</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	95
<b>Figura 15</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	96
<b>Figura 16</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	97
<b>Figura 17</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	99
<b>Figura 18</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	100
<b>Figura 19</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	102
<b>Figura 20</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	102
<b>Figura 21</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	104
<b>Figura 22</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	105
<b>Figura 23</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	107
<b>Figura 24</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	108
<b>Figura 25</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	110
<b>Figura 26</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	111
<b>Figura 27</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	112
<b>Figura 28</b> Trecho do manuscrito - Ms Fr 266. Fonte: Houghton Library .....	114

## SUMÁRIO

<b>NOTA INTRODUTÓRIA .....</b>	10
<b>1. CAPÍTULO 1 – A DIACRONIA – UM PANORAMA DO ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA NOS ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS.....</b>	15
<b>1.1. O <i>Crátilo</i> e o <i>Ensaio sobre a origem das línguas</i> .....</b>	18
<b>1.2. A linguística do século XIX e o aspecto fônico da língua.....</b>	23
<b>1.2.1. Jacob Grimm e o aspecto fônico da língua .....</b>	27
<b>1.2.2. August Schleicher e o aspecto fônico da língua .....</b>	32
<b>1.2.3. Hermann Paul e o aspecto fônico da língua.....</b>	35
<b>2. CAPÍTULO 2 – UM PANORAMA HISTÓRICO DO ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA EM SAUSSURE .....</b>	43
<b>2.1. O aspecto fônico da língua até 1881.....</b>	46
<b>2.2. O <i>Phonétique</i> (1881-1884) .....</b>	54
<b>2.3. O aspecto fônico da língua nos cursos de Linguística Geral (1907-1911) .....</b>	60
<b>2.3.1. O primeiro curso de Linguística Geral (1907) .....</b>	61
<b>2.3.2. O segundo curso de Linguística Geral (1908-1909) .....</b>	65
<b>2.3.3. O terceiro curso de Linguística Geral (1910-1911) .....</b>	68
<b>2.4. O aspecto fônico da língua no <i>Curso de Linguística Geral</i>.....</b>	72
<b>3. CAPÍTULO 3 – A SINCRONIA – UM MOVIMENTO TEÓRICO SAUSSURIANO PARA ALÉM DO SENSORIAL .....</b>	75
<b>3.1 O movimento teórico de Ferdinand de Saussure.....</b>	76
<b>3.2 O aspecto fônico da língua e o <i>Phonétique</i>.....</b>	77
<b>3.3 <i>Phonétique</i>, os estudos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática.....</b>	93
<b>3.4 <i>Phonétique</i>, os cadernos dos alunos e o <i>Curso de Linguística Geral</i>.....</b>	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM MOVIMENTO.....</b>	119
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	123

## NOTA INTRODUTÓRIA

*“Não há teoria: basta ouvir. O prazer é a regra.”*

*(Claude-Achille Debussy)*

Claude Debussy (1862-1918), renomado compositor francês, conhecido por sua música inovadora no século XIX, é contemporâneo de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Apesar de um ser obcecado pela música e o outro pela língua, ambos se encontram num mesmo patamar: o da necessidade de escutar. Contudo, acabam aí as semelhanças entre os dois; eles se distanciam, uma vez que o linguista no seu ofício de escutar a língua e no seu prazer, que ele afirma ser histórico, marca a história da Linguística. Já, para Debussy, o prazer é a regra, como vemos em sua célebre frase, na qual vemos em destaque três de seus valores relacionados à música, a saber: a dispensabilidade da teoria; o escutar como exclusivo e o citado prazer como regra. Esses elementos nos remetem a três grandes questões de Saussure, respectivamente: i) sua necessidade de teorizar sobre a língua; ii) sua insistência em escutar a língua, isto é, dar atenção ao aspecto fônico dela; iii) seu prazer histórico<sup>1</sup> arruinado para que o objeto língua fosse delimitado.

No que tange ao primeiro item, parece-nos precipitado afirmar que, assim como Debussy, os linguistas contemporâneos a Saussure somente se interessavam em escutar a língua – ou nos sons da língua – e não na constituição de sua teoria. É claro que esses autores procuravam estabelecer teorias, contudo, para aquele que ficou reconhecido como o fundador da Linguística Moderna ainda havia muito a se fazer, e sua grande preocupação era não só de constituir uma ciência em torno dos fatos da língua, mas em reconhecer o seu objeto.

No segundo item, por sua vez, temos o “escutar a língua” (ou a insistência sobre o fônico da língua) que foi inquestionavelmente significativo como foram as teorias pré-saussurianas; apesar do fônico não se tornar o objeto da Linguística Moderna, foi relevante na trajetória de sua fundação em 1916. Nos diversos trabalhos, os linguistas, principalmente do século XIX, procuravam estabelecer comparações e regras entre as línguas e, muitas vezes, dar atenção ao som das línguas era essencial para as fundamentações teóricas nesse momento.

Assim como esses linguistas, Saussure mostra-se inserido nesse momento de estudo da linguagem e é persistente ao trabalhar com o aspecto fônico da língua (AFL) – doravante

---

<sup>1</sup> O “prazer histórico” ao qual fazemos referência é o que Saussure se refere na carta endereçada a A. Meillet de 4 de Janeiro de 1894 em que aponta: “Incessantemente, essa inépcia da terminologia corrente, a necessidade de

utilizaremos a sigla AFL para referir ao aspecto fônico da língua, isto é, ao que é geral sobre os estudos do som – terminologia encontrada em SURREAUX (2013), ao tratar do mesmo tema. Acreditamos que a partir dessa terminologia conseguimos imprimir o que é geral no estudo do som, fonema e acústico antes de Saussure chegar às definições de cada um desses termos. Além disso, é importante considerar que, no século XIX, ainda não havia a distinção entre linguagem, língua e fala. Assim, parece-nos adequado utilizar aqui o termo língua quando estivermos nos referindo aos estudos do século XIX. Entretanto, o termo língua não deve ser entendido anacronicamente.

Há inúmeros trabalhos do linguista que tratam o AFL de forma contundente e fazem desse aspecto algo essencial para o movimento saussuriano que funda a Linguística Moderna. Um trabalho específico, no entanto, chama-nos a atenção ao tentar teorizar sobre os elementos que se desdobram a partir do AFL, sendo eles: fonema, acústico, som, entre outros; trata-se do manuscrito conhecido como *Phonétique*, de 1881-1884, arquivado na Universidade de Harvard e reconhecido por diferentes linguistas por sua relevância entre todos os *corpora* saussurianos.

O terceiro item e sua relação com os dois primeiros é o que impulsiona esta pesquisa. É fato que há uma relação entre o teorizar sobre a língua, uma obstinação quanto ao AFL e a busca pelo objeto da Linguística; a ideia desse trabalho funda-se no entendimento de que esses três princípios, ou melhor, um movimento saussuriano que se vale dos três e que, provavelmente, deve ser focado no prazer histórico do linguista, pode ser encontrado no *Phonétique*, pouco mais de vinte anos antes da publicação da obra fundadora da linguística moderna: o *Curso de Linguística Geral*.<sup>2</sup>

Em outras palavras, temos como objetivo examinar um movimento saussuriano que se pauta no trabalho com o AFL conjuntamente com outros termos e conceitos capaz de resultar na concepção de língua. Dessa forma, é possível perguntarmos como estaria relacionada a persistência em teorizar sobre o AFL e a conceituação de língua. Seria possível encontrar no manuscrito *Phonétique* um movimento que se direciona para o objeto da Linguística?

Para examinar o movimento teórico do linguista, foi preciso realizar um levantamento bibliográfico dessa questão, e por isso deveria ser panorâmico. Nessa perspectiva visamos mostrar um aspecto histórico da Linguística no que diz respeito ao AFL, uma vez que não se lê o manuscrito sozinho, faz-se necessário lê-lo com outros aspectos.

---

reformá-la e de mostrar dessa forma que tipo de objeto é a língua em geral vêm arruinar meu prazer histórico [...]” (cf. GODEL, 1969, p.31)

<sup>2</sup> Doravante CLG.

Dessa maneira, é preciso estabelecer não só os elementos presentes no manuscrito base de nosso *corpus*, mas também situar os estudos da linguagem em relação ao AFL que nos parece essencial para a teoria saussuriana. É possível afirmar, portanto, que a linguagem é objeto de estudo desde as reflexões filosóficas entre os grandes pensadores da Grécia Antiga como Sócrates, Aristóteles, Platão, entre outros. Começava ali, entre esses filósofos, a necessidade de tornar a linguagem um instrumento para o pensamento filosófico; o estudo da lógica, por exemplo, para se compor, demandava tanto dos preceitos da filosofia como das formas da linguagem.

Nesse contexto, os estudos da linguagem reservavam, de alguma forma, um lugar privilegiado para o AFL. Nos estudos aristotélicos, por exemplo, a emissão da voz e o som aparecem diversas vezes como referência da linguagem. Parret destaca que “a filosofia aristotélica nos indica que o substrato material da linguagem humana é a voz” (PARRET, 2010, p. 3).

Há um percurso dentre esses estudos filosóficos até as primeiras ideias em que termos advindos do AFL são conceituados; a fonética e os estudos relacionados ao termo “fonema” começam a tomar forma nos estudos linguísticos e, posteriormente, há uma quantidade extensa de trabalhos nesse campo em que o AFL é levado em consideração e parece ter peso nas definições e no desenvolvimento dos estudos da linguagem. No intuito de demonstrarmos um pouco de como o estudo filosófico demonstra grande apreço não só à linguagem humana e o que ela envolve, mas também ao AFL, abordamos, brevemente, no primeiro capítulo, o *Crátilo* de Platão, o qual apresenta uma reflexão sobre o nome das coisas, e o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, que mostra uma análise sobre a música, a voz e a representação dessas para a comunicação das paixões.

Esse trajeto nos permite entender como desde esses primeiros filósofos o AFL já parecia, de alguma forma, interessante para o estudo da linguagem. Depois dessa primeira observação com os fundamentos dos estudos linguísticos, partimos, ainda no primeiro capítulo, para uma análise de como foi abordado o AFL nos estudos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática<sup>3</sup>. Para tanto, apontamos os trabalhos de linguistas significativos para esses dois momentos: Jacob Grimm (1785-1863), August Schleicher (1821-1868) e Hermann Paul (1846-1921).

---

<sup>3</sup> Utilizamos o termo “Escola Neogramática” por concordarmos com Puech (2019) em sua apresentação no *Colloque SHESL HTL 2019*. Nele o linguista afirma a possibilidade de utilizar o termo escola para designar um modo coletivo de produção de conhecimento considerando uma constituição de saber dentro de um espaço/tempo. (Informação verbal disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VkbSNTsi99I>)

A trajetória de pesquisa do AFL desses autores interessa-nos uma vez que Saussure desenvolve seus estudos e teorias linguísticas em meio aos preceitos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática. Dessa forma, acreditamos que, ao conhecermos o momento teórico desses autores e suas escolas, podemos aprofundar o conhecimento dos preceitos responsáveis por formar linguistas importantes para os estudos linguísticos, além de podermos situar o trabalho com o AFL nesse ínterim.

No segundo capítulo, procuramos investigar o percurso de Saussure no que tange aos estudos do AFL. Para tal, traçamos um panorama dos estudos saussurianos a partir de 1874 com a observação do seu primeiro trabalho de linguística, o *Essai pour réduire les mots du grec, du latin & de l'allemand*<sup>4</sup>. Apesar de não publicado por Saussure, esse ensaio mostra os primeiros passos do autor em relação aos estudos da linguística. Passamos também pelo *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*<sup>5</sup>, obra de Saussure publicada em 1878 que apresenta grande relevância na teorização saussuriana. Ambos os trabalhos apresentam uma pesquisa relacionada ao AFL que é determinante para as postulações do seu autor.

Seguimos o panorama saussuriano com a investigação do nosso objeto de maior destaque: o manuscrito *Phonétique*<sup>6</sup>. Esse representa um trabalho extenso de Saussure no que tange ao AFL; presumivelmente de 1881-84, o manuscrito tem em seu cerne questões que nos parecem relevantes tanto para aquele momento de elaborações do linguista no século XIX como para a teoria que iria instaurar nos cursos de Genebra. Nesse momento da tese, achamos que seria mais pertinente se mostrássemos o conteúdo do *Phonétique* de forma mais breve, dessa forma, abordamos as características principais do manuscrito, assim como a análise de outros autores para podermos situá-lo nas pesquisas linguísticas e compreendermos seu papel na trajetória saussuriana.

Para finalizarmos o capítulo, voltamo-nos para a análise do AFL nos cadernos dos alunos que participaram dos cursos de Linguística Geral ministrados em Genebra e no próprio *Curso de Linguística Geral*. Nessa etapa, pesquisamos como o AFL foi abordado nos três

---

<sup>4</sup> Doravante *Essai*.

<sup>5</sup> Doravante *Mémoire*.

<sup>6</sup> A tarefa de conseguir esse material que está composto nas 995 páginas dos manuscritos arquivados em Houghton Library da Universidade de Harvard não foi fácil. Primeiro, tivemos que entrar em contato com a universidade em questão para vermos a possibilidade de termos acesso ao referido manuscrito; para nossa surpresa, havia a disponibilidade desses através da compra de um microfilme que, obviamente, deu-nos grande trabalho para ter acesso ao seu conteúdo. Uma vez que conseguimos acessar o material dentro do microfilme encontramos diversos problemas nas cópias das páginas manuscritas. Daí resolvemos que seria necessária uma visita à biblioteca para conferir o material original e, assim, a fiz em Janeiro de 2018.

cursos de linguística, e como a partir desse aspecto foram sendo apresentados outros termos tão caros à teoria de Saussure, a saber: fonema, som e, principalmente, imagem acústica.

No terceiro capítulo, partimos para a análise do movimento teórico de Saussure presente no *Phonétique* que se mostra fundamental para a teoria do linguista fundada nos cursos de linguística geral. À vista disso, iniciamos o capítulo com a análise sobre os fundamentos da noção de “movimento saussuriano” com base em Silveira (2007), para embasar essa noção e sua importância na caracterização da linguística saussuriana.

Em seguida, passamos ao exame desse movimento com uma investigação do AFL no manuscrito *Phonétique* em comparação com os estudos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática, a fim de podermos estabelecer um percurso de Saussure marcado pela pesquisa presente nesse período e observar o movimento do linguista que, assim como os autores dessas escolas, utiliza o AFL para suas postulações, ao mesmo tempo em que converge e diverge desses trabalhos do século XIX. Depois, conduzimos uma investigação dos cadernos dos alunos e do *Curso de Linguística Geral* no intuito de confirmar nossa hipótese de um movimento saussuriano que se pauta no AFL e em seus desdobramentos para se direcionar a uma concepção tão relevante aos estudos da Linguística Moderna, isto é, a de língua.

## 1. CAPÍTULO 1 – A DIACRONIA: UM PANORAMA DO ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA NOS ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS

“[...] a diacronia não tem seu fim em si mesma. Pode-se dizer dela o que se disse do jornalismo: que leva a todas as partes, com a condição de que o abandonemos a tempo.”

(Ferdinand de Saussure)

O trabalho de Saussure ficou conhecido por intermédio do *Curso de Linguística Geral*, livro que foi editado por Charles Bally e Albert Sechehaye e publicado, por eles, em 1916. As fontes dessa obra partiram tanto dos cadernos dos alunos que participaram dos três cursos de Linguística Geral em Genebra, como de anotações pessoais de Saussure doadas aos editores pela esposa do linguista. A obra publicada repercutiu pelo mundo todo não somente pelo destaque à teoria saussuriana, mas pela fundação da Linguística Moderna.

Logo nos três primeiros capítulos do *CLG* encontramos observações elementares que dão ao livro de Saussure um lugar de evidência nos estudos linguísticos. O linguista, no primeiro capítulo – Visão Geral da História da Linguística – discorre sobre as fases pelas quais a linguística passou para reconhecer seu objeto. Nesse momento, o autor identifica os estudos da “Gramática”<sup>7</sup>, da Filologia, da Gramática Comparada e da Escola Neogramática. Para Saussure, a “Gramática”, inaugurada pelos gregos e continuada, principalmente, pelos franceses, tinha como base a “lógica e está desprovida de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 31). A Filologia, por sua vez, não tem a língua como seu objeto e, “se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica e obscura” (*Ibidem*, p. 31).

Em sequência, o linguista aborda a Gramática Comparada e verifica que os linguistas dessa escola tinham a preocupação de se dedicar à comparação entre as línguas, como Bopp, que destinou seus estudos às “relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim etc.” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 32). Por meio de comparações entre essas línguas, ele

---

<sup>7</sup> As aspas na palavra *Gramática* são colocadas pelo próprio Saussure. Na edição crítica do italiano de Mauro (1967) há uma nota fazendo referência a outras críticas do suíço às categorias gramaticais tradicionais de origem aristotélica (cf. DE MAURO, 1967, p. 410)

passou a compreender que as relações entre línguas afins poderiam se tornar uma ciência autônoma. (SAUSSURE, 2012[1916]).

Segundo Saussure (2012[1916]), Jacob Grimm, Max Müller, August Schleicher, entre outros, também foram linguistas dessa época que mereciam destaque. Contudo, o genebrino critica a escola comparatista por não ter determinado a natureza do seu objeto de estudo, o que resultaria em uma ciência sem um método estabelecido. Assim, afirma que

[...] a Gramática Comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria. Foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica. Sem dúvida, a comparação constitui condição necessária de toda reconstituição histórica. Mas por si só não permite concluir nada. [...] Considerava-se a língua como uma esfera à parte, um quarto reino da Natureza; daí certos modos de raciocinar que teriam causado espanto em outra ciência. Hoje não se pode mais ler oito ou dez linhas dessa época sem se ficar surpreendido pelas excentricidades do pensamento e dos termos empregados para justificá-las. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 34)

Neste sentido, Saussure declara que foi somente em 1870 que os linguistas começaram a se questionar sobre as condições de vida das línguas, destacando os trabalhos de W. D. Whitney, em sua obra *A vida da linguagem* (1875), como o primeiro impulso para a formação de uma nova escola: a dos neogramáticos (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 35).

É necessário ressaltar que essas páginas do *CLG* são fonte de uma das primeiras aulas dadas por Saussure em 1907, porém, notamos que é preciso ir além do *CLG* para observarmos o percurso trilhado por Saussure para chegar a essas críticas. Sua formação era baseada, principalmente, tanto nos preceitos da Gramática Comparada como da Escola Neogramática, por isso, acreditamos que essas sejam as maiores influenciadoras do seu pensamento e podem apresentar uma relação muito estreita com a sua teoria, assim como são responsáveis pelas pesquisas do linguista que o fazem partir para soluções dos problemas que encontrava, como ele mesmo aponta ao fim do capítulo em questão:

Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, comprehende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução. (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 36)

É possível afirmar, desse modo, que Saussure identifica a importância do que houve antes de seus estudos, mas ainda acreditava que havia outros tantos problemas para resolver. Nos dois capítulos seguintes do *CLG*, por exemplo, os editores escolhem apresentar a matéria

e tarefa da linguística e depois abordar qual é o objeto da linguística. Mais uma vez, as críticas às escolas no primeiro capítulo e a sequência dos capítulos na obra não são suficientes para confirmar a relevância dos estudos anteriores ao genebrino nem estabelecer como os preceitos dessas escolas estão ligados à formação de Saussure e sua pesquisa que vai para além dessas ideias pré-saussurianas. Faz-se necessário, portanto, entender o lugar que se encontravam os estudos da linguística a respeito do AFL, bem como a formação de Saussure para compreendermos o realce do manuscrito *Phonétique* nos princípios básicos que norteiam a Linguística Moderna.

Por conseguinte, nesta pesquisa, nosso objetivo centra-se em examinar um movimento teórico de Saussure no *Phonétique* que ao mesmo tempo em que parte de uma pesquisa contemporânea à sua, direciona-a à delimitação do objeto da linguística. Para chegarmos a esse propósito é preciso verificar os estudos da linguagem de momentos anteriores à teoria de Saussure que tomavam o AFL como uma das bases da Linguística.

Dessa forma, pretendemos, neste capítulo, situar os estudos da linguagem em relação ao AFL, buscando depreender como esse fato era basilar nos estudos dessa ciência e, ainda, na Gramática Comparada e na Escola Neogramática; essa questão dar-nos-á a dimensão das pesquisas contemporâneas à formação de Saussure no século XIX. Justificamos essa perspectiva uma vez que acreditamos no AFL, e no que surge a partir dele, como essencial nas elaborações saussurianas e na possibilidade de encontrarmos nele um elemento fundamental para a busca do objeto da Linguística.

Nessa perspectiva, é necessário ressaltar que a relevância dada ao AFL desenrola-se muito antes das escolas as quais Saussure frequentou e se formou. Por esse motivo, fazemos uma breve investigação desse aspecto nos fundamentos dos estudos da linguagem. Selecionamos para tal tarefa o *Crátilo* de Platão e a reflexão presente no *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, como um ponto de partida anterior ao genebrino.

Essas obras foram escolhidas em função de construírem marcos da reflexão sobre a língua antes da Linguística Moderna bem como ainda serem objetos de estudo e, apesar de não se deterem sobre o AFL não o ignoram. Acreditamos que o “escutar a língua”, ou dar atenção ao aspecto fônico da língua, desde muito antes da Linguística Moderna, é um indício da relevância do tema para o desenvolvimento de uma ciência da língua e, por isso, faremos jus a esse momento, mesmo que brevemente, detendo-nos nesses dois trabalhos no que se refere ao AFL.

Logo após, partimos para a análise de linguistas que parecem encontrar no AFL elementos marcantes para os estudos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática; são

eles: Jacob Grimm, August Schleicher e Hermann Paul. Esses autores marcam o momento em que os estudos de Saussure estavam em progresso e, como apontamos anteriormente, o movimento que marca o desenvolvimento da teoria saussuriana é importante para entendermos como, mais tarde, a Linguística pôde ser fundada e ter um objeto atribuído a ela.

### 1.1– O *Crátilo* e o *Ensaio sobre a origem das línguas*

Reflexões sobre o aspecto fônico da língua não eram exclusividade de Saussure; é notória a quantidade de trabalhos relacionados à linguagem que consideram esse aspecto crucial para discorrer sobre a língua, inclusive estudiosos gregos de antes de Cristo.

Segundo Matthews (2014), “se os primeiros ‘linguistas’ gregos eram os homens conhecidos por desenvolverem o alfabeto, nosso primeiro texto em ‘linguística’ é o *Crátilo* de Platão [...]”<sup>8</sup> (MATTHEWS, 2014 [1994], p. 25). O diálogo, de meados do século IV A.C., representado nesse texto é entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo, quando discutem sobre linguagem e realidade e a “justeza dos nomes”, a saber:

A discussão, que o leitor acompanhará, desenrolar-se-á em duas etapas distintas: a Hermógenes, concluindo que o nome é a imitação vocal da coisa imitada (423, b), Sócrates mostrará na primeira, que é a parte mais extensa do diálogo, a conaturalidade a que nos referimos, produto de uma *poiesis* originária, que passando tanto pelos substantivos, adjetivos e verbos, quanto pela qualidade sonora de determinadas sílabas ou letras, estabelece entre os nomes e seus significados uma fina trama de correspondências, de associações e de analogias que ligam mimeticamente palavra e coisa; a Crátilo, depois de uma recapitulação do assunto debatido, Sócrates exporá, segunda parte (427, e em diante), ressaltando o que há de verdadeiro na tese de Hermógenes e as dificuldades impostas pela conclusão antes adotada [...] (NUNES, 1988)

Ao abordarmos o *Crátilo* de Platão, no entanto, não nos interessamos em investigar as questões filosóficas do diálogo; nosso interesse, como apontamos, é analisar alguns fragmentos em que o AFL, ou como relata Nunes (1988), “a qualidade sonora” é relevante nos estudos da linguagem. Observemos alguns fragmentos do texto a seguir:

Depois de descobrir o instrumento naturalmente indicado para determinado trabalho, é preciso que o artífice o fabrique com o material de que dispõe e não de acordo com sua fantasia, mas segundo os imperativos da natureza. [...] o nosso legislador deverá saber formar com os sons e as sílabas o nome por natureza apropriado para cada objeto, compondo todos os nomes e aplicando-os com os olhos sempre fixos no que é o nome em si, caso queira ser tido na conta de verdadeiro criador de nomes. (PLATÃO, 1988 [IV A.C.], p.111)

---

<sup>8</sup> Tradução nossa de : *If the first Greek ‘linguists’ were the unknown men who developed que alphabet, our first ‘linguistic’ text is Plat’s Cratylus [...]*

Para Sócrates o nome tem a natureza apropriada de seu objeto, contudo, o que nos importa é sua afirmação de que o som é o material necessário para compor os nomes; dessa forma, aquele que é chamado de legislador, isto é, o criador de nomes, deve-se valer dos sons e as sílabas para dar nome aos objetos. Destacamos essa questão uma vez que o AFL tem sua proeminência na própria fabricação dos nomes e, principalmente, por ser seu material.

A discussão entre os filósofos segue no intuito de refletir sobre a origem dos nomes e a relação entre eles e sua natureza, a saber:

Então, façamos assim mesmo. Por onde quer que iniciemos nossa investigação, depois dessa fórmula geral, para vermos se, de fato, os próprios nomes nos servirão de prova de que não são atribuídos por acaso, mas possuem certa justificativa? Os nomes de heróis e de homens em geral poderiam facilmente enganar-nos, pois a maior parte deles é tirada dos antepassados, sem nenhuma relação, como dissemos, com os atuais possuidores; [...] Há muita probabilidade de atinarmos com o sentido exato dos vocábulos nos nomes relacionados com as coisas eternas e a natureza, pois esse domínio deve ter havido bastante critério na escolha, sendo possível, até, que uns tantos houvessem sido formados por algum poder divino, superior ao dos homens. (PLATÃO, 1988 [IV A.C.], p.120)

É evidente que Sócrates procura uma relação dos nomes com sua natureza, e essa atribuição dos nomes que não é por acaso poderia indicar uma conexão entre nome e natureza. Ora, é possível afirmar que essa associação buscada pelo filósofo nos direciona para uma reflexão da essência dos nomes; a discussão, nessa perspectiva, revela a preocupação com o sentido deles. Em contrapartida, o material volta a ser considerado para a acepção dos nomes; vejamos no fragmento:

Inicialmente, no estudo sobre o significado dos nomes, deve sempre contar com a hipótese de não ser raro acrescentarmos letras, ou suprimi-las, quando vamos designar alguma coisa, ou deslocarmos os acentos. Foi o que se deu com a expressão Diífilo. Para transformá-la num nome, suprimimos o segundo iota, passando a ser grave, em vez de aguda, na pronúncia, a sílaba do meio. Em outros casos procedemos de modo inverso; acrescentamos letras e acentuamos a sílaba átona. (*Ibidem*, p. 123)

Observamos no excerto a ideia de mudança no significado de um nome apenas mudando suas letras, pronúncia e sílabas. Daí o AFL ser considerado um elemento que opera nos sentidos dos nomes, o que nos faz depositar nesse aspecto uma relevância na própria origem deles. O material necessário para compô-los – o som – é, portanto, transformador.

Efetivamente é possível afirmar que o AFL tem uma influência na justeza dos nomes a partir do momento em que os filósofos consideravam o som como material para a sua

confecção. Vemos que esse aspecto sonoro tem relevância no nome das coisas e, mais, que a cada alteração nesse material – suas letras, pronúncia e sílabas – pode-se alterar o sentido de tal nome.

Além disso, é notável que esse diálogo foi retomado por Saussure quando aborda o funcionamento da língua. Pautamos, portanto, que há na discussão entre Hermógenes e Crátilo duas ideias diferentes, isto é, o primeiro defende que a relação que se estabelece entre o nome e o objeto é dado por convenção, portanto, arbitrária; enquanto que o segundo afirma que essa relação é, na verdade, motivada pela natureza do objeto. Saussure, por sua vez, critica essa questão a qual ele denomina como nomenclatura, para ele é necessário ver que “o ponto de vista cria o objeto”. Dessa forma, considerar a nomenclatura seria não considerar o funcionamento linguístico e, sim, dar atenção ao que seria exterior à língua.

Essa questão relaciona-se diretamente com a constituição do signo linguístico que, por sua vez, estabelece uma relação entre significante e significado que deve ser arbitrária; portanto, para Saussure, o nome de um objeto não poderia ser motivado pela sua natureza como aborda Crátilo no diálogo.

Verificamos, ademais, que nesse momento de reflexão, no século IV A.C., o AFL não era o objeto central do diálogo entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo; o pensamento filosófico ultrapassa esse objeto e ao fim há uma ideia sobre o fato de os nomes serem ou não capazes de dizer da essência das coisas. Contudo, a nosso ver, esses fragmentos selecionados da obra de Platão podem demonstrar que quando se trata da linguagem o AFL é levado em consideração, há um destaque dado para esse aspecto e seu realce nos mostra que nas primeiras reflexões acerca da linguagem o AFL tem seu lugar.

Destacamos outro trabalho expressivo para essas primeiras análises: o “Ensaio sobre a origem das línguas” de Rousseau. Apesar de percorrermos para muitos anos depois dos diálogos do *Crátilo* de Platão, encontramos nesse Ensaio – presumivelmente de 1759 – uma extensa pesquisa que observa a origem das línguas e tem uma investigação significativa sobre o AFL.

De acordo com MACHADO; PAUL (1999), essa obra de Rousseau foi publicada depois da sua morte e por isso há uma especulação sobre o momento de sua escrita, vejamos:

Vaughan afirma que, ao menos em parte, o Ensaio já estava escrito antes, com certeza, do Discurso sobre a Desigualdade e, talvez, até do primeiro Discurso. Toma, como base para essa inferência, o fato de surgirem no texto elementos que pertencem aos estudos de música originalmente destinados à Encyclopédia. [...] Petitain, que iniciou as pesquisas mais aprofundadas sobre a cronologia na produção de Rousseau, data o Ensaio de 1759, porém não justifica tal indicação. [...] Podemos tomar como base indicada por Petitain

como a máxima provável, pois já no ano seguinte estava escrito o *Emílio*, que se editaria simultaneamente em Amsterdam e Paris, no ano de 1762. (MACHADO; PAUL, 1999, p. 247)

Independentemente de sua data, esse Ensaio atrai o nosso interesse por tratar o AFL intrincado a questões da língua. Primeiro, Rousseau analisa como o homem pode expressar sua necessidade de comunicar, a saber:

Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso. Tais meios só podem provir dos sentidos, pois estes constituem os únicos instrumentos pelos quais um homem pode agir sobre outro. [...]

Limitam-se a dois os meios gerais por via dos quais podemos agir sobre os sentidos de outrem: o movimento e a voz. (ROUSSEAU, 1999 [1759], p. 260)

É notório logo no início do Ensaio que o AFL se coloca como um dos elementos centrais de sua discussão. Isso se dá, de acordo com Rousseau, pela necessidade que o homem tem de estabelecer uma comunicação e, assim, essa ação aconteceria a partir dos sentidos; um deles trata-se da voz, isto é, de um AFL. Além disso, os sons acabam se tornando uma noção ainda mais contundente, notemos:

As paixões possuem seus gestos, mas também suas inflexões, e essas inflexões que nos fazem tremer, essas inflexões a cuja voz não se pode fugir, penetram por seu intermédio até o fundo do coração, imprimindo-lhe e fazendo-nos sentir o que ouvimos. Concluamos que os sinais visíveis tornam a imitação mais exata e que o interesse melhor se excita pelos sons. (ROUSSEAU, 1999 [1759], p. 262)

Nesse fragmento, o AFL parece ser sustentado por uma noção mais forte que a dos gestos; a voz sobressai-se diante do movimento, uma vez que o autor utiliza algumas expressões para caracterizar as inflexões dos gestos, ou seja, essas “cuja voz não pode fugir”, ou que “penetram por intermédio até o fundo do coração, imprimindo-lhe e fazendo-nos sentir o que ouvimos”. Ademais, o autor conclui apontando que provavelmente “se sempre conhecêssemos tão só necessidades físicas, bem poderíamos jamais ter falado, e entender-nos-íamos perfeitamente apenas pela linguagem dos gestos” (*Ibidem*, p. 262). Outrossim, o autor expõe que “as necessidades ditam os primeiros gestos e que as paixões arrancaram as primeiras vozes” (*Ibidem*, p. 265).

Ora, é possível inferir, a partir dos fragmentos acima, que os sons para o autor têm uma ligação com a paixão; vimos que, para Rousseau, não haveria som na língua se houvesse somente as “necessidades físicas”; o que impulsiona o som, portanto, são as paixões. Isto posto, encontramos no Ensaio uma reflexão que toma o som como parte essencial do que faz os seres

humanos se sobressaírem dentre outras espécies; o AFL, consequentemente, ganha um visível prestígio nesta obra.

Do mesmo modo, o autor expõe que “os primeiros motivos que fizeram o homem falar foram suas paixões, suas primeiras expressões foram tropos” (*Ibidem*, p. 267). Segundo o autor, os sons aparecem como uma tradução dessas paixões e dão-se da seguinte forma:

Os sons simples saem naturalmente da garganta, permanecendo a boca, naturalmente, mais ou menos aberta. Mas as modificações da língua e do palato, que fazem a articulação, exigem atenção e exercícios; não as conseguimos sem desejar fazê-las. Todas as crianças têm necessidade de aprendê-las e inúmeras não o conseguem com facilidade. (*Ibidem*, p. 269)

Nesse fragmento é possível observar que o AFL é analisado a partir de sons mais naturais da língua e como esses parecem ser mais simples e sem articulação; ele continua:

Em todas as línguas, as exclamações mais vivas são inarticuladas. Os gritos e gemidos são vozes simples; os mudos, ou seja, os surdos, só lançam sons inarticulados. [...] Como as vozes naturais são inarticuladas, as palavras possuiriam poucas articulações; algumas consoantes interpostas, destruindo o hiato das vogais, bastariam para torná-las correntes e fáceis de pronunciar. [...] Essa língua possuiria muitos sinônimos para exprimir o mesmo ser em suas várias relações e poucos advérbios e palavras abstratas para exprimir essas mesmas relações. [...] Prolongai essas ideias em todas as suas implicações e vereis que o *Crátilo* de Platão não é tão ridículo quanto parece ser. (ROUSSEAU, 1999 [1759], p. 270)

Rousseau faz uma análise que se concentra em uma possível primeira língua que teria nos sons sua expressão mais forte. Para o autor, uma língua centralizada em suas “exclamações mais vivas” se valeria de inarticulações; seria possível assegurar, dessa maneira, que o *Crátilo* de Platão pudesse fazer sentido para Rousseau ao afirmar que o nome de uma coisa significa sua natureza.

Tal reflexão faz-nos lembrar de que há uma questão convergente entre os dois autores – Rousseau e Platão – a saber: o AFL é um elemento essencial para a língua e, por isso, em ambas as obras – no Ensaio e no diálogo *Crátilo* – os sons fazem parte da reflexão sobre ela. Isso nos aproxima do que procuramos neste capítulo, isto é, de que há uma relação entre o estudo da linguagem e o AFL desde muitos anos antes de a teoria saussuriana ser instaurada; não seria por acaso que os pensadores da língua esbarrassem nesse aspecto quando tratassem de sua origem repetidas vezes e em épocas bem distintas.

Perguntamo-nos como o AFL seria tratado por autores mais contemporâneos a Saussure e como configurariam as suas pesquisas no século XIX a ponto de dar destaque ao aspecto que mais tarde foi tão visado por Saussure. Neste sentido, passamos nossa pesquisa para a observação do AFL nos trabalhos dos autores que também abordaram a questão: Jacob Grimm,

presente nos estudos mais iniciais da Gramática Comparada; August Schleicher, subsequente ao anterior nas reflexões dessa escola; e Herman Paul, representando a Escola Neogramática, que parece tomar o AFL de uma nova forma como veremos a seguir.

## 1.2. A linguística do século XIX e o aspecto fônico da língua

Apesar de em muitos momentos acreditarmos que os linguistas pré-saussurianos pareciam aproximar-se da ideia de Debussy sobre “bastar ouvir”, vemos que em outras ocasiões eles se distanciam da seguinte frase do compositor: “A música deve buscar humildemente o prazer, a complicação extrema é o oposto da arte”<sup>9</sup>. Claro que aqui tomamos a música como a pesquisa linguística, mas nos parece que, ao contrário do músico, a linguística do século XIX é bem complexa, como veremos a seguir.

A linguística do século XIX passa por diferentes momentos de estruturação de seus estudos. Segundo Auroux (2000), “a história das teorias linguísticas ocidentais contém uma lenda dourada que faz remontar seu status científico no início do século XIX”<sup>10</sup>; mais detalhadamente em suas palavras:

Até o século XIX, as preocupações linguísticas dos homens seriam de natureza essencialmente empírica ou normativa (gramática escolar) ou de natureza puramente especulativa (textos de filósofos gregos, gramática medieval especulativa, gramática geral dos séculos XVII e XVIII). Nada haveria que se parecer com uma ciência verdadeira, isto é, com uma explicação racional dos fatos.<sup>11</sup> (AUROUX, 2000, p. 9)

Para o autor havia uma lenda dourada que se tratava da “descoberta” do sânscrito. No fim do século XVIII aconteciam muitas viagens, novas colônias, coleção de dados de gramática, vocabulário etc.; no entanto, enfatizamos a descoberta do sânscrito pelos seguintes motivos:

[...] o alto nível de aprendizes amadores que coletavam os dados, o aumento da sofisticação da informação disponível, o estímulo que isso produzia entre os intelectuais da Europa, consequências intelectuais e até políticas que tiveram e, finalmente, a forma como a chegada de novas informações

<sup>9</sup> As frases de Debussy são retiradas da internet, principalmente dos seguintes sites : <https://citation-celebre.leparisien.fr/auteur/clause-debussy> e [https://www.goodreads.com/author/quotes/72795.Claude\\_Debussy](https://www.goodreads.com/author/quotes/72795.Claude_Debussy)

<sup>10</sup> Tradução nossa de: *L'histoire des théories linguistiques occidentales comporte une légende dorée qui fait remonter son statut scientifique au début du XIXe siècle*

<sup>11</sup> Tradução nossa de: *Avant le XIXe siècle, les préoccupations linguistiques des hommes seraient de nature essentiellement empirique ou normative (grammaire scolaire) ou de nature purement spéculative (textes des philosophes grecs, grammaire spéculative médiévale, grammaire générative des XVIIe et XVIIIe siècles). Il n'y aurait rien qui ressemble à une véritable science, c'est-à-dire à une explication rationnelle des faits.*

coincidiam com uma mudança de direção no estudo da linguística.<sup>12</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 61)

Vale dizer que nas passagens de diferentes autores o que eles chamam de a descoberta do sânscrito, de fato, marca um novo momento para os estudos linguísticos; há, também, uma expansão em relação à pesquisa do que era produzido nessa língua. Para Auroux (2000), o sânscrito torna-se o foco dos estudos nessa época. Em suas palavras: “é nessa língua que está redigido o essencial do que a antiga civilização da Índia produziu, desde o início do primeiro milênio antes da nossa era, em matéria de religião, legislação, literatura e conhecimentos científicos.”<sup>13</sup> (AUROUX, 2000, p. 10)

A partir desse novo olhar sobre o sânscrito surgem as comparações entre essa língua, o grego e o latim e, dentre esses estudos, os do linguista Willian Jones, que foi considerado como o “pioneiro”<sup>14</sup> em elaborações sobre esse tema, como segue:

A língua *Sânscrita*, qualquer seja sua antiguidade, é de uma estrutura maravilhosa; mais perfeita que o *Grego*, mais abundante que o *Latim*, e mais requintada que ambos, mesmo tendo em conta com eles uma forte afinidade, tanto nas raízes dos verbos como nas formas da gramática [...]<sup>15</sup> (JONES apud MORPUGO DAVIES, 1998, p. 65)

Dessa ideia, surge em 1808 o trabalho de Schlegel, que coloca o sânscrito como um objeto de estudo privilegiado, o qual ele chama de uma “gramática comparada que nos daria as informações totalmente novas sobre a genealogia da língua semelhante àquela cuja anatomia comparada tem derramado luz sobre a história natural superior” (AUROUX, 2000, p. 10)<sup>16</sup>. A contar desse momento, vários autores passaram a trabalhar com a comparação, dentre eles os seguintes nomes: F. Bopp, J. Grimm, F. Diez, F.M Raynouard (Ibidem, p. 10).

---

<sup>12</sup> Tradução nossa de: [...] *the high level of the learned amateurs who collected the data, the increasing sophistication of the information available, the excitement it produced among the intelligentsia in Europe, the intellectual and even political consequences which it had, and finally the way in which the arrival of the new information coincided with a change of direction in the study of linguistics.*

<sup>13</sup> Tradução nossa de: *C'est dans cette langue que se trouve rédigé l'essentiel de ce qu'a produit, depuis les débuts du premier millénaire avant notre ère, l'antique civilisation de l'Inde en matière de religion, de législation, de littérature et de connaissances scientifiques.*

<sup>14</sup> Colocamos a palavra pioneiro entre aspas por concordarmos com Henriques (2019) ao afirmar que o primeiro contato dos europeus com o sânscrito não foi, na verdade, por William Jones. Segundo a autora, “essa língua já era conhecida desde o século XVI com Felippo Sassetti que, inclusive, escreveu um livro no qual explicitava algumas similaridades entre o sânscrito e o italiano”. Ela ainda acrescenta o trabalho de uma gramática do sânscrito de um padre jesuíta, Heinrich Roth. (cf. HENRIQUES, 2019)

<sup>15</sup> Tradução nossa de: *The Sanscrit language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure more perfect than the Greek, more copious than the Latin, and more exquisitely refined than either, yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs and in the forms of grammar [...]*

<sup>16</sup> Tradução nossa de: *grammaire compare qui nous donnerait des informations tout à fait nouvelles sur la généalogie du langage semblable à celle dont l'anatomie comparée a fait la lumière sur l'histoire naturelle supérieure.*

Como consequência disso, a linguística agora caminhava em direção à Gramática Comparada e se estabelecia um novo olhar sobre os seus estudos. Ou, para especificarmos melhor, de acordo com Auroux, o termo “linguística”<sup>17</sup> começava a tomar sua forma ali e era, também, sinônimo de Gramática Comparada. Para o autor, o século XIX é fundamentalmente conhecido como o século do historicismo, e esse estudo traria os fundamentos filosóficos da filosofia de Hegel e suas disciplinas (Ibidem, p. 11). Contudo, a palavra linguística vinha da versão alemã *Linguistik* de 1777, mas seria

introduzida no seu sentido moderno em 1808 por J.S. Vater para designar a disciplina que pesquisa “as propriedades das diferentes línguas, das quais dá uma classificação e, a partir daí, extrai conclusões sobre sua genealogia e seus parentescos”. [...] Depois disso, ela será usada, em alternância, com “filologia comparada” e “gramática comparada” para designar a abordagem histórica das línguas por oposição à gramática no senso usual do termo, e à sua teorização, a gramática geral. É somente no começo do século XX que “linguística” virá abranger qualquer abordagem “científica” da linguagem e designará tanto os estudos geográficos dos dialetos como a gramática no sentido corriqueiro do termo.<sup>18</sup> (Ibidem, p. 11).

Segundo Morpugo Davies (1998), Rask, Bopp e Grimm “[...] são vistos como os iniciadores da linguística comparada e histórica, Bopp cofundador do comparativismo, Grimm cofundador da linguística histórica, Rask como o precursor de ambos”<sup>19</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 124). Rask (1787-1832) é conhecido por suas gramáticas de línguas clássicas e modernas, já que elas são “[...] basicamente descritivas e incluem, depois de uma discussão sobre ortografia e fonologia, capítulos sobre morfologia, formação de palavras e sintaxe”<sup>20</sup> (Ibidem, p. 125).

Vale destacar que Rask, além de se preocupar com a estrutura e a genealogia das línguas, também se dedicava à comparação de sons entre línguas; de acordo com Morpugo Davies (1998), “ele comparava sons do Grego com aqueles do Islandês e estava satisfeito

---

<sup>17</sup> Os primeiros usos da palavra “linguística” pode ser melhor examinado no texto de Auroux (1987) - *The First Uses of the French Word ‘Linguistique’*

<sup>18</sup> Tradução nossa de: *introduit dans son sens moderne en 1808 par J.S. Vater pour désigner la discipline qui recherche « les propriétés des différentes langues, en donne une classification et, à partir de là, tire des conclusions sur leur généalogie et leur parenté » [...] Il sera par la suite utilisé, en alternance, avec « philologie comparée » et « grammaire comparée », pour désigner l’approche historique des langues par opposition à la grammaire au sens usuel du terme, et à da théorisation, la grammaire générale. Ce n’est qu’au début du XX<sup>e</sup> siècle que « linguistique » viendra recouvrir toute approche « scientifique » du langage et désignera aussi bien l’étude géographique des dialectes que la grammaire au sens ordinaire du terme.*

<sup>19</sup> Tradução nossa de: [...] are seen as the initiators of comparative and historical linguistics, Bopp qua founder of comparativism, Grimm qua founder of historical linguistics, Rask as the precursor of both

<sup>20</sup> Tradução nossa de: [...] basically descriptive and include, after a discussion of spelling and phonology, chapters about morphology, word formation and syntax

quando encontrou que eles eram ‘os mesmos’ e obedeciam regras morfofonêmicas similares”<sup>21</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 127). Neste sentido, é claro identificar que os comparatistas começavam a mostrar interesse pelo estudo do aspecto fônico da língua, todavia, neste momento, a observação era de comparação dos sons entre línguas diferentes.

Bopp (1791-1867), por sua vez, destaca-se por seu trabalho que foi celebrado como o primeiro trabalho<sup>22</sup> comparatista sobre o indo-europeu (MORPUGO DAVIES, p. 129). Para a autora, a teoria de Bopp é avançada, pois “até as alternações vocálicas são ‘mecanicamente’ determinadas pela forma da palavra e originalmente não tem significância gramatical”<sup>23</sup> (Ibidem, p. 135). A pesquisa de Bopp era, assim, mais ligada à comparação e à morfologia; mas foi pelos estudos de Grimm que percebemos mais especificamente quando a Gramática Comparada dá atenção ao aspecto fônico da língua, motivo pelo qual realçamos o trabalho desse autor.

August Schleicher (1821-1868) também se demonstrou de grande valia para os comparatistas. Esse linguista explorou a grande massa de pesquisas depois de Bopp e, a partir de um trabalho extenso, apresentou uma árvore genealógica da história do indo-europeu, separando “progressivamente os diferentes membros da família adjacente” (AUROUX et al., 2000, p. 165). Portanto, acreditamos no estudo desse autor como uma continuação do trabalho dos comparatistas e sustentamos nele uma reflexão sobre o AFL. A partir dos seus estudos, vários autores se dedicam à comparação de línguas e começam a estabelecer leis que refletiam suas analogias.

Contemporaneamente, durante a querela das leis fonéticas<sup>24</sup> - isto é, no debate entre diferentes leis e regras – surge a Escola Neogramática representada por Hermann Osthoff, Karl Brugmann, Georg Curtius, Hermann Paul etc. Os autores destacavam as teses empíricas e as afirmações teóricas gerais, como aponta Auroux (2000):

- [...] as posições dos neogramáticos se definem também por três teses precisas:
- 1) Desde o início, as línguas arianas escreveram o mesmo som *a* curto por uma variedade de sons;
  - 2) Já a língua original indo-europeia conheceu um vocalismo variado (*der bunte Vocalismus*);

<sup>21</sup> Tradução nossa de: [...] he compared all sounds of Greek with those of Icelandic and was satisfied when he found that they were ‘the same’ and obeyed similar morphonemic rules

<sup>22</sup> Nome do trabalho: *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache*

<sup>23</sup> Tradução nossa de: the theory is advanced that even vocalic alternations are ‘mechanically’ determined by the form of the word and originally have no grammatical significance

<sup>24</sup> De acordo com Auroux (2000), a aplicação generalizada da metodologia que a lei de Grimm inaugura dará lugar à “querela das leis fonéticas” (abordaremos a lei de Grimm no próximo tópico).

- 3) O vocalismo grego é mais antigo que o indo-persa. (AUROUX, 2000, p. 413)<sup>25</sup>.

Considerando esses pressupostos, tomaremos como base para nossa investigação os trabalhos de Grimm, Schleicher e Paul<sup>26</sup> pelo fato de representarem três momentos distintos do trabalho dos comparatistas no que concerne à maneira com que trataram o AFL. Vale afirmar que a questão que se coloca – e que será aprofundada no terceiro capítulo – concerne a como Saussure retoma e/ou desmonta os pressupostos teóricos desses estudiosos. Assim, podemos assimilar o movimento teórico saussuriano, que pode se aproximar ou se deslocar dos pressupostos acerca do AFL do século XIX em direção à busca da teoria linguística e do objeto da Linguística. Por enquanto, neste capítulo, abordamos os pressupostos dos autores a seguir.

### 1.2.1. Jacob Grimm e o aspecto fônico da língua

Jacob Grimm (1785-1863) é o primeiro dos linguistas da Gramática Comparada a tratar das questões do AFL com amplitude. Segundo Auroux et al. (2000), o autor “dedica umas 595 páginas do primeiro volume ao estudo das mudanças fonéticas.”<sup>27</sup> (AUROUX et al., 2000, p. 160). É por intermédio desses estudos que se estabelece a “lei de Grimm”. De acordo com Auroux et al. (2000), essa lei é

uma autêntica descoberta, tanto factual como metodológica. [...] Antes de Grimm, como notamos, é a palavra que é a unidade elementar da etimologia. Reconhecem-se as “mudanças das letras”, das quais se dão uma concepção geral na teoria das figuras de letras (metaplasmo), mas estas afetam as palavras caso a caso, de modo contingente. Com a mutação consonântica, é a letra (**diríamos o fonema**) que é a unidade elementar da mudança e esta afeta todas as ocorrências da letra (**regularidade**) [...] a aplicação generalizada da metodologia que ela [lei de Grimm] inaugura dará finalmente lugar à “querela das leis fonéticas”<sup>28</sup>. (AUROUX et al., 2000, p. 161).

<sup>25</sup> Tradução nossa de: “[...] les positions des néogrammairiens se définissent aussi par trois thèses précises : 1) Dès le départ, les langues aryennes ont écrit le même son *a court* pour une multitude de sons ; 2) Déjà, la langue originelle indo-européenne a connu un vocalisme varié (*der bunte Vocalismus*) ; 3) Le vocalisme grec est plus ancien que l’indo-perse”.

<sup>26</sup> Abordamos os trabalhos dos três autores tanto a partir de comentadores renomados como de seus trabalhos originais, com exceção de Grimm que por possuir somente livros na língua alemã impossibilitou essa abordagem ao original.

<sup>27</sup> Tradução nossa de: *consacre quelques 595 pages du premier volume à l'étude des changements phonétiques.*

<sup>28</sup> Tradução nossa de: *une authentique découverte, autant factuelle que méthodologique. [...] Avant Grimm, comme on l'a noté, c'est le mot qui est l'unité élémentaire de l'étymologie. On reconnaît bien les « changements de lettres », dont on donne une conception générale dans la théorie des figures de lettres (métaplasme), mais celles-ci affectent les mots au cas par cas, de façon contingente. Avec la mutation consonantique, c'est la lettre (nous dirions le phonème) qui est l'unité élémentaire du changement et ce dernier affecte toutes les occurrences de la lettre (régularité) [...] l'application généralisée de la méthodologie qu'elle inaugure donnera finalement lieu à la « querelle des lois phonétiques ».*

Cabe observar, como visto acima, que Grimm atentava-se para a mudança das letras e não especificamente para a mudança dos sons, porém, essa perspectiva tem influência sobre o fonema<sup>29</sup>, assim como Auroux demonstra ao apontar “letra (diríamos o fonema)”. O autor ainda acrescenta que essa concepção do comparatista afeta uma questão relacionada às regularidades e que sua aplicação dará lugar às querelas das leis fonéticas. Por esses motivos, para avançar na discussão a respeito de como os comparatistas dão ênfase ao AFL, devemos nos atentar ao trabalho de Grimm. Sua abordagem foi mais voltada para a comparação de diferentes línguas germânicas; em 1816 ele apresenta como se dá a autonomia dos fatos fonéticos da seguinte forma:

[...] sua análise dos textos do antigo Alto-Alemão mostraram-no que formas mais antigas tinham a final *i*-vogal, enquanto que em textos mais novos isto tinha ou se perdido ou mudado para *-e* ao passo que a vogal da raiz era alterada. [...] Essas observações convenceram Grimm sobre a importância do método genético na explicação dos fatos linguísticos e ao mesmo tempo **levaram-no em direção à convicção de uma autonomia dos fatos fonéticos**. Em 1819 aparece o primeiro volume de *Deutsche Grammatik*, logo seguido por uma segunda edição em 1822, que parcialmente por causa da influência de Rask, **incluirá uma consideração totalmente nova à fonologia de várias línguas germânicas**.<sup>30</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 137, grifo nosso)

Apesar de também detectarmos as características de Grimm que o fazem ser conhecido como histórico e empiricista, é possível ressaltar nas partes grifadas a descoberta do comparatista em relação à mudança do som de *-i* para *-e* que parece mudar o rumo de suas pesquisas. Ademais, é possível analisar os grifos do fragmento ao darmos destaque a dois elementos específicos: fatos fonéticos e fonologia; ressaltamos que nesse momento não havia diferenciação entre fonética e fonologia<sup>31</sup> – como ainda não havia durante a escrita do

---

<sup>29</sup> De acordo com De Mauro (1967) “O termo fonema foi utilizado pela primeira vez pelo foneticista francês A. Dufrière-Desgenettes em uma comunicação à Sociedade de linguística de Paris em 24 de Maio de 1873 *Sobre a natureza das consoantes nasais* [...] resumido na “Revista crítica” I, 1873.368 por um anônimo para quem “a palavra *fonema*... é felizmente encontrada para designar de uma maneira geral as vogais e as consoantes”. O termo, bem como o de *fonologia*, aparece entre outros trabalhos de A. Dufrière-Desgenettes [...]. Ele foi adotado por Saussure no *Mémoire* e utilizado de uma maneira com um valor mais moderno de “elemento do sistema fonológico ou, qual seja sua articulação exata, ele é reconhecido diferente de todo outro elemento. (DE MAURO, 1967, p. 433)

<sup>30</sup> Tradução nossa de: [...] *his analysis of Old High German texts had shown that older forms had a final i-vowel, while in later texts this was either lost or changed to -e while the vowel of the root was altered [...] These observations convince Grimm of the importance of the genetic method in the explanation of linguistic facts and at the same time lead him towards a belief in the autonomy of phonetic facts. In 1819 there appears the first volume of the Deutsche Grammatik, soon to be followed in 1822 by a second edition, which, partly because of Rask's influence, includes a wholly new account of the phonology of the various Germanic languages.*

<sup>31</sup> Daremos destaque às noções de fonética e fonologia no próximo capítulo no que tange ao nosso objetivo de analisar a teoria saussuriana.

*Phonétique* de Saussure – contudo, ocorriam observações acerca das mudanças das letras e essas pareciam ser consideradas em um estudo mais geral que levasse em conta várias línguas.

Essa observação sobre a mudança da vogal da raiz alterada leva a pesquisa de Grimm em direção ao estabelecimento da lei que o deixou ainda mais conhecido: a lei de Grimm. Morpugo Davies retrata como surge essa lei, vejamos com ela:

Em 1822, ele conclui sua descrição da consoante do Germânico (Lei de Grimm) com a observação de que esses são ‘ótimos eventos na história de nossa língua e nenhum é sem a necessidade interior’ [...] ele mostrou uma distinção entre um estudo da língua focado em uma compreensão melhor dos textos e o estudo da língua *per se*; focado em encontrar leis fundamentais e regularidades por debaixo das anomalias superficiais.<sup>32</sup> (Ibidem, p. 139)

Vale realçar que o trabalho do autor buscava por dois itens que pareceram essenciais para os estudos da Gramática Comparada: as leis fundamentais e as regularidades. Grimm chamava sua lei de *mutação fonética* e no trabalho que citamos anteriormente, *Deutsche Grammatik*, ele dedicou-se por 595 páginas ao estudo dessas mudanças. De acordo com Auroux et al (2000),

Ninguém jamais havia escrito um estudo de tal amplitude sobre esse assunto. Ele (Grimm) elabora tabelas de evolução de cada som nos diferentes estados das diferentes línguas que pôde estudar. Isso lhe permite revelar regularidades surpreendentes na evolução do sistema consonântico, que fazem das línguas germânicas um caso à parte no conjunto das línguas indo-europeias.<sup>33</sup> (AUROUX et al, 2000, p. 160)

Mais uma vez encontramos as regularidades com destaque no estudo de Grimm. Ora, é possível notar que a visão de Grimm em relação ao AFL dá uma característica nova aos estudos da Gramática Comparada nesse contexto. O trabalho com a mutação fonética aliado à evolução do sistema das consoantes se destaca nos estudos do século XIX; de acordo com Koerner (1988), Grimm devia muito de seu trabalho àquele desempenhado antes por Rask, todavia, ele não só “formalizou a mudança dessas consoantes<sup>34</sup> que as colocou desassociadas do resto da

<sup>32</sup> Tradução nossa de: *In 1822 he concludes his description of the Germanic consonant shift (Grimm's Law) with the observation that these are 'great events in the history of our language and neither is without inner necessity' [...] he drew a distinction between a study of language aimed at a better comprehension of the texts and a study of language *per se*; aimed at finding fundamental laws and regularities under the superficial anomalies.*

<sup>33</sup> Tradução nossa de: *On n'avait jamais écrit une étude d'une telle ampleur sur un tel sujet. Il dresse des tables de l'évolution de chaque son dans les différents états des différentes langues qu'il a pu étudier. Cela lui permet de mettre au jour des régularités étonnantes dans l'évolution du système consonantique qui font des langues germaniques un cas à part dans l'ensemble des langues indo-européennes.*

<sup>34</sup> As consoantes as quais o autor se refere são da evolução das obstruintes em Germânico.

família de línguas indo-europeias, mas estabeleceu uma mudança de som ainda mais sistemática”<sup>35</sup> (KOERNER, 1988, p. 8).

Grimm, em suma, é responsável por dar um rumo diferente à Gramática Comparada. Segundo Koerner (1988, p. 8), o autor é responsável por estabelecer a importância da fonologia nos estudos linguísticos, questão antes ignorada por Bopp. Dessa forma, as regularidades agora têm prioridade nas pesquisas comparatistas, e esse novo olhar para a linguística oferece a outros linguistas a possibilidade de se empenhar nesse mesmo caminho, o que proporciona o aparecimento de outras leis fonéticas, como a lei de Verner:

Não somente a lei de Grimm perdurou, mas sua discussão permitiu fortalecer a hipótese das regularidades fonéticas. Podem-se classificar as exceções encontradas em três conjuntos: i) aquelas que concernem aos **grupos consonânticos** [.]: o fato de se tratar de um grupo justifica, pelo contexto, a exceção; ii) certo número de casos em que o que está em sânscrito não corresponde nem ao que se encontra nas outras línguas indo-europeias, nem nas línguas germânicas. [.] iii) finalmente, casos que serão explicados pela lei de Verner.<sup>36</sup> (AUROUX et. al., 2000, p. 161, grifo nosso)

Há desse modo, de acordo com esse fragmento, dois pontos para considerarmos. Primeiro, um dos elementos de destaque para a teoria de Grimm eram as consoantes; como veremos no terceiro capítulo, Saussure, da mesma forma, dá ênfase às consoantes no *Phonétique* e isso o auxilia na sua investigação acerca do AFL. Segundo, a partir da lei de Grimm houve o que Auroux chama de “querela de leis fonéticas” – ou seja, não surgiu somente a lei de Verner, mas diversas outras mudanças regulares observadas na evolução das línguas e motivadas pelo AFL das palavras – fato que ratifica a influência do autor alemão ao contribuir com uma nova forma de pesquisa no auge da Gramática Comparada.

Em meados do século XIX há uma expansão tanto dos trabalhos históricos e comparatistas como do indo-europeu e suas famílias, como descreve Morpugo Davies:

Por volta do meio do século um aumento no número e tamanho de trabalhos técnicos acompanham a difusão rápida e institucionalização da linguística histórica e comparativa. A existência da família indo-europeia é agora geralmente aceitada, a investigação então volta-se para a história das ramificações individuais ou das diversas atrapalhadas tentativas de comparar

---

<sup>35</sup> Tradução nossa de: Grimm not only formalized the shift of these consonants which set them apart from the rest of the Indo-European language family, but established a further systematic *Lautverschiebung*

<sup>36</sup> Tradução nossa de: *Non seulement la loi de Grimm a tenu, mais sa discussion a permis d'affermir l'hypothèse des régularités phonétiques. On peut classer les exceptions rencontrées en trois ensembles : i) celles qui concernent les groupes consonantiques [.]: le fait qu'il s'agisse d'un groupe justifie, par le contexte, l'exception ; ii) un certain nombre de cas où ce que l'on trouve en sanskrit ne correspond ni à ce que l'on trouve dans les autres langues indo-européennes, ni dans les langues germaniques [.]. iii) des cas, enfin, qui seront expliqués par la loi de Verner.*

o indo-europeu com outras famílias linguísticas [...]<sup>37</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 152)

Outro fato é que a fonética<sup>38</sup> mostra-se relevante, primeiro com alguma noção de suas regularidades, como vimos em Grimm, mas, logo após, a disciplina do estudo dos sons acaba sendo inserida no estudo das línguas:

[...] no último quarto do século é então providenciado, por um lado, pela inserção da fonética nas disciplinas linguísticas e a intenção dos linguistas (pelo menos parte deles) era de reconhecer a fonética como ‘fundamento indispensável para todo estudo da língua (Sweet 1877, v) [...]’<sup>39</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 164).

Esse trabalho dos estudos linguísticos do século XIX permite-nos reconhecer que os fundamentos da linguística mudam de tempos em tempos. Na pesquisa de Grimm é estabelecido um trabalho fundamentalmente morfológico, baseado tanto na linguística histórica quanto na Gramática Comparada; entretanto, há o surgimento da lei de Grimm que muda um pouco o cenário dos estudos da linguística que, a partir desse momento, estabelece uma preocupação com o que mudava nos sons.

Depois dessa perspectiva, é possível notar um crescimento nas pesquisas que tomavam o indo-europeu e suas famílias como centro das investigações e, a partir disso, a fonética começa a se tornar um dos fundamentos da pesquisa linguística.

A atividade da Gramática Comparada, aquela que é conduzida tomando o aspecto fônico da língua, vai para além desse momento em que somente alguns linguistas notam a necessidade de se trabalhar assim, isto é, essencialmente com o aspecto morfológico e baseado na comparação e na historicidade, como Grimm. Veremos a seguir o trabalho de um linguista que concede ao AFL uma importância crucial para o trabalho comparatista da época.

<sup>37</sup> Tradução nossa de: *Round the middle of the century an increase in the number and size of technical works accompanies the rapid diffusion and institutionalization of historical and comparative linguistics. The existence of an Indo-European family is now generally accepted, the enquiry then turns to the history of the individual branches or to various fumbling attempts to compare Indo-European with other linguistic families [...]*

<sup>38</sup> Lembramos que, como veremos no capítulo seguinte, não estamos falando aqui da fonética contemporânea, mas sim de um estudo geral dos sons que na época era chamado de fonética.

<sup>39</sup> Tradução nossa de: [...] the last quarter of the century is then provided, on the one hand, by the insertion of phonetics into the linguistic disciplines and the willingness of the linguists (or at least of some of them) to acknowledge that phonetics is the ‘indispensable foundation of all study of language’ (Sweet 1877, v) [...]

### 1.2.2 – August Schleicher e o aspecto fônico da língua

O linguista ao qual nos referimos é August Schleicher (1821-1868); seu trabalho, da mesma forma que o de Grimm, estabeleceu-se como essencial não somente para a consolidação da Gramática Comparada, mas também para o destaque do aspecto fônico da língua. Segundo Morpugo Davies (1998), o autor é

normalmente creditado pela introdução do trabalho comparativo e histórico de algumas inovações metodológicas básicas: a reconstrução fonológica do indo-europeu, o modelo de árvore genealógica de línguas descendentes, e a **insistência da importância de estabelecer leis regulares de som**.<sup>40</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 167, grifo nosso).

A ideia de reconstrução das formas e das línguas-mães é uma estratégia bastante recorrente desse momento da linguística, mas nos cabe salientar o quanto a reconstrução fonológica tem um papel fundamental nessas pesquisas; isso, portanto, mostra como o AFL parece realmente relevante na pesquisa dos comparatistas. Nas palavras da autora:

[...] esse comprometimento [de reconstrução da sintaxe] tinha suas consequências: se as formas reconstruídas eram para ser indicadas na íntegra, **reconstruções fonológicas tinham que ter prioridade**. [...] Schleicher **começa com a descrição dos sons reconstruídos** e formas do indo-europeu para depois discutir seus desenvolvimentos nas línguas individuais.<sup>41</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 169, grifo nosso)

Morpugo Davies (1998) explica como a reconstrução dos modelos de árvore genealógica presente no trabalho de Schleicher é dependente da compreensão da mudança do som, como segue:

A partir de 1850, ‘as leis do som’ (o termo *Lautgesetz* já aparecia em Bopp) do tipo ‘indo-europeu *p* tornou-se germânico *f*’ ou ‘Latim *s* tornou-se *r* entre vogais’ estão em uso corrente e objeto de várias discussões; [...] Em 1850 ninguém duvidava da importância em identificar as várias *Lautgesetze* que contavam para divergências entre duas línguas descendentes da mesma proto-língua (*Ursprache*) ou entre duas fases da mesma língua.<sup>42</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 172)

<sup>40</sup> Tradução nossa de: *he is normally credited with the introduction into comparative and historical work of some basic methodological innovations: the phonological reconstruction of Indo-European, the family-tree model of language descent, and an insistence on the importance of establishing regular sound laws.*

<sup>41</sup> Tradução nossa de: [...] *this commitment had its consequences: if he reconstructed forms were to be indicated in full, phonological reconstructions had to have priority. [...] Schleicher starts with a description of the reconstructed sounds and forms of Indo-European and then discusses their developments in the individual languages.*

<sup>42</sup> Tradução nossa de: *From the 1850's 'sound laws' (the term *Lautgesetz* already occurs in Bopp) of the type 'Indo-European *p* became Germanic *f*' or 'Latin *s* became *r* between vowels' are in current use and the object of much discussion [...] by the 1850's no one doubted the importance of identifying the various *Lautgesetze* which accounted for divergences between two languages descended from the same proto-language (*Ursprache*) or between two phases of the same language.*

As “leis do som” e, portanto, a necessidade de verificar a mudança de um som para outro, fazem com que esse momento da Linguística esteja mais focado em uma pesquisa com o AFL; da mesma maneira mostra como essa constância infere nas pesquisas dos linguistas da época. Adiante, passamos ao trabalho de Schleicher, o qual ficou consagrado entre os comparatistas pelo seu *Compendium ou Manual de Gramática Comparativa das Línguas Indo-Germânicas – Compendium der vergleichenden grammatischen der indogermanischen sprachen* (1861– 1862). Para começar, logo na primeira página encontramos a gramática definida como a compreensão e explanação científica de diferentes componentes da língua, como mostra o fragmento:

Gramática forma uma parte da ciência da língua: essa ciência é uma parte da história do Homem. Seus métodos são em substância aquele de ciência geralmente natural; consiste na investigação precisa do nosso objeto e em conclusões fundadas nesta investigação. [...] Por gramática queremos dizer a compreensão científica e explicação do som, da forma, da função das palavras e suas partes e da construção de sentenças. Gramática, portanto, trata do conhecimento dos sons, ou Fonologia; das formas, ou Morfologia; das funções, ou da ciência do significado e da relação, sintaxe.<sup>43</sup> (SCHLEICHER, 1874 [1861], p. 1)

Vale ressaltar a definição de gramática definida pelo autor que se concentra em três linhas, a saber: a Fonologia, conhecimento dos sons; a Morfologia, conhecimento das formas; a Sintaxe, conhecimento das funções. Schleicher retrata os três elementos em sua obra, e nesse momento, notoriamente, investigamos seu trabalho no que diz respeito ao que ele denomina Fonologia.

O autor observa, no capítulo intitulado “Fonologia”, as leis das mudanças de sons para comparar as línguas vindas do indo-europeu; ele trabalha com a comparação de vogais e consoantes e, por isso, a fisiologia dos sons e a pronúncia deles importava para sua investigação:

Desde a citação dos exemplos fazemos uso não somente das vogais mas também das consoantes, antes tratamos as vogais que procedemos para apresentar uma tabela do som-da-fala coletivamente, organizado de acordo com a fisiologia do som, seguido pelas observações necessárias sobre pronúncia, etc. [...] exemplo : aqueles sons dos quais surgiram os sons das diferentes línguas Indo-Europeias, de acordo com as leis da mudança de som,

<sup>43</sup> Tradução nossa de: *Grammar forms one part of the Science of language: this science is itself a part of the natural history of Man. Its method is in substance that of natural science generally; it consists in accurate investigation of our object and in conclusions founded upon that investigation. [...] By grammar we mean the scientific comprehension and explanation of the sound, the form, the function of words and their parts, and the construction of sentences. Grammar therefore treats of the knowledge of sounds, or Phonology; of forms, or Morphology; of functions, or the science of meaning and relation, syntax.*

as quais entram em jogo na vida da língua, e que de acordo com elas podem ser traçadas como uma fonte comum.<sup>44</sup> (Ibidem, p. 9)

Schleicher trabalhava especificamente com a comparação que pudesse levar à origem da língua, além de notar tanto nas vogais como nas consoantes observações sobre a pronúncia entre outros aspectos de sua fisiologia. Notemos como essa questão aparece no *Compendium*:

O Indo-Europeu originalmente tem 15 consoantes que em §1 são classificadas de acordo com as condições fisiológicas, como exemplo temos três mudos momentâneos, três soantes momentâneas, três soantes aspiradas, três aspirantes [...]. A existência do *b* (sonante momentânea labial) na língua original não pode ser autenticada como um exemplo perfeito: mas é bem provável que ele existiu como o elemento original da aspiração frequente *bh*.<sup>45</sup> (SCHLEICHER, 1874 [1861], p. 76)

É possível notar o quanto o trabalho do autor é específico ao abordar as questões fisiológicas do indo-europeu; conseguimos observar tanto no trecho acima, como nas tabelas de som presentes no *Compendium* um grande detalhamento da mudança dos sons. Salientamos, ainda, o exímio tratamento com a origem das línguas e o reconhecimento das leis do som de Schleicher, que se tornou um marco nos estudos da linguística do século XIX. Segundo Morpugo Davies (1998), com seu trabalho e o de Curtius há um novo olhar para essas leis que colocavam em evidência o AFL, a saber:

Em geral, na medida em que as leis sonoras são uma preocupação, no fim da década de 1850 elas não são caracterizadas por uma mudança revolucionária e repentina, mas, no lugar disso, por um progresso estável pela implementação e para a definição mais próxima de um paradigma que foi previamente aceito nas suas linhas fundamentais. Foi o mérito de Schleicher e Curtius que conseguiram indentificar um número de motivos que pertenciam à primeira geração depois de Bopp e os desenvolveram de forma coerente. O crescente aumento da quantidade de dados e o maior conhecimento metodológico determinaram algumas mudanças marcantes nesse estado da arte. [...] **Desse ponto de vista, Schleicher e Curtius sem dúvidas marcam uma inovação incontestável no trabalho deste século.**<sup>46</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 174, grifo nosso)

<sup>44</sup> Tradução nossa de: *Since in the citation of examples we make use not only of vowels but also of consonants, before we treat of the vowels we proceed to set forth a table of the speech-sounds collectively, arranged according to the physiology of sound, followed by the necessary remarks upon pronunciation, etc. [...] i.e. those sounds from which arose the sounds of the different Indo-European languages, according to the laws of sound-change which come into play during the life of a language, and to which accordingly, they may be traced as to a common source.*

<sup>45</sup> Tradução nossa de: *The Indo-Eur. Origl. Lang. has fifteen conson., which in §1 are classed according to their physiological conditions, viz. three momentary mutes, three mom. Sonants, three mom. Son. Aspirates, three spirants [...] The existence of *b* (mom. Son. Labial) in the irigl. Lang. cannot be authenticated by any perfectly certain example: but is highly probable that it did exist, as the origl. Element of the frequent aspirate *bh*.*

<sup>46</sup> Tradução nossa de: *In general, as far as the sound laws are concerned, the late 1850's are not characterized by sudden revolutionary change but rather by a steady progress towards the implementation and the closer definition of a paradigm which had previously been accepted in its fundamental lines. It was Schleicher's and Curtius's great merit that they succeeded in identifying a number of motifs that belonged to the first generation after Bopp and developed them in a coherent fashion. The ever-increasing quantity of data and the greater*

Novamente enfatizamos que essa pesquisa de Schleicher revela um linguista inserido em seu tempo, mas que também marca inovações para os estudos de sua época. De um lado notamos a questão de procurar a origem do que é chamado pelo autor de “língua original” – indo-europeu – ser tomado como importante em suas pesquisas da mesma forma que as leis sonoras presentes, o que corrobora uma maior atenção ao AFL nos estudos comparatistas. Em contrapartida, é possível constatar alguns elementos que parecem ser retomados por Saussure anos mais tarde em sua pesquisa – assim como veremos mais especificamente no terceiro capítulo –, são eles: i) a preocupação com a questão sonora que leva em consideração a observação tanto das vogais como das consoantes; ii) a fisiologia do som, bastante enfatizada pelo linguista e parece ser um elemento importante nas distinções às quais damos evidência, ou seja, entre o sensorial (acústico) e o fenômeno físico.

Esses dois últimos elementos parecem tomar forma antes do trabalho de Saussure no *Phonétique*, considerando-se que na Escola Neogramática houve a repercussão de um estudo mais voltado para o psicológico, o que instiga os linguistas dessa época a tomarem como essencial para seus estudos tanto o psíquico como o físico. Vejamos a seguir como surge a Escola Neogramática, qual é a repercussão desse viés psicofísico que se estabelece a partir de sua pesquisa e de que forma esses elementos estão ligados ao AFL.

### 1.2.3 Hermann Paul e o aspecto fônico da língua

A pesquisa histórico-comparatista se espalha pela Europa, todavia, de acordo com Morpugo Davies (1998), com o aumento da contribuição para os trabalhos da linguística em diferentes partes do mundo, há também uma orientação “linguística fora do horizonte estritamente técnico histórico e comparativo, que acompanhava o processo de sua institucionalização para novos interesses e novos problemas”<sup>47</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 227).

Auroux (2000) observa que havia nesse momento uma querela de leis fonéticas; essa nasceu em Leipzig e se dá a partir do ensinamento de um aluno de Schleicher, Leskien, que “formula o princípio de *l'Ausnahmslosigkeit*, isto é, da ausência de exceções das leis fonéticas”.

---

*methodological awareness determined some remarkable changes in the state of the art. [...] From this point of view, Schleicher and Curtius undoubtedly mark a breakthrough in the work of the century.*

<sup>47</sup> Tradução nossa de: [...] linguistics away from the strictly technical historical and comparative horizons, which had accompanied the process of its institutionalization, towards new concerns and new problems.

(AUROUX, 2000, p. 412). Lembramos, nessa perspectiva, que o trabalho de Grimm sobre os sons das línguas, apesar de apresentar regularidades fonéticas, mantinha algumas exceções das regras, o que auxilia a nova concepção de Leskien e o fato de que sua ideia produz bastante interesse entre os linguistas da época, a saber:

[...] seu ensinamento influencia diretamente certo número de jovens pesquisadores professores e estudantes de Leipzig (Braune, Brugmann, Hübschmann, Osthoff) que se reúnem com ele na taberna do Caffebaum por Kneipabende (“reuniões de bar”). [...] A partir de 1874, Braune funda com H. Paul (professor em Frisburgo e Brisgau) os *Beiträge zur Geschichte der Deutschen Sprache und Literatur*, que são publicados até hoje. São todas essas personagens que vão formar o essencial dos neogramáticos.<sup>48</sup> (AUROUX, 2000, p. 412)

O grupo de trabalho entre esses e outros linguistas foi denominado *Junggrammatische Richtung*<sup>49</sup>, ou, como conhecemos hoje, pela Escola Neogramática. Entre os participantes constam os seguintes nomes: Karl Brugmann (1849-1919), Hermann Osthoff (1847-1909), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Paul (1846-1921), Eduard Sievers (1850-1932), Wilhelm Braune (1850-1926), Dane Karl Verner (1846-1896), J. H. Hübschmann (1848-1908). (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 229).

Há muitos trabalhos consagrados entre esses linguistas da Escola Neogramática, dentre eles o *Morphologische Untersuchungen* de Osthoff e Brugmann (1978) que, de acordo com Morpugo Davies (1998), demonstra o entusiasmo dos autores e seu trabalho dessa época, o *Declination* de Leskien, *Lautphisiologie* de Sievers e, em 1878, há o manifesto dessa Escola, que acontece da seguinte forma:

Em 1878, quando Osthoff já era professor em Heidelberg, mas Brugmann ainda tinha somente uma nomeação instável, os dois juntaram forças para editar um tipo de periódico ou coleção de ensaios, o *Morphologische Untersuchungen* que, apesar da sua vida intermitente (I-4. 1878-81; 5, 1890; 6, 1910) e o fato que ele somente consistia da contribuição dos editores, teve um papel importante [...]. A introdução do primeiro número, assinada por Osthoff e Brugmann, mas projetada por Brugmann, conta como o manifesto real do movimento neogramático e é escrito de alguma forma com um estilo muito enfático e revolucionário destinado a irritar as gerações mais antigas.<sup>50</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 231)

<sup>48</sup> Tradução nossa de: [...] son enseignement influence directement un certain nombre de jeunes chercheurs enseignants et étudiants de Leipzig (Braune, Brugmann, Hübschmann, Osthoff) qui se réunissent avec lui à la taverne du Caffebaum pour des kneipabende (« soirées-bistrot »). [...] A partir de 1874, Braune fonde avec H. Paul (professeur à Fribourg et Brisgau) les *Beiträge zur Geschichte der Deutschen Sprache und Literatur*, qui paraissent encore aujourd’hui. Ces sont tous ces personnages qui vont former l’essentiel des néogrammairiens.

<sup>49</sup> Esses linguistas também eram chamados de *Junggrammatiker* nome que, de acordo com Morpugo Davies (1998), foi primeiramente usado por Friedrich Zarncke – Professor de Germanísticas em Leipzig – com o intuito de ao mesmo tempo zombar e afeiçoar os jovens protagonistas da Escola Neogramática.

<sup>50</sup> Tradução nossa de: In 1878, when Osthoff was already professor at Heidelberg but Brugmann still had only a precarious appointment, the two joined forces to edit a sort of periodical or collection of essays, the

O manifesto, no entanto, ainda estava ligado à transição de trabalho entre a Gramática Comparada e a Escola Neogramática, como esclarece Morpugo Davies:

“[...] dado as circunstâncias não era surpresa que inicialmente os neogramáticos comportavam-se como se o princípio da regularidade era baseado empiricamente; no entendimento deles isso estava ligado ao trabalho que eles faziam de comparação, reconstrução e desenvolvimento histórico e com suas primeiras análises dos dialetos individuais.<sup>51</sup>” (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 245)

Eis que surge uma gama de pesquisas entre 1876 e 1878 de autores como: Brugmann – sobre nasais silábicas e a demonstração do *o* no indo-europeu; Sievers – *Lautphysiologie*. Todos eles faziam parte desse grupo que marcou o início da Escola Neogramática. Logo, em 1880, aparece o trabalho de Paul que, para nós, demonstra esse novo olhar para a linguística da época. Notemos com Morpugo Davies a importância de Paul para a Escola Neogramática:

[...] o livro teórico que é fundamental para o pensamento dos neogramáticos é o *Prinzipien* de Paul, que era frequentemente reescrito e atualizado até a morte do autor. Sweet (1882-4, 105) elegeu a primeira edição como o ‘trabalho mais importante em filologia geral que apareceu nos últimos anos’, elogiou ‘sua extrema solidez’ e notou a habilidade de Paul em resumir as visões dos neogramáticos ‘mais rigorosa e consistentemente’ e por adicionar ‘várias ideias originais de sua escolha’.<sup>52</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 246)

Por esse motivo, selecionamos o *Prinzipien*, ou, traduzido em português como *Princípios Fundamentais da História da Língua*, já que demonstra o trabalho da Escola Neogramática com o AFL e, principalmente, a estreita a relação entre a teoria saussuriana que toma forma no momento de trabalho de duas escolas distintas: a Gramática Comparada e a Neogramática.

Nessa obra, Paul trata tanto de observações gerais da natureza e desenvolvimento da língua como da mudança de som e analogia e, por esses destaques, tem grande peso nos estudos teóricos da Escola Neogramática. Para Morpugo Davies, há no *Prinzipien* uma “distinção entre

---

*Morphologische Untersuchungen*, which, in spite of its intermittent life (1-4, 1878-81; 5, 1890; 6, 1910) and of the fact that it only consisted of contributions by the editors, played an important role [...] The introduction of the number, signed by Osthoff and Brugmann but drafted by Brugmann, counts as the real manifesto of the neogrammatian movement and is written in a somewhat overemphatic and revolutionary style bound to irritate the older generations.

<sup>51</sup> Tradução nossa de: *Given the circumstances it is not surprising that initially the neogrammarians behaved as if the regularity principle was empirically based; in their mind it was closely linked with the word that they were doing about comparison, reconstruction and historical development and with the first analyses of individual dialects.*

<sup>52</sup> Tradução nossa de: *[...] the theoretical book which is fundamental for the neogrammarians’ thought is Paul’s *Prinzipien*, which was frequently rewritten and updated until the author’s death. Sweet (1882-4, 105) hailed the first edition as ‘the most important work on general philology appeared of late years’, praised ‘its extreme soundness’ and remarked on Paul’s ability to sum up the views of the neogrammarians ‘more rigorously and consistently’ and to add ‘many original ideas of his own’.*

ciências naturais de um lado e ciências culturais do outro. A última é caracterizada em contraste com a primeira pela **importância dos fatores psicológicos, embora eles constantemente se interajam com os fatores físicos**<sup>53</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 246, grifo nosso).

Vale dizer que essa interação entre psicológico e físico é o ponto que mais nos interessa da contribuição dessa escola e seus linguistas. Nesse ínterim, os falantes tomam uma importância ainda não encontrada nos estudos linguísticos, e esses são os responsáveis pela produção da língua, como expõe Morpugo Davies:

O começo do psicologismo dos neogramáticos deve ser visto em seu contexto. É uma reação contra Schleicher – para ser entendido como um retorno parcial ao Humboldt mediado por Steinhal. Se a língua não é um objeto com uma vida própria, um organismo, **a atenção necessariamente muda para o falante ou falantes que é ou são responsáveis pela produção da língua**. A língua é então tratada como um fenômeno mental e o estudo da língua como uma parte da psicologia.<sup>54</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 247, grifo nosso)

Por essas questões, a interação psicológico/físico implica a apreensão clara do pensamento de Paul sobre o tema. Logo em sua introdução no *Prinzipien*, o autor coloca os sons das línguas como o que há de principal para o produto físico, como segue:

Para produzir numa outra alma a associação de ideias correspondente a uma nascida em si própria, a alma não pode fazer mais do que, por meio dos nervos motores, criar um produto psíquico, o qual, por sua vez, excitando os nervos sensitivos do outro indivíduo, produz na alma dele as ideias correspondentes, e mesmo igualmente associadas. De entre os produtos psíquicos que servem este fim, os mais importantes são precisamente os sons da língua. Além disso, temos os outros sons, e ainda expressões, gestos, imagens, etc. (PAUL, 1983 [1880], p. 23)

Ressaltamos que, nesse fragmento, Paul apresenta uma interação entre dois indivíduos e expressa a questão psicológica a qual abordamos acima. Há, portanto, a partir do indivíduo, a criação de um som ação “dos nervos motores”, e esse é considerado físico; daí surgem as “ideias correspondentes, e mesmo igualmente associadas”, ou seja, os nervos motores estão ligados à ideia, o que ratifica a concepção de que há uma interação entre o físico e o psíquico.

Do mesmo modo, o linguista se preocupa em definir a tarefa da ciência da língua, qual seja:

---

<sup>53</sup> Tradução nossa de: [...] distinction between natural sciences on the one hand and 'cultural sciences' on the other. The latter are characterized, in contrast with the former, by the importance of psychological factors, though these constantly interact with physical factors.

<sup>54</sup> Tradução nossa de: The beginning of the neogrammarians' psychologism must be seen in its context. It is a reaction against Schleicher – to be understood as a partial return to Humboldt mediated by Steinhal. If language is not an object with a life of its own, and organism, the attention necessarily shifts onto the speaker or speakers who is or are responsible for language production. Language is then treated as a mental phenomenon and the study of language as a part of psychology.

Aí vemos de resto que tudo o que de qualquer modo afetou a alma humana, a organização corporal, a natureza ambiente, toda a cultura, todas as experiências e vivências, tudo deixou efeitos na língua, e que esta portanto, observada deste ponto de vista, depende de todos os factores imagináveis, dos mais variados. Mas a tarefa especial da linguística não é estudar este conteúdo material. Nisso só pode colaborar com todas as outras ciências culturais. **Ela só tem que estudar as relações deste conteúdo ideológico com determinados grupos fonéticos.** (PAUL, 1983 [1880], p. 25, grifo nosso)

O autor verifica que os fatores imagináveis podem interferir nas questões da língua e, por isso, ele descarta o externo da língua; dessa forma, o linguista deixa estabelecido que, a rigor, a tarefa da ciência da língua deve ser somente pensar como as ideias estão ligadas a grupos fonéticos. Assim, observamos que uma relação ideia x som é elaborada em Paul, contudo, não encontramos uma definição de ambos os termos. O linguista acrescenta:

Também precisamos nomeadamente só de duas ciências exactas como **fundamento da linguística, a psicologia e a fisiologia**; e da última mesmo só algumas partes. O que normalmente entendemos por fisiologia do som ou fonética não abrange aliás todos os processos fisiológicos em si que fazem parte da atividade da fala, a saber a excitação dos nervos motores, pela qual os órgãos fonadores são postos em movimento. (PAUL, 1983 [1880], p. 25, grifo nosso)

Considerando esses pressupostos, comprova-se que Paul vê a linguística a partir da psicologia e da fisiologia, mas que ainda necessita de uma ciência que estude, por exemplo, a agitação dos nervos motores. Essa questão nos remete à primeira conferência proferida por Saussure na Universidade de Genebra em 1891, uma vez que, naquele momento, o autor discutia sobre a necessidade de a linguística precisar de outras ciências para se compor, como segue:

[...] eu colocaria, primeiro, esta simples questão: vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências? Essa é uma exigência que, eu comecei por constatar, ela satisfaz largamente e talvez muito mais do que um grande número de ciências, mas eu não considero, admito, que essa exigência seja justificada. (SAUSSURE, ELG, 2002 [1891], p. 127)

Isso prova que ainda havia a ausência de um objeto próprio da linguística e, consequentemente, instaurar esse objeto e estabelecer a ciência que o envolve são questões ainda a serem resolvidas pelos linguistas, uma vez que não podem ser encontradas nos trabalhos da Escola Neogramática. Vale ressaltar, ademais, que Paul apresenta uma imprecisão sobre qual fisiologia deve ser estudada, a dos sons ou a fonética, mostrando que esses dois últimos termos ainda não tinham uma delimitação.

Depreendemos, ainda, o termo “acústico”, que se encontra na obra de Paul a partir de um viés cuja função é interessante para a Escola Neogramática:

Além disso, a acústica, parte tanto da física como da Fisiologia, teria de ser tomada em conta. Porém os processos acústicos não são directamente influenciados pelos psíquicos, mas só indirectamente pelos fonético-fisiológicos. São de tal maneira determinados por estes que, uma vez dado o impulso, o seu decurso em geral já não sofre mais qualquer desvio, pelo menos um desvio que seja de importância para a natureza da língua. Sendo assim não é exigida para a compreensão da evolução da língua uma penetração mais profunda nestes fenômenos, pelo menos não é exigida na medida em que o é o conhecimento do movimento dos órgãos fonadores. Como isto não queremos dizer que por vezes não se possa ir buscar à acústica alguns conhecimentos. (PAUL, 1983 [1880], p. 25)

De acordo com o autor, o acústico não parece ter influência nos processos psíquicos; vemos que ele inclui no parágrafo anterior que os desvios acústicos não são importantes para a natureza da língua, ou seja, o estudo desse fenômeno não é central para sua pesquisa. Tal fato vai de encontro ao pensamento saussuriano que parece, na verdade, estar preocupado em distinguir o acústico de outros elementos do AFL – como veremos no *Phonétique*.

Dessa maneira, é possível dizer que Paul via no AFL um aspecto que deveria ser observado, mas sua ideia de ciência também estava intimamente ligada ao psicológico, ao passo que o acústico não estava diretamente relacionado ao fenômeno físico. Essa perspectiva ratifica a pesquisa acerca do movimento teórico saussuriano que gira em torno do aspecto fônico da língua, haja vista a persistência de Saussure em trabalhar com o AFL de uma forma que mostra um linguista inserido nas ideias de seu tempo, demonstrando – como veremos no terceiro capítulo – que há uma tentativa de extrapolar o físico do AFL no *Phonétique*.

Além disso, ainda com a obra de Paul, encontramos no capítulo III de seu livro, em que ele discorre sobre a mudança sonora, afirmações do autor de que para poder entender essa mudança é necessário ter-se uma ideia clara em torno dos processos físicos e psíquicos que operam nos grupos de sons, a saber:

[...] primeiro, os *movimentos dos órgãos fonadores*, como eles se produzem mediante a excitação dos nervos motores e a actividade muscular provocada por ela; segundo, a séries de sensações que necessariamente acompanham estes movimentos, o *sentido mecânico* [...]; terceiro, as *sensações sonoras* produzidas nos ouvintes, entre os quais, em condições normais, está incluído também aquele que fala. Estas sensações não são naturalmente processos só fisiológicos, mas também psicológicos. (PAUL, 1983, [1880], p. 59)

Neste sentido, a mudança sonora não diz respeito somente ao fisiológico; novamente, o psicológico é tomado em consideração; dentre esses processos, um deles é as “sensações sonoras”, que é explicada pelo autor como sendo processos não “só fisiológicos, mas também

psicológicos”. Quando pensamos nessas sensações vemos o quanto a teoria saussuriana se difere da de Paul. Na teoria do valor, Saussure afirma que o psicológico é uma característica em comum das partes constituintes do signo linguístico. Esse signo, portanto, é tomado sem nenhum elemento físico: “a propósito do circuito da fala, os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação.” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106).

Com a reflexão tecida neste capítulo constatamos que uma observação que se vale do AFL para retratar a língua é bastante antiga. Vimos no trabalho do *Crátilo* de Platão o som mostrar-se relevante na natureza dos nomes, e ali ele se coloca como o material desse elemento de estudo de Hermógenes, Crátilo e Sócrates. Na obra de Rousseau, o som é utilizado para poder expressar as paixões da língua; de acordo com o filósofo, se os homens tivessem somente que se comunicar usariam gestos para fazê-lo, mas para expressar suas paixões mais fortes o som é fundamental.

Na Gramática Comparada, a comparação entre as letras, fonemas, mudança de um som para o outro toma uma pesquisa extensa no que tange ao AFL a partir do trabalho de Grimm. Seu destaque para as consoantes e suas mutações fonéticas abre espaço para a criação de leis fonéticas. Schleicher, por sua vez, apresentava tanto seu estudo com as famílias das línguas, bem como com a comparação entre vogais e consoantes, a fisiologia dos sons e a pronúncia. Além disso, o linguista se valia de uma pesquisa voltada para a origem da língua, ou o que ele chama de língua original.

Ademais, a questão que se coloca em relação ao trabalho da Escola Neogramática, mais especificamente no trabalho de Paul, é que nele há dois fatores que chamam muita atenção, os fatores psicológicos e os fatores físicos da língua. Nesse momento de pesquisa linguística, de acordo com Morpugo Davies (1998), uma distinção entre ciências naturais e ciências culturais parece tomar forma, visto que a primeira assemelha-se ao físico, enquanto a segunda ao psicológico. Todavia, ambas estão imbricadas e se interagem.

Ao retomarmos nossa hipótese de que Saussure, no *Phonétique*, toma o aspecto fônico da língua e cria ali um movimento teórico que parece conduzir sua pesquisa em direção à fundação do conceito de língua, perguntamo-nos se há nesse manuscrito algum elemento que se relaciona à mudança fonética, à comparação de vogais e consoantes, à origem da língua, à preocupação com o físico e o psicológico. Em outras palavras, estamos sublinhando a possibilidade de a elaboração saussuriana se valer das pesquisas de sua época para a sua formulação que foi capaz de estabelecer um novo rumo às pesquisas linguísticas. Portanto, é lícito investigar um movimento teórico do linguista genebrino considerando a produção das

escolas comparatista e neogramática. Neste sentido, questionamos: seria possível encontrar no *Phonétique* marcas dessas escolas possíveis de serem relacionadas à produção saussuriana que culminou no estabelecimento de um objeto para a Linguística Moderna?

Refletimos sobre a persistência de Saussure em relação ao AFL, contudo, vemos aqui que não são raros os estudos que procuram no AFL os elementos de uma pesquisa linguística; sem dúvida, muitas noções sobre esse aspecto e seus desdobramentos já estavam introduzidas no pensamento dos linguistas de sua época. Dessa forma, voltamo-nos à pergunta sobre a produção de Saussure, mais especificamente a respeito do movimento do linguista acerca do AFL. Por que a insistência nesse aspecto? Afinal, o que implica? Em que ponto se pode relacioná-lo à delimitação do objeto da Linguística Moderna?

Para respondermos a essas questões, analisamos no terceiro capítulo um movimento saussuriano que se estabelece nos manuscritos do *Phonétique* que parece dar indícios de uma nova teoria para a linguística. Todavia, é fundamental tecer sobre o percurso de Saussure no que toca a sua obstinação com o AFL. Para tanto, procuramos estabelecer no capítulo seguinte um panorama histórico da produção saussuriana com o objetivo de notar sua insistência no AFL tanto em seus primeiros trabalhos, como o *Essai* e o *Mémoire*, como em nosso *corpus* específico de pesquisa desta tese, o *Phonétique*. Além disso, para compreendermos a relevância do AFL para a fundação da Linguística Moderna, examinamos, também, nessa mesma perspectiva, os cadernos dos alunos de Saussure e o *CLG*.

## 2. CAPÍTULO 2 – UM PANORAMA HISTÓRICO DO ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA EM SAUSSURE

“*Saussure was in line with most of his contemporaries; however, he went well beyond them in having doubts [...]”*

(Ana Morpugo Davies)

Saussure percorreu uma trajetória marcante na Linguística. Seus estudos na área foram responsáveis pela fundação da Linguística Moderna a partir da publicação de sua obra póstuma, *CLG*, em 1916. É evidente a importância desse livro e seu enorme prestígio; seu conteúdo muito interessa ser investigado para a retomada e análise dos preceitos linguísticos ali instaurados, visto que esses compõem os fundamentos da linguística hoje estabelecida.

Certamente, a trajetória da pesquisa saussuriana até chegar aos cursos de Linguística Geral faz com que outros trabalhos do suíço sejam buscados às pesquisas sobre seu percurso teórico, como seus manuscritos, suas anotações para aula, os cadernos dos seus alunos, entre outros.

Neste capítulo, procuramos observar o percurso de Saussure relativo a sua pesquisa do AFL e como esse aspecto é (re)tomado, (re)escrito, (re)visto em alguns de seus trabalhos ao longo de sua vida. Dessa forma, pesquisamos o caminho trilhado pelo linguista a começar de 1874 – momento em que Saussure escreve suas primeiras observações sobre linguística – até o período de suas aulas de Linguística Geral em Genebra de 1907-1911, essas que foram a maior fonte para a edição do *CLG*. Vale dizer que, apesar da marcação de datas, nossa investigação, mais do que cronológica, é centrada no percurso teórico saussuriano na pesquisa do AFL que se dá durante esse intervalo de datas (de 1874 a 1911), que, a nosso ver, é essencial para a fundação da Linguística Moderna.

Esse intervalo, provavelmente, engloba todo o percurso acadêmico de Saussure, e nosso objetivo, por sua vez, centra-se em uma análise dos trabalhos em que o AFL parece essencial para as postulações do linguista. É necessário salientar que, nesta tese, focamos em alguns trabalhos saussurianos para investigar tal aspecto. No entanto, há uma variedade de folhas escritas por Saussure que certamente constitui parte importante para a formulação dos seus pressupostos teóricos. É o caso dos estudos dos anagramas, da língua lituana, das lendas germânicas etc. (SOUZA, 2012; BRAZÃO, 2013; HENRIQUES, 2014).

O AFL parece-nos uma noção a qual Saussure dedicou-se a estudar e, de fato, assume um lugar privilegiado em seus estudos, como veremos no decorrer deste capítulo. Isso faz com que a investigação saussuriana que se ocupa da pesquisa e postulação acerca do aspecto fônico da língua consista nos objetivos deste estudo.

Assim, no intuito de mostrar como Saussure se vale da noção do AFL para estabelecer questões essenciais para a linguística, primeiramente, devemos pensar que alguns termos que observamos hoje nos trabalhos da linguística contemporânea - como fonética, fonologia, fonema - ainda não tinham a conotação como a conhecemos, entretanto, eram largamente

utilizados pelos linguistas como vimos no capítulo anterior. Interessa-nos, dessa maneira, investigar como esses termos foram empregados por Saussure para que possamos compreender melhor quando eles forem utilizados pelo linguista em seus trabalhos.

Devemos realçar que o trabalho de Saussure referente ao fonema, ao mesmo tempo em que está inserido no seu tempo - pois como vimos no capítulo 1, abordar sobre o AFL foi um dos pontos centrais das pesquisas pré-saussurianas -, o linguista também se desloca das concepções ali apresentadas, como vemos a seguir. Isso acontece, pois, como apontado por Souza (2011), é possível verificar no *CLG* que “o termo fonema foi uma substituição de ‘elementos fônicos’” e, além disso, Saussure tenta “diferenciar aquilo que é da ordem da substância e o que é da ordem de um elemento distintivo, formal”. Para o autor,

De um modo geral, a percepção de Saussure sobre o fonema está em sintonia com os pontos teóricos [sic] direcionam da futura Fonologia, embora, como podemos notar num trecho dos Escritos de Linguística Geral (2002), a distinção entre fonética e fonologia não é precisa como nos trabalhos de Trubetzkoy (1939) (SOUZA, 2011, p. 16)

Inferimos, assim, que a noção de fonema em Saussure é anterior às definições do termo e das noções desse que aparecem mais tarde nos estudos de Fonética e Fonologia a partir de Trubetzkoy.

Ainda, a respeito do termo fonema, de acordo com De Mauro (1967), no *CLG*, Saussure não chega a definir a realização fônica de fonema. “[...], Por conseguinte, Saussure evita cuidadosamente falar em suas aulas de fonema quando quer se referir às ‘unidades irredutíveis’ do significante” (DE MAURO, 1967, p. 433). De acordo com o autor, o termo fonema foi adotado por Saussure, no *Mémoire*, no sentido de “elemento de um sistema fonológico ou, seja qual for sua articulação exata, ele é reconhecido diferente de todo outro elemento<sup>55</sup>” (S. M. apud DE MAURO, 1967, p. 433). Vemos, portanto, que o termo fonema oscila nas postulações do linguista.

Além disso, sobre fonética e fonologia, Saussure assim reflete:

A fisiologia dos sons (em alemão *Lautphysiologie* ou *Sprachphysiologie*) é frequentemente chamada de “Fonética” (em alemão, *Phonetik*, inglês *phonetics*, francês, *phonétique*). Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo de

---

<sup>55</sup> Tradução nossa de: [...] *element d'un système phonologique où, quelle que soit son articulation exacte, il est reconnu différent de tout autre élément.*

articulação permanece sempre igual a si mesmo. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 67)

As definições, anteriormente apresentadas, divergem bastante do que temos estabelecido nos estudos linguísticos atuais, contudo, nosso objetivo não se centra nessas definições. Vemos que o AFL e seus desdobramentos tomam um lugar notável no trabalho do genebrino sem termos que nos debruçar sobre essas concepções. Todavia, de acordo com Silveira (2016), devemos considerar a abrangência de vários materiais quando tratamos dos estudos da teoria saussuriana, como descreve a autora:

A questão que se coloca sobre a produção de Saussure vai definir com que material se pode ou deve trabalhar e, inversamente, o material pode determinar a questão. Essa distinção entre os materiais não os torna excludentes; pelo contrário, muitas vezes são articuláveis. Caso o interesse seja investigar algum conceito saussuriano, já corrente na linguística atual, como o conceito de “língua”, por exemplo, é possível percorrê-lo no *CLG*, nos cadernos dos alunos e nos manuscritos de Saussure, nas suas cartas, nos manuscritos sobre os anagramas, sobre as lendas, sobre o lituano ou naqueles considerados os seus manuscritos de linguística. Todos eles podem trazer aspectos importantes da construção do conceito de “língua” em Saussure. (SILVEIRA, 2016, p. 29).

Ao optarmos por essa perspectiva, fizemos um levantamento da produção saussuriana no que tange ao AFL para compreendermos o percurso de Saussure até suas formulações no *Phonétique*, e dessa análise foi possível constatar um linguista obstinado pelo aspecto fônico da língua. Consequentemente, vimos ser necessário pautar sobre essa insistência do genebrino no AFL tanto em materiais anteriores ao *Phonétique*, no próprio manuscrito e no *CLG*, uma vez que esse percurso permite-nos criar um panorama do trabalho de Saussure com o AFL.

Para tanto, neste capítulo, passamos para a análise do AFL em três momentos distintos da elaboração saussuriana: i) nos trabalhos até 1881, ou seja, o que Saussure desenvolveu ainda na sua juventude no *Essai* e mais tarde no seu trabalho em Leipzig, o *Mémoire*; ii) no trabalho elaborado entre 1881-1884, no manuscrito *Phonétique*<sup>56</sup>; iii) nos trabalhos de 1907-1911, que são os cadernos dos alunos que participaram dos cursos de linguística geral em Genebra e que, consequentemente, constituem o *CLG*.

## 2.1 O aspecto fônico da língua até 1881

---

<sup>56</sup> Nesse momento optamos por apresentar o manuscrito e os estudos de autores representativos feitos a partir de sua observação, nossa análise dele está focado no capítulo 3 desta tese.

Há uma variedade de trabalhos de Ferdinand de Saussure até 1881 como, por exemplo, suas publicações no *Memórias da Sociedade Linguística de Paris (MSLP)*<sup>57</sup>. No entanto, nesse momento, focamos em dois trabalhos que retratam a questão do AFL, centro de nossa pesquisa, que são o *Essai* e o *Mémoire*, obras cuja extensão e complexidade demandam uma abordagem mais seletiva. Por isso optamos por priorizar o tema do AFL e nos apoiar em especialistas na exegese de tais materiais.

Saussure demonstra interesse pela linguística desde seus 13 anos. Em seu *Souvenirs*, ele memora seu zelo pelo livro *Les origines indo-européennes* de Adolphe Pictet e pela biblioteca de seu avô materno, como ele relata:

O venerável Adolphe Pictet, autor de *Origines Indo-européennes*, era vizinho de campo da minha família [...] embora ele não soubesse, eu nutria uma admiração tão profunda quanto infantil por seu livro, do qual havia estudado alguns capítulos seriamente. Na verdade, eu estava encontrando ao mesmo tempo outro alimento para meus gostos linguísticos através da biblioteca do meu avô materno<sup>58</sup>. (SAUSSURE, 1960 [1903], p. 16)

Sua admiração por seu vizinho e pela biblioteca de seu avô levou-o a redigir, aos seus 16 anos<sup>59</sup>, o *Essai*. Esse trabalho é evocado por Charles Bally (1865-1947) como “testemunho de um temperamento científico completamente pronto” e foi enquadrado “no horizonte da concepção saussuriana da reconstrução em diacronia” por Béguelin (1990) e Joseph (2012) (D’OTTAVI, 2017, pp. 156,157).

De Mauro (1967), por sua vez, verifica que o trabalho do *Essai* tenta postular um “sistema geral da língua”, a saber:

A tese central é a de que, a partir da análise de qualquer língua, é possível remontar a raízes bi e tri-consonantais, contanto que postulemos que  $p=b=f=v$ ,  $k=g=ch$ ,  $t=d=th$ . As “provas” eram numerosas, por exemplo, R-K era um “signo universal de prepotência ou de potência violenta: rex, regis; Rache, rügen; etc.” como o próprio Saussure recordará no seus *Souvenirs*.<sup>60</sup> (DE MAURO, 1967, p. 323).

<sup>57</sup> Cf. Fehr (1996)

<sup>58</sup> Tradução nossa de: *Le vénérable Adolphe Pictet, l'auteur des Origines Indo-européennes, était le voisin de campagne de ma famille [...] je nourrissais à son insu une admiration aussi profonde qu'enfantine pour son livre, dont j'avais sérieusement étudié quelques chapitres. [...] Il est vrai de dire que je trouvais en même temps un autre aliment à mes goûts linguistiques par la bibliothèque de mon grand-père maternel.*

<sup>59</sup> De acordo com D’Ottavi, Saussure tinha 16 anos e oito meses e escreveu a “nota autógrafa” no verão de 1874. (cf. D’OTTAVI, 2017)

<sup>60</sup> Tradução nossa de : *La thèse centrale est que, en partant de l'analyse de n'importe quelle langue, il est possible de remonter à des racines bi et tri-consonantiques, à condition de postuler que p=b=f=v, k=g=ch, t=d=th. Les « preuves » étaient nombreuses, par exemple R-K était « signe universel de prépotence ou de puissance violente : rex, regis; ; Rache, rügen ; etc. » comme le rappellera plus tard S. lui-même dans ses Souvenirs”.*

Sobre esse estudo, Jakobson (1969) observa que Saussure também “postula sobre nove raízes primitivas tríplices compostas de todas as possíveis combinações de *k*, *p*, *t* com um *a* no meio: *KAK*, *KAP*, *KAT* etc.”<sup>61</sup> (JAKOBSON, 1969, p. 5) e, ainda, “[...] assegura que dessas nove palavras primitivas irão resultar milhares de novas através de várias operações que não vão impedir um reconhecimento claro da forma de cada raiz”<sup>62</sup> (JAKOBSON, 1969, p. 6).

De acordo com Jakobson, esse trabalho parece tratar especificamente de morfologia e foram esses primeiros estudos que serviram como embasamento para o *Mémoire*, inclusive para os cursos de linguística geral na Universidade de Genebra. Além desse fato, afirmamos que é possível encontrar no *Essai* considerações sobre o AFL, pois, de acordo com Davis (1978), “ele [Saussure] começou muito cedo a cunhar uma nova terminologia que não iria, na verdade, expressar a cronologia da mudança histórica, mas sim a distribuição dos sons em contexto”<sup>63</sup> (DAVIS, 1978, p. 74). No seguinte fragmento do *Essai*, em que Saussure discorre sobre o nascimento da linguagem, uma função significativa é dada ao som:

No começo, acho, [o homem] possuía apenas as vogais, sons elementares que nem sequer são recusados aos mudos. As primeiras falas, ainda sem forma, devem ter se formado usando vogais sozinhas. Logo, porém, deve ter sido levado à aspiração que deu origem ao som gutural; era a aurora das consoantes. Depois da aspiração, a articulação mais fácil é, certamente, o som labial. Assim se obteve o P.<sup>64</sup> (SAUSSURE apud DAVIS, 1978, p. 77).

Nesse estudo preliminar sobre a origem de elementos que circundam o AFL, Saussure examina as conduções desses sons para outros sons, como segue:

Não demorou muito para que todas as formas do som gutural, do som labial e do som dental fossem inventadas, isto é, o *k*, por exemplo, levou ao *g*, ao *ch* – o *p* levou ao *b*, ao *ph* e até a um *m* – o *t*, ao *th*, ao *s*, ao *n*.<sup>65</sup> (SAUSSURE apud DAVIS, 1978, p.79).

E, a partir da observação dos sons L e R, Saussure chega às raízes:

Com os sons L e R chegamos, assim, à figura de 15 raízes que são:  
 kak. kap. kat.  
 pak. pap. pat.

<sup>61</sup> Tradução nossa de: *posits nine primeval threefold roots consisting of all possible combinations of k, p, t with an a inbetween: KAK, KAP, KAT, etc.*

<sup>62</sup> Tradução nossa de: “[...] assurest that de ces neuf mots primitifs il va en découlardes milliers de nouveaux au moyen de diverses opérations qui n'empêcheront pas de reconnaître clairement la forme de chaque racine”.

<sup>63</sup> Tradução nossa de: “He began quite early to coin new terminology which would in effect, express not the chronology of historical change, but the distribution of sounds in context”.

<sup>64</sup> Tradução nossa de: *En commençant, j'imagine, il ne possédait que les voyelles, sons élémentaires qui ne sont même pas refusés au muet. Les premières paroles, encore informes, ont dû être formées au moyen des voyelles seules. Bientôt cependant on dut être conduit à l'aspiration qui donna naissance au son guttural ; c'était l'aurore des consonnes. Après l'aspiration, l'articulation la plus aisée est certainement le son labial. On obtint ainsi le P.*

<sup>65</sup> Tradução nossa de: [...] on ne tarde pas à inventer toutes les formes du son guttural, du son labial et du son dental, c'est-à-dire que de *k* par exemple on fut conduit à *g*, à *ch* - de *p* on fut conduit à *b*, à *ph* et même à un *m* - de *t* à *th*, à *s*. à *n*

tak. tap. tat.  
kar. par. tar.  
kal. pal. tal (SAUSSURE apud DAVIS, 1978, p. 80).

Segundo Béguelin (2003), no *Essai* Saussure apresenta pela primeira vez uma estrutura sobre as raízes atribuídas a uma protolínguagem; dessa forma, “o método comparativo é nela posto em prática sem os resguardos habituais – o que não exclui, aqui e ali, o surgimento de intuições luminosas”<sup>66</sup>. Ademais, a autora acrescenta: “o *Essai* reflete seu momento atual, ainda marcado pelo debate de Rousseau sobre a origem das línguas, mas já aberto aos recentes sucessos da gramática comparada”<sup>67</sup> (BÉGUELIN, 2003, p. 9). Béguelin reconhece o trabalho do *Essai* como importante para o percurso de Saussure, mesmo que ele tenha sido caracterizado pelo seu próprio autor como infantil. O *Essai*, portanto, dá vida ao Saussure linguista que, a partir daí, mostra-se inserido no seu tempo e nas discussões da linguística da época.

Vale lembrar que a questão sobre a origem da língua ressaltada por Béguelin (2003) também foi retratada no nosso primeiro capítulo. Para vermos essa questão, retomamos, primeiro, a citação de Rousseau sobre a origem das línguas e o fato de que elas teriam sons simples e seriam pouco articuladas, com somente algumas consoantes (ROUSSEAU, 1999 [1759], p. 270); de maneira análoga no *Essai*, Saussure aposta que no começo, ou na origem das línguas, só haveria as vogais e sons elementares. Segundo, na página anterior, vemos Saussure apontar que logo o homem “deve ter sido levado à aspiração que deu origem ao som gutural”; de modo parecido, Rousseau retrata que o “interesse melhor se excita pelos sons” e acrescenta que por meio das paixões foram criados os primeiros sons. Para ambos os autores a origem das línguas dá-se a partir de sons simples, ou vogais e sons elementares e que seria por meio de um interesse particular do homem que teríamos sons capazes de excederem essa simplicidade. Isso, de fato, acarreta encontrarmos um Saussure do seu tempo, isto é, um linguista inserido nos estudos de sua atualidade, mas também relacionado a uma discussão anterior.

Saussure também se apresenta adiante do seu tempo em suas pesquisas quando faz as comparações entre as consoantes para chegar às raízes a partir das observações de L e R. Visto isso, é evidente que o destaque dado pela autora a esse trabalho é o que, para nós, necessita de notoriedade. Béguelin (2003) ressalta o seguinte:

<sup>66</sup> Tradução nossa de : *La méthode comparative y est mise en pratique sans ses habituels garde-fous — ce qui n'exclut pas, ça et là, l'émergence d'intuitions lumineuses.*

<sup>67</sup> Tradução nossa de: *l'Essai reflète l'air du temps, encore marqué par le débat rousseauiste sur l'origine des langues, mais déjà ouvert sur les succès récents de la grammaire comparée.*

Em seu Ensaio de juventude assim como mais tarde em seus trabalhos sobre os anagramas, pode-se notar que Saussure se dota de uma ferramenta de modelização poderosa demais, incapaz, afinal, de captar realística e indubitavelmente esse ou aquele aspecto do funcionamento da linguagem. Assim, a característica reducionista do *Essai* se deve ao fato de ele explorar **além do que seria plausível o esquema de “retorno à unidade [...]”**: por um lado, ele supõe uma protolíngua na qual **nem o modo de articulação das consoantes, nem o timbre das vogais seriam investidos de uma função relevante**; por outro lado, ele extraí suas correspondências apenas do domínio lexical, enquanto a gramática comparativa “ortodoxa” baseia seus resultados mais sólidos na comparação de marcas gramaticais (sufixos derivacionais, marcas de flexão, etc.)<sup>68</sup> (BÉGUELIN, 2003, p. 13, grifo nosso).

Destacamos, neste sentido, que o jovem linguista já demonstra no *Essai* deslocamentos teóricos que serão retomados mais tarde, o “retorno à unidade”, isto é, encontrar as raízes KAT, PAT etc. não foi seu único ponto forte desse trabalho. De acordo com Béguelin (2003), esse ponto de reconstrução chamado por Saussure de “retorno à unidade” é próprio do método comparativo e depois é retomado por ele em 1909-10 no seu curso de fonética grega e latina (BÉGUELIN, 2003, p. 2); fato que ratifica a ideia do linguista inserido no seu tempo.

Ademais, além de ser possível notar um linguista que se pauta na gramática comparada, vemos que Saussure conduz uma reflexão para além da comparação de marcas gramaticais e que parece começar ali a notar relevância na observação do aspecto fônico da língua. Isso acontece uma vez que o modo de articulação das consoantes e o timbre das vogais **não eram**, para o linguista suíço, dotados de uma função relevante.

Parece-nos, portanto, possível afirmar que o AFL se pauta em algum tipo de ausência do próprio som. Ora, uma vez que o genebrino retrata suas unidades não somente a partir da comparação de sons e suas mudanças, mas também diante de uma “articulação de consoante e o timbre das vogais” sem função relevante, acreditamos que a ausência de som pode se tratar de um ponto de tensão para o estudo saussuriano do AFL. Claro que estamos ainda no primeiro trabalho de Saussure, considerado por ele mesmo como infantil; contudo, deixamos suspensa essa questão para mais tarde: qual é a relação entre o aspecto fônico da língua e a ausência do som?

---

<sup>68</sup> Tradução nossa de: *Dans son Essai de jeunesse comme plus tard dans ses travaux sur les anagrammes, on peut relever Saussure se dote d'un outil de modélisation trop puissant, inapte, au bout du compte, à capturer de façon réaliste et indubitable tel ou tel aspect du fonctionnement langagier. Ainsi, le caractère réductionniste de l'Essai tient à ce qu'il exploite au-delà du plausible le schéma de « retour à l'unité » tel qu'il a été décrit plus haut sous 1.2. : d'une part il suppose une protolangue où ni le mode d'articulation des consonnes, ni le timbre des voyelles, ne seraient investis de fonction pertinente ; d'autre part, il ne tire ses correspondances que du domaine lexical, alors que la grammaire comparée « orthodoxe » fonde ses résultats les plus solides sur la comparaison des marques grammaticales (suffices dérivationnels, marques de flexion, etc.).*

Ao voltarmos para as observações de Béguelin sobre o *Essai*, encontramos uma nota sobre a questão do idêntico e do não idêntico, a saber: “o Ensaio coloca, em segundo plano, o problema do idêntico e do não idêntico, que se tornará um dos temas privilegiados, quase obsessivos do pensamento de Saussure adulto.”<sup>69</sup> (BÉGUELIN, 2003, p. 13). Assim, de acordo com Béguelin, Saussure passaria mais tarde nos manuscritos “Novos documentos” a interrogar sobre a questão de identidade acústica das produções. Esses passos do linguista ratificam a relevância que ele dava ao AFL, à identidade acústica e à entidade acústica; elementos chave que levam à sincronia, como segue:

O modo de existência da entidade acústica assemelha-se intimamente àquele que é reconhecido à forma unitária reconstruída por meio do método comparativo. A concepção que Saussure faz da língua reconstruída, objeto cujo status ontológico é tão particular, inspira diretamente nele o conceito sincrônico de língua, concebida como uma abstração que os sujeitos – como tantos comparatistas – elaboram a partir das “execuções particulares” que dizem respeito à fala.<sup>70</sup> (BÉGUELIN, 2003, p.15)

Há nessa reflexão alguns pontos que devem ser destacados. Observamos, por exemplo, que a entidade acústica tem uma relação com a unidade estabelecida pelo método comparativo (daquilo que abordamos na página anterior de “retorno da unidade”) e, mais, de acordo com a autora, anos depois o linguista suíço vê na língua reconstruída - objeto de status ontológico, isto é, que dispõe o que é mais geral de uma forma singular - uma relação com o sincrônico da língua.

Essa questão nos leva a refletir que o pensamento saussuriano não se apresenta a partir de uma linearidade. É possível analisar que, como mostra Béguelin (2003), há em vários trabalhos diferentes de Saussure uma marca de uma questão que leva a outra e assim sucessivamente. No *Essai*, o AFL é retratado com as bases dos estudos comparatistas, de reconstrução e retorno à unidade, todavia, é essa forma unitária que dá base, mais tarde, à questão da identidade acústica retomada nos “Novos documentos”<sup>71</sup> (BÉGUELIN, 2003) responsável também por inspirar os estudos sincrônicos da língua.

---

<sup>69</sup> Tradução nossa de : *l'Essai pose, en arrière-plan, le problème de l'identique et du non identique, qui deviendra un des thèmes privilégiés, quasiment obsessionnels, de la pensée de Saussure adulte.*

<sup>70</sup> Tradução nossa de: *Le mode d'existence de l'entité acoustique s'apparente étroitement à celui qui est reconnu à la forme unitaire reconstruite au moyen de la méthode comparative. La conception que Saussure se fait de la langue reconstruite, objet dont le statut ontologique est si particulier, inspire directement chez lui le concept synchronique de langue, conçue comme abstraction que les sujets — tels autant de comparatistes — élaborent à partir des « exécutions particulières » relevant de la parole.*

<sup>71</sup> Os “Novos documentos” a que Béguelin se refere nesse momento são aqueles dispostos no livro *Escritos de Linguística Geral* organizado e editado por Bouquet e Engler (2002).

Neste sentido, se podemos encontrar nesse momento um trabalho que pode nos dirigir de alguma forma à sincronia ratificamos a ideia de que o aspecto fônico da língua pode, sim, estar ligado à noção de língua cunhada por Saussure no *CLG*. Afinal, na segunda parte de sua obra póstuma, todos os elementos acima abordados por Béguelin (2003) são necessários para estabelecer a concepção de sincronia, a saber: entidades; unidades; identidades; valores. Além disso, indicamos que outros pontos do *CLG* também parecem estar associados aos termos retratados, pois, como poderia ser possível abordar o valor linguístico sem discorrer sobre o que entra em jogo no funcionamento da língua, isto é, sem estabelecer as noções de unidade, identidade etc.?

É claro que não chegamos tão longe no conceito sincrônico de língua a ponto de ser retratada a teoria do valor no *Essai*, entretanto, anos mais tarde, em 1878, o linguista escreve, durante o período em que estudava em Leipzig, o *Mémoire*. Nesse trabalho, outra vez, o AFL parece ser determinante para as postulações saussurianas e dispõe a novidade que se instaura naquele momento.

Para Béguelin (2012), “[...] estão na linha direta do *Mémoire*, cuja originalidade consiste precisamente [...] em contemplar os sons como “portadores da ideia” no contexto das alternâncias gramaticais”<sup>72</sup> (BÉGUELIN, 2012, p. 79). Percebe, em vista disso, que sons e ideias já parecem estar de alguma forma conectados nesse momento de trabalho do linguista.

Segundo Morpugo Davies (2004), o *Mémoire* versa sobre o vocalismo no indo-europeu, como segue:

[...] por um lado ele refere às vogais que podemos reconstruir para a língua original, por outro lado o fenômeno de alternação vocalica que marca contrastes gramaticais, o chamado Ablaut ou apofonia vocalica, sua função e sua origem. Anacronicamente poderia-se declarar que o livro se refere à fonologia e morfofonologia do indo-europeu reconstruído e as línguas derivadas. Saussure declara, primeiramente, que seu principal interesse é o que é chamado o *a* indo-europeu, mas a discussão gradualmente deixa claro que todo o sistema vocalico foi o foco de atenção. Em outras palavras não é um som que é discutido, mas todo um sistema fonológico, seus contrastes, suas hierarquias e sua função morfofonêmica<sup>73</sup>. (MORPUGO DAVIES, 2004, p. 17)

<sup>72</sup> Tradução nossa de: [...] se situent dans le droit fil du *Mémoire*, dont l'originalité consiste précisément, [...], à envisager les sons en tant que "porteurs de l'idée" dans le cadre des alternances grammaticales.

<sup>73</sup> Tradução nossa de : [...] on the one hand this refers to the vowels that we can reconstruct for the parent language, on the other to the phenomena of vocalic alternation which mark grammatical contrasts, the so-called Ablaut or vocalic apophony, its function and its origin. Anachronistically it could be stated that the book concerns the phonology and morphophonology of reconstructed Indo-European and the derived languages. Saussure states at the outset that his main concern is what is called the Indo-European *a*, but the discussion gradually makes clear that the whole vocalic system has been the focus of attention. In other words it is not one sound which is discussed but a whole phonological system, its contrasts, its hierarchies and its morphophonemic functioning.

Vemos, portanto, que há um trabalho de reconstrução sendo feito do vocalismo do indo-europeu, o que concerne tanto à Gramática Comparada quanto ao nosso ponto de interesse, o AFL. Há, também, uma preocupação com algo muito maior que somente o *a* indo-europeu, já que o linguista se desdobra na ideia de todo um sistema fonológico, o que aponta uma nova perspectiva de pesquisa.

A partir desse trabalho, há vários preceitos da Gramática Comparada sendo retratados, como Béguelin (2003) explicita:

O inventário dos dados gramaticais fornecidos pelas várias línguas indo-europeias dá a Saussure a oportunidade de apresentar sua visão resolutamente analogista, revolucionária na época, do sistema grammatical do indo-europeu. **A hipótese regularizadora dos coeficientes revela um poder explicativo surpreendente.** Toda uma série de problemas fonéticos ou morfológicos, irresolutos na gramática comparada da época, encontram, quase naturalmente, uma solução graças a essa hipótese, cuja validade confirmam. É notável constatar que, neste trabalho, o método exerce-se na forma privilegiada da reconstrução interna, prescindindo, por assim dizer, dos dados da comparação.<sup>74</sup> (BÉGUELIN, 2003, p. 20)

Nesse ponto deparamos com um linguista que está à frente no trabalho dos comparatistas: ele cria uma hipótese regularizadora dos coeficientes e a questão de procurar o geral e criar regras que seriam responsáveis, naquele momento, por resolver problemas da gramática comparada. A postura típica dos comparatistas de fazer as comparações e não levar às suas consequências é, de fato, algo que Saussure critica ao elucidar os trabalhos desses linguistas do século XIX; ele aponta: “[...] a Gramática Comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria.” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 34).

Além disso, Béguelin aponta:

O Mémoire é, de fato, o primeiro tratado moderno de morfo(no)logia indo-europeia, para não dizer de morfo(no)logia. Como já disse no meu preâmbulo, as ferramentas da "ciência da linguagem vindoura" já estão em pleno funcionamento neste livro, embora não estejam, pelo menos de maneira simples, "dadas a ler"<sup>75</sup>. (BÉGUELIN, 2003, p. 21)

<sup>74</sup> Tradução nossa de: *L'inventaire des données grammaticales fournies par les diverses langues indo-européennes donne à Saussure l'occasion de présenter sa vision résolument analogiste, révolutionnaire à l'époque, du système grammatical de l'indo-européen. L'hypothèse régularisante des coefficients révèle un pouvoir explicatif étonnant. Toute une série de problèmes phonétiques ou morphologiques, irrésolus dans la grammaire comparée de l'époque, trouvent presque naturellement leur solution grâce à cette hypothèse, et viennent en confirmer le bien-fondé<sup>18</sup>. Il est remarquable de constater que la méthode s'exerce, dans cet ouvrage, sous la forme privilégiée de la reconstruction interne, se passant pour ainsi dire des données de la comparaison.*

<sup>75</sup> Tradução nossa de: *Le Mémoire est en fait le premier traité moderne de morpho(no)logie indo-européenne, voire de morpho(no)logie tout court. Comme je l'ai dit plus haut dans le préambule, les outils de la « science du langage à venir » sont déjà pleinement à l'oeuvre dans cet ouvrage, même s'ils n'y sont pas, du moins de manière simple, « donnés à lire ».*

Chamar o trabalho do *Mémoire* como morfológico é algo em comum tanto para Morpugo Davies (2004) como para Béguelin (2003). Fato que corrobora a circunstância de que há nesse momento um trabalho característico que toma o AFL combinado às questões morfológicas como parte de sua produção, uma vez que, a nosso ver, o linguista trata de um método que cria hipóteses possíveis de resolver problemas antigos entre os comparatistas. Isso prova a necessidade de Saussure de tomar os aspectos próprios da Gramática Comparada e renová-los em seus postulados considerando todo um sistema vocálico e um sistema fonológico que, por sua vez, mostram o AFL em um ponto crucial desse momento de elaboração saussuriana mais uma vez.

De forma sintética, destacamos, até então, dois aspectos relevantes neste estudo: i. o trabalho saussuriano, tanto do *Essai* como do *Mémoire*, mostra-se necessariamente circundado pela noção do AFL e, a nosso ver, mesmo que o trabalho do *Essai* tenha sido caracterizado pelo próprio Saussure como infantil, ele trata de elementos teóricos, como o da identidade, fundamentais para seus estudos mais tarde. Notemos que isso se dá por meio de um trabalho morfológico, mas que se sustenta a partir do AFL; o que também ocorre no *Mémoire*, como declarou Béguelin e Morpugo Davies ao afirmarem que ele pode ser referido como “morfo(no)lógico”; ii. Béguelin apresenta um trabalho de Saussure que, além de utilizar os preceitos da Gramática Comparada, passa a se deslocar do trabalho dessa escola, tanto no *Essai* como no *Mémoire*, o que caracteriza sua postura inovadora já nos seus primeiros trabalhos sobre linguística.

Temos, portanto, o linguista inovador que se baseia nos estudos de sua formação em Leipzig, mas que também se mostra adiante de seu tempo e, além disso, dá ênfase ao AFL que é fundamental para suas pesquisas. Vimos que o linguista insiste na noção do AFL logo nesses seus estudos preliminares; estaria essa insistência no estudo do AFL ligada à novidade instaurada nos estudos da linguística, àquela que estabeleceria seu objeto? Esses questionamentos nos direcionam ao manuscrito especial que mais ênfase dá às características do AFL, ou seja, o manuscrito *Phonétique*.

## 2.2. O *Phonétique* (1881-1884)

Os manuscritos de Harvard, que possuem ao todo 638 folhas ou 995 páginas, são compostos por um conjunto de nove arquivos bem variados, nos quais há “cadernos, fichas, envelopes, cartas e folhas soltas de formatos e gramaturas diversas” (D’OTTAVI, 2017). De

acordo com Marchese (1995), esses manuscritos foram arquivados na biblioteca de *Houghton Library* em 1968, entretanto, essa autora acredita que não há como saber se a numeração dos arquivos (de 1 a 9) foi feita pelos catalogadores. Outro ponto que suscita interesse histórico é de como esses manuscritos chegaram à Harvard; quanto a isso, D’Ottavi assegura o seguinte:

Jakobson declarou que a Biblioteca de Houghton Library teria sido, genericamente, ‘agraciada’ com a coleção pelos filhos de Ferdinand – Jacques (1892-1969) e Raymond (1894-1971) de Saussure – ao passo que, em outra ocasião, ele falou explicitamente em ‘doação’. A nota oficial da Biblioteca qualificou a natureza dessa transação como ‘compra’, que teria sido efetuada pelos *Amigos do fundo bibliográfico do Harvard College*, e assinalou até mesmo o montante da transação: 2000 dólares. (D’OTTAVI, 2017, p. 155)

Segundo D’Ottavi (2017), dos arquivos 1 ao 9 foram encontrados os seguintes títulos:

- 1) *Du génitif absolue en sanscrit (1880-1881)*, tese apresentada por Saussure à Faculdade de Filosofia da Universidade de Leipzig em 1880; 2) *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l’allemand à un petit nombre de racines (1874)*, a primeira empreitada de Saussure em linguística e o documento mais velho entre os manuscritos de Harvard; 3) *Notes de lexicographies sanscrits*, notas sobre as formas das raízes sâncritas; 4) *Lecture de Mémoire par G. Guieyesse (1889)*, obra de Georges Guieyesse, um dos alunos de Saussure de Paris; 5) *Notes d’arménien*, notas sobre o problema do *-kh* final armênio; 6) *Notes on Linguistics*, intitulado pelos arquivistas (em inglês) de notas sobre assuntos variados; 7) continuação do caderno 3; 8) *Phonétique (1881-1884)*, no qual constam a noção e as implicações do conceito de “fonema”; 9) *Message d’Alphonse de Candolle*, mensagem de Alphonse de Candolle (botânico genebrino) a Saussure.

O trabalho de diferentes linguistas com esses manuscritos tem início desde a data de sua catalogação em Harvard, a saber:

Depois do anúncio de Jakobson (1969), e das notas esparsas de Davis (1978; 1990; 1992), uma primeira apresentação homogênea do fundo foi feita por Marchese (1990), apresentação revista e substituída por notas introdutórias a sua edição de uma das pastas harvardianas (Marchese 1995: VII-XI; ver § 2.2). O ‘Guia’ da Biblioteca Houghton oferece um ponto de partida oficial para a exploração do material, ao mesmo tempo em que a via maior de acesso aos manuscritos saussurianos de Harvard é, ainda hoje, a edição antológica publicada no início dos anos 1990 por Parret (1993). (D’OTTAVI, 2017, p. 102).

De todo esse compilado de folhas, o que nos chama a atenção é o arquivo 8 constituído por cinco cadernos com o título *Phonétique*. Para Marchese (1995), provavelmente esse conjunto de anotações recebeu esse nome de Saussure e presume-se ser datado de 1881-1884. Para D’Ottavi (2017), esses cinco cadernos não sugerem estar em sequência, porém o formato

das folhas e a escrita mostram-se de forma homogênea, além do formato do texto que segue critérios recorrentes, em suma, o conjunto das folhas apresenta certa unidade.

As questões trazidas pelo genebrino acerca do AFL e dos desdobramentos desse aspecto são essenciais ao presente estudo, particularmente pela dedução de corresponderem a um momento decisivo na conceituação de termos que, de acordo com nossa hipótese, encaminham a pesquisa de Saussure rumo ao seu objeto. Por esse motivo, nesse momento, tratamos de fazer nota de pesquisas sobre o aspecto fônico da língua presente nesse manuscrito sob a ótica de especialistas no material. Dadas essas considerações apresentamos um breve aporte teórico das pesquisas realizadas com o *Phonétique* e embasamos nossa investigação mais aprofundada do AFL nesse manuscrito no terceiro capítulo.

Jakobson (1969), Marchese (1995) e Joseph (2012) advertem que o conteúdo do *Phonétique* consistia tanto nas aulas ministradas por Saussure em Paris na *l'École Pratique des Hautes Études*, como em uma resposta à crítica de H. Osthoff ao *Mémoire*. D'Ottavi ainda constata que Sechehaye e Bally atestam ter utilizado algumas passagens desse arquivo como fonte do *CLG*, o que corrobora a necessidade de uma investigação sobre seu conteúdo e sobre sua participação na fundação da Linguística Moderna.

O primeiro trabalho investigativo sobre o conteúdo desses manuscritos foi de Jakobson (1969), para quem esse conjunto de páginas escritas revelava um material muito rico no campo da fonética<sup>76</sup> e para o autor:

Ao lidar com ambas a produção e recepção da fala, este projeto de fonética geral é rico em singulares, concretas e pertinentes generalizações e observações. Aplica-se de forma consistente o termo “acústico” unicamente ao nível sensorial, ao nível psíquico-acústico da língua e estritamente distingue as noções de sensação acústica e fenômeno físico, mas avança na questão do relacionamento entre esses dois termos; na definição de Saussure, unidade fonética = unidade acústica de sensação do fenômeno físico<sup>77</sup>. (JAKOBSON, 1969, p. 8).

Ora, se presumirmos que, assim como ressalta Jakobson, no *Phonétique*, temos o acústico ao nível sensorial e, se há ali, em 1881-84, noções de distinção entre sensação acústica e fenômeno físico, verificamos de fato um trabalho de Saussure além de seu tempo. Isso se comprova, como abordamos no primeiro capítulo, pois houve um grande trabalho dos

<sup>76</sup> Devemos lembrar que os termos fonética e fonologia na época de escrita do manuscrito ainda não tinham sido estabelecidos como os conhecemos hoje, como abordamos na introdução.

<sup>77</sup> Tradução nossa de: *In handling both the production and the perception of speech, this blueprint of general phonetics is rich in novel, concrete and apposite observations and generalizations. It consistently applies the term acoustique solely to the sensory, psychoacoustic level of language and strictly distinguishes the notions of sensation acoustique and phénomène physique but advances the question of their relationship; in Saussure's definition, unité phonétique = unité acoustique de sensation du phénomène physique*

comparatistas – Grimm e Schleicher – entre a comparação e reconstrução das línguas, o aparecimento de leis fonéticas que deu a esses trabalhos uma nova concepção acerca do AFL e, mais, os linguistas da Escola Neogramática tratam de uma noção fisiológica e psicológica da língua, mas o dado acústico ainda não é o foco da pesquisa como vimos nos fragmentos de Paul (1983 [1880]). Tendo essas questões em consideração, ao ponderar que Saussure no manuscrito distingue sensação acústica e fenômeno físico temos a configuração de um passo à frente para a pesquisa do AFL.

Contudo, Jakobson (1969) não aborda os aspectos teóricos do *Phonétique* para estabelecer essas compreensões. Por isso, torna-se necessário verificar nos cadernos do referido manuscrito essa consistência do termo “acústico” em relação ao sensorial referida pelo autor, uma vez que ela parece dar à teoria saussuriana um embasamento de uma novidade para o estudo da linguística. No entanto, para confirmarmos tal relação ainda temos um longo caminho a trilhar na investigação do arquivo 8 dos manuscritos de Harvard.

Além disso, Jakobson concebe que o manuscrito tenha sido escrito na última década do século XIX pelo seguinte motivo:

Parece, no entanto, mais provável que a elaboração deste tratado de fonética pertence à última década do século passado, os primeiros anos de docência de Saussure em Genebra inaugurada em 1891. Estes são os anos em que o conceito de “ciência dos signos” e os termos semiologia e semiológico aparentemente entram em suas notas (cf. Godel, o.c., pp. 37, 48, 275).<sup>78</sup> (JAKOBSON, 1969, p. 10).

Afirmção que, mais uma vez, pode corroborar o fato de que esse “tratado de fonética”, como é chamado o *Phonétique* por Jakobson, trabalha com uma possível investigação do AFL que teria, em seu cerne, a busca por estabelecer uma nova teoria. Portanto, perguntamos se poderia haver nesse momento de trabalho do Saussure questões de semiologia que levariam a ideia de “ciência dos signos”. De acordo com Jakobson, “a “fonética semiológica” e a importância primordial designada pelo tratado ao “valor semiológico” do fonema lança uma nova luz sobre o lugar de Saussure na gradual luta por uma abordagem intrinsecamente linguística para o padrão de som da língua” (Ibidem, p. 13).

Parece-nos, assim, que o AFL começa a ter novas ramificações; sua importância e dos termos que são cunhados a partir desse aspecto, para Saussure, demonstram um momento crucial de elaboração do linguista genebrino. Em suma, se esse manuscrito toma essa proporção

<sup>78</sup> Tradução nossa de: *It seems, however, most probable that the elaboration of this phonetic treatise belongs to the last decade of the past century, the first years of Saussure's Genevan professorship inaugurated in 1891. These are the years when the concept "science of signs" and the terms sémiologie, sémiologique apparently enter into his notes (cf. Godel, o.c., pp. 37, 48, 275).*

no trabalho de Saussure, vemos a necessidade de comprovar essas questões abordadas pelo linguista russo.

Apesar da data proposta por Jakobson de escrita do manuscrito – 1891 – ter sido ignorada por Marchese (1995) e D’Ottavi (2017), sua reflexão sobre haver uma distinção entre a sensação acústica e fenômeno físico deve ser levada em consideração. Como será abordado posteriormente, esse compilado de folhas que têm como título *Phonétique* é, de fato, um documento em que Saussure se dedica à questão do aspecto fônico da língua, e essa insistência do linguista em tratar o AFL de forma substancial, a ponto de ter um documento de 177 páginas não nos parece ser infundada. Saussure reconhecia nesse aspecto alguma questão digna de ser examinada exaustivamente. Acreditamos que nesse momento o linguista se aproxima de uma frase de Debussy em que o músico afirma: “Ser superior aos outros nunca foi um grande esforço, se não se acrescenta ao bonito desejo de ser superior a si mesmo”. Vemos, portanto, que Saussure se supera, repetidas vezes, na insistência com o AFL.

No entanto, há na concepção de Jakobson no que diz respeito à distinção entre a sensação acústica e o fenômeno físico ou na sua ideia em relação à presença do valor semiológico no manuscrito características que marcam um deslocamento no trabalho de Saussure. Teriam no manuscrito de Harvard, *Phonétique*, elementos que ratificam as afirmações do linguista, ou há nesse compilado de folhas diferentes princípios que direcionam Saussure a dar outro caráter ao AFL? Essas questões são essenciais para nossos objetivos de pesquisa, entretanto, elas não poderiam ser respondidas sem se fazer um paralelo de observações entre as folhas manuscritas, os trabalhos dos linguistas da época e os próprios trabalhos de Saussure. Dessa forma, esse ponto será trabalhado no próximo capítulo. Por hora, investigamos as pesquisas do *Phonétique* de outros autores.

As investigações desse manuscrito não param nessas primeiras ideias de Jakobson. Parret (1993) também se dedicou à análise desse compilado de folhas e publicou suas impressões sobre a empreitada linguística de Saussure que irá desencadear os fundamentos da sua teoria fundada em 1916 com a publicação do *CLG*. Em seu primeiro artigo sobre o tema, o autor investiga todo o compilado de folhas do manuscrito e faz uma espécie de catálogo do seu conteúdo. Em seguida, em 1995, Parret retorna ao trabalho realizado nos manuscritos de Harvard e aborda as seguintes reflexões sobre *Le temp e le moi*:

Os problemas de interpretação são múltiplos e complexos, e os fragmentos dos manuscritos de Harvard, ainda mais que as notas já publicadas, são como uma tela “sobre a qual podemos bordar” – para usar uma bela expressão de

Engler. É uma aventura arriscada e um desvio devido a uma *Hineininterpretierung* não é inimaginável.<sup>79</sup> (PARRET, 1995, p. 94).

Parret estabelece o que ele chama de “boa rota” para seus estudos e assim reflete:

[...] a fonética semiológica ou a semiologia do fonema considerará essencialmente o fonema como oposto ao silêncio – a delimitação acústica do fonema por oposição ao silêncio. Hipóstase do SOM, glorificação da ORELHA, o fato fonético nos é dado pela sensação auditiva. [...] A orelha está bem presente na fonética semiológica, não a do fisiologista, mas a orelha do sujeito falante e “analisante” que apreende as saliências.<sup>80</sup> (PARRET, 1995, p. 99) (grifos do autor).

Vale notar que nessas linhas Parret se aproxima do exposto por Jakobson anteriormente. O linguista belga também reconhece que nesse documento saussuriano, *Phonétique*, há o estudo de uma fonética semiológica e, para além de Jakobson, ele ressalta que a observação da “orelha do sujeito falante” é importante para o percurso saussuriano. É fato que há uma questão vista pelo autor que nos estimula, a saber: há uma unidade mínima acústica vista em oposição ao silêncio; isso nos lembra de nossa pergunta anterior sobre a relação entre o aspecto fônico da língua e a ausência do som. Podemos notar que o fonema parece estar na presença enquanto o silêncio, sua oposição, está na ausência, fato que nos mostra uma diferença e uma negatividade, elementos importantes na elaboração de Saussure como veremos adiante quando abordarmos o *CLG*. Efetivamente, para nós, há muita pesquisa a ser feita nesse campo e Parret se dedica em outros volumes a fazer um aprofundamento dessas questões.

Entretanto, para que possamos nos atentar ao movimento teórico saussuriano que dá ao AFL um estatuto que o faz interessante para concepções que assinalaram a fundação de uma novidade teórica aos estudos linguísticos, afastamo-nos dessa análise acerca da “orelha do sujeito falante” para focarmos na observação de um movimento que se baseia nos elementos que circundam o AFL, isto é, som, acústico, fonema, entre outros.

Verificamos, além do trabalho de Parret, Milano (2016), que aborda em diferentes artigos o reconhecimento do AFL no *CLG*; seu trabalho que mais privilegiamos é o de 2016, em que a autora procura “investigar o lugar que a condição fônica das línguas assume na reflexão de Ferdinand de Saussure” (MILANO, 2016, p. 142) e, assim, ela busca o rastro do

<sup>79</sup> Tradução nossa de: *Les problèmes d'interprétation sont multiples et complexes, et les fragments des manuscrits de Harvard, plus encore que les notes déjà publiées, ne sont qu'un canevas «sur lequel on peut broder» - pour employer une belle expression d'Engler. C'est une aventure risquée, et une déviation due à une Hineininterpretierung n'est pas inimaginable.*

<sup>80</sup> Tradução nossa de: *la phonétique sémiologique ou sémiologie du phonème considérera essentiellement le phonème comme opposé au SILENCE - la délimitation acoustique du phonème par opposition au silence. Hypostase du SON, glorification de l'OREILLE le fait phonétique nous est donné par la sensation auditive [...] L'oreille est bien présente dans la phonétique sémiologique, non pas celle du physiologiste, mais l'oreille du sujet parlant et 'analysant' qui saisit les saillances.*

som deixado pelo linguista. Sua análise seguindo o “rastro do som” nos faz conferir o destaque que Saussure dá à noção do AFL e, para a autora, o genebrino vai além disso, como ela argumenta:

Não parece detalhe que Charles Bally e Albert Sechehaye tenham dado lugar de destaque ao campo do fônico junto aos demais elementos basilares da obra que apresenta o pensamento de Saussure. Tudo indica que noções como *matéria, tarefa e objeto da linguística* dialogam muito intimamente com a definição *unidade* (fonema) e com *função da unidade* (na “cadeia da fala”). (MILANO, 2016, p. 142)

Neste sentido, é possível comprovar o quanto o AFL é estudado por diversos pesquisadores a partir da sua importância primordial na obra de Saussure. De acordo com Milano (2016), o campo fônico parece estar ligado às noções de “matéria, tarefa e objeto da linguística”, o que se aproxima da nossa hipótese que vê a insistência de Saussure na investigação do AFL um caminho possível para a definição de língua; o que nos diferencia da autora, no entanto, é que nossa investigação focaliza o AFL a partir da observação de um movimento do linguista que realça esse aspecto e parece dar a ele um peso privilegiado em sua obra.

Com efeito, notamos que a autora também dá ao *Phonétique* sua marcante participação na concepção saussuriana de fonética semiológica quando ela discorre sobre o tema:

[Saussure] procurava partir de um método de análise muito próximo ao que hoje conhecemos como *fonologia*, na época ainda não estabelecido como tal. Saussure passa a considerar, portanto, o aspecto sonoro a partir das relações do som no seio do sistema linguístico, ou seja, imprimindo um olhar sincrônico ao aspecto fônico da língua – o que nomeou de *fonética semiológica* [...] É essa concepção sincrônica dos estudos dos sons que parece amparar os fundamentos presentes no apêndice “Princípios de fonologia”. A *fonética semiológica* registrada no manuscrito *Phonétique* anuncia uma “delimitação em nome da semiologia do fonema (negativa somente) e que só vem após a delimitação acústica” (Saussure, 1995:91). Vê-se que havia já nos rascunhos do jovem pesquisador uma indicação da necessidade de se fazer uma semiologia do fonema calcada na delimitação dada pela impressão acústica. (MILANO, 2016, p. 149).

Certamente, a fonética semiológica é um ponto essencial do manuscrito *Phonétique*. Sua relevância, retratada por diferentes autores, demonstra uma insistência no trabalho com o AFL de forma mais consistente desde 1881 com esse manuscrito. Foram essas observações que levaram Saussure tanto a encontrar o objeto da linguística quanto a se deslocar dos estudos diacrônicos da época e partir para uma pesquisa sincrônica?

Todas essas perguntas direcionam nossa hipótese de que no *Phonétique* poderíamos encontrar um movimento teórico responsável por direcionar os estudos e concepções de Saussure rumo à concepção do objeto da Linguística Moderna. Por essa razão, no capítulo três,

traçamos uma abordagem mais abrangente e aprofundada do trabalho saussuriano com o AFL no *Phonétique*; dessa forma, procuramos investigar como a noção de AFL e seus desdobramentos podem apresentar os caminhos para a Linguística que dispõe do objeto língua. Nesse momento, seguimos nos trabalhos saussurianos que mostram o AFL como uma noção essencial para a construção das concepções teóricas do linguista.

### 2.3 O aspecto fônico da língua nos cursos de Linguística Geral (1907-1911)

Ao pesquisarmos alguns trabalhos saussurianos que persistiam nas noções que circundam o AFL como base para as postulações linguísticas notamos que nos cursos de linguística geral, entre 1907 e 1911, há um aprofundamento dessas noções e passa-se a registrar as características de vários termos que foram distintos entre si, tais como: som, acústico, fonema, entre outros. Logo após as aulas desses cursos, houve a publicação do *CLG*, livro editado pelos alunos e colegas de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, em 1916, seguida de uma grande repercussão nos estudos linguísticos, com a instauração de uma nova rede de conceitos.

Uma questão relevante, no que concerne ao *CLG*, é que ele foi publicado pouco mais de dez anos depois da famosa carta do suíço a Meillet. Nessa carta, Saussure desabafa sobre sua insatisfação com a terminologia corrente e a necessidade de sua reforma, assim como no dever de se aprofundar no questionamento sobre que tipo de objeto é a língua. Como consequência disso, Saussure parece procurar estabelecer o papel do linguista e o objeto da linguística, fato que nos impulsiona a examinar se parte dessa procura já aparece no manuscrito *Phonétique*, escrito mais ou menos dez anos antes da carta a Meillet.

Contudo, além desse manuscrito, os cadernos dos alunos que participaram das aulas em Genebra de 1907-1911 e o *CLG* são os materiais que, primeiro, fazem parte das notas investigadas pelos editores na confecção do livro póstumo de Saussure e, segundo, divulgam o trabalho do linguista; fatos que reafirmam a necessidade de compreendermos como o AFL e seus desdobramentos são abordados até chegar ao objeto da linguística em ambos os materiais.

Os cursos de Linguística Geral foram ministrados por Saussure de 1907 a 1911, sendo o primeiro no ano de 1907, o segundo em 1908-1909 e o terceiro em 1910-1911. A partir da anotação dos cadernos dos alunos<sup>81</sup> que participaram desses cursos, foi possível que Bally e Sechehaye trabalhassem de forma mais detalhada na edição do *CLG*, visto que essas anotações

---

<sup>81</sup> Preferimos trabalhar nesse momento com os cadernos dos alunos editados por Komatsu e Wolf pela facilidade de acesso ao material. A edição que contém a base da edição do *CLG* de Sofia (2015) com o título *La "Collation Sechehaye" du 'Cours de Linguistique Générale' de Ferdinand de Saussure* está indisponível para venda.

retratam a cadeia de conceitos responsáveis pela fundação da Linguística Moderna. Vejamos, separadamente, em cada um dos cursos como o AFL e seus desdobramentos levam ao momento de novidade no campo da Linguística.

### 2.3.1. O primeiro curso de Linguística Geral (1907)

O primeiro curso de Linguística Geral foi de 16 de Janeiro de 1907 a 31 de Julho de 1907 e, de acordo com Komatsu (1996), Saussure teve que assumir a cadeira de Linguística Geral logo depois da aposentadoria de Joseph Wertheimer em dezembro de 1906. Segundo o editor e tradutor do caderno de Riedlinger, o conteúdo do primeiro curso

incliui uma pequena parte de uma enorme *nachlass* [herança] a ser encontrada nas seguintes quatro bibliotecas: (1) a Biblioteca Pública e Universitária de Genebra, (2) a Biblioteca Nacional de Paris, (3) a Biblioteca de Houghton na Universidade de Harvard, e (4) os Arquivos Acadêmicos e Científicos em São Petersburgo<sup>82</sup>. (KOMATSU, 1996, p. ix).

Por meio das anotações de Riedlinger, é possível notar que o curso foi dividido em três cadernos, da seguinte maneira: (1) no primeiro caderno, têm-se a introdução, análise de erros linguísticos, princípios de fonologia, linguística, causas das mudanças fonéticas, efeitos ou consequências das mudanças fonéticas; (2) no segundo caderno, vemos considerações sobre a analogia, o princípio geral das criações da língua, a classificação interior, prefixos, raízes e o papel conservador da analogia; e (3) no terceiro caderno, nota-se a análise da história interna e externa da família das línguas indo-europeias, método reconstrutivo e seu valor, index seletivo de terminologia francesa. Nesse momento, tomaremos como base de nossa análise somente a parte do caderno intitulada como “princípios de fonologia”.

Nesse curso houve a participação de sete alunos, de acordo com Joseph (2012, 492): “um alemão, um russo, um escocês<sup>83</sup>, dois jovens rapazes genebrinos, Henri Chavannes e Albert Riedlinger”<sup>84</sup>. Em sequência dos participantes do curso, Joseph assegura que

quando Bally e Sechehaye organizaram o *Curso de Linguística Geral* para publicação, foi através dos três cadernos de Riedlinger que eles tiraram o primeiro curso, e anunciaram sua exclusiva importância a esse

<sup>82</sup> Tradução nossa de: [...] comprise a tiny part of the huge Saussurean *nachlass* to be found in the following four libraries: (1) the Bibliothèque Publique et Universitaire in Geneva, (2) the Bibliothèque Nationale in Paris, (3) the Houghton Library at Harvard University, and (4) the Scientific and Academic Archives in Saint Petersburg

<sup>83</sup> Em nota, Joseph afirma que os primeiros três alunos eram Marie WIttman, A. Alenxandroff e George Turner Ford.

<sup>84</sup> Tradução nossa de: a German, a Russian, a Scot, and two young Genevese men, Henri Chavannes and Albert Riedlinger

empreendimento colocando seu nome como colaborador deles<sup>85</sup> (JOSEPH, 2012, p. 492).

Neste sentido, o caderno de Riedlinger é tido como o principal entre todos os participantes desse curso e, por isso, o escolhemos para nossa reflexão. Nesse momento de elaboração e condução de aulas, Saussure analisa questões fonológicas, posicionando-se criticamente em relação aos métodos propostos por manuais de fonologia. Segundo o linguista, esses manuais não consideram os seguintes aspectos:

- 1) Que há dois lados do ato fonatório:
  - a. O lado articulatório (boca, laringe)
  - b. O lado acústico (orelha)

Os estudos somente viram o primeiro. Entretanto, não é o primeiro que nos é dado, mas o segundo, a impressão <acústica>, psíquica.

- 2) Eles esquecem que há na língua não somente sons, mas extensões de sons falados; apenas consideram sons isolados; entretanto, o que nos é dado em primeiro lugar, não são sons isolados, mas extensões, cadeias de sons.<sup>86</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 12).

Vale ressaltar, nessa passagem, o fato de Saussure atestar que os linguistas daquela época estavam preocupados somente com os sons e as extensões deles. De fato, por um lado, como vimos no capítulo anterior, tanto Grimm como Schleicher trabalhavam com mudança fonética, estabelecimentos de leis e regularidades que regiam esse campo; Paul, por sua vez, tenta estabelecer uma interação entre os fatores psicológicos e físicos, mas o acústico era considerado um braço do físico e, portanto, não apresentava uma questão central em seu trabalho.

Por outro lado, Saussure começa a estabelecer nesse seu primeiro curso que há dois lugares do que ele chama de “ato fonatório”, a saber: o lado articulatório e o lado acústico. O primeiro é abordado como os comparatistas o viam, o segundo, no entanto, está relacionado ao que o suíço denomina de “impressão <acústica>”<sup>87</sup> e essa seria psíquica. Vale salientar, o termo “impressão” que parece destacar um lugar novo ao lado acústico, que, por sua vez, está relacionado não aos sons isolados e, sim, às cadeias de sons. Além disso, o linguista delimita o que uma análise acústica permite:

<sup>85</sup> Tradução nossa de: *When Bally and Sechehaye put together the Course in General Linguistics for publication, it was from Riedlinger's three notebooks that they drew for the first course, and they signaled his unique importance to the enterprise by including his name as their collaborator.*

<sup>86</sup> Tradução nossa de: *1) <qu'il y a deux côtés dans l'acte phonatoire: a) le côté articulatoire (bouche, larynx) b) le côté acoustique (oreille). Elle n'a vu que le premier côté. Or ce n'est pas le premier qui nous est donné mais le second, l'impression <acoustique,> psychique. <2> Elle oublie qu'il y a dans la langue non seulement des sons mais des étendues de sons parlés ; elle ne considère que les sons isolés; or ce qui nous est donné tout d'abord, ce ne sont pas les sons isolés mais des étendues, des chaînes de sons*

<sup>87</sup> Deixamos o termo “acústica” entre colchetes angulares assim como na transcrição de Komatsu por tratar-se, de acordo com ele, de correções e adições marginais e interlineares.

A análise acústica é, portanto, a verdadeira análise que permite distinguir os sons da cadeia falada. A impressão acústica, no entanto, não podia ser descrita (definida), mas a articulatória sim. Notou-se que o mesmo ato articulatório correspondia ao mesmo som:  $F$  (tempo acústico) =  $f$  (tempo articulatório)<sup>88</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 13).

Evidenciamos, portanto, que o linguista se debruçava sobre a orelha a fim de se aproximar da impressão acústica, compreendê-la, delimitá-la. No próximo excerto, o suíço se direciona para o estudo da cadeia fônica. Para ele, isso é o que realmente importa nos estudos linguísticos:

[...] mas essa classificação [dos sons] infinita não é tão importante para a linguística quanto a síntese dos fonemas em cadeias faladas, e é esta síntese que foi menos trabalhada. Depois de terem decomposto as sílabas em unidades irredutíveis, os fonologistas precisariam nos dizer em que condições essas unidades se combinam em cadeias faladas.<sup>89</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 21).

Saussure termina essa parte que ele chama de fonologia no seu curso com uma informação que passa a compor a concepção da língua como um sistema de sinais e as relações tomam um lugar de interesse, ambos tendo por base a conceituação do som:

Até agora, como já salientamos, não fizemos linguística: a língua é um sistema de sinais: o que faz a língua é a relação que o espírito estabelece entre esses sinais. A matéria, em si, desses sinais pode ser considerada como indiferente. De fato, somos obrigados a empregar, para os sinais, uma matéria fônica e uma única matéria, mas mesmo se os sons mudassem, a linguística não se interessaria por isso, desde que as relações permanecessem as mesmas; (ex. dos sinais marítimos: nada mudaria no sistema se as cores das paletas descolorissem!) Os sons são somente a matéria necessária. A fisiologia fonológica não passa, portanto, de um estudo puramente acessório.<sup>90</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 23).

Ora, é possível afirmar que, nesse momento, Saussure começa a ver no som uma matéria necessária e estudá-lo seria puramente acessório. Além disso, há um desdobramento colocado

<sup>88</sup> Tradução nossa de: *<L'analyse acoustique est donc la vraie analyse qui permet de distinguer les sons de la chaine parlée. L'impression acoustique cependant ne pouvait pas se décrire (définir), mais bien l'articulatoire. On a remarqué que le même acte articulatoire correspondait au même son: F (temps acoustique) = f (temps articulatoire)*

<sup>89</sup> Tradução nossa de: *[...] mais cette classification infinie n'est pas aussi importante <pour la linguistique que la synthèse des phonèmes en chaînes parlées, <et c'est cette synthèse qui a été le moins travaillée. > Après avoir décomposé les syllabes en unités irreductibles il faudrait que les phonologistes nous disent dans quelles conditions ces unités se combinent en <chaînes parlées>*

<sup>90</sup> Tradução nossa de: *Jusqu'ici, comme nous le faisions déjà remarquer, nous n'avons pas fait de linguistique: La langue est un système de signaux: ce qui fait la langue c'est le rapport qu'établit l'esprit entre ces signaux. La matière, en elle-même, de ces signaux peut être considérée comme indifférente. Nous sommes obligés il est vrai de nous servir pour les signaux d'une matière phonique et d'une seule matière, mais même si les sons changeaient, la linguistique ne s'en occuperait pas, pourvu que les rapports restent les mêmes; (ex. des signaux maritimes: il ne sera rien changé au système si les couleurs des palettes déteignent!) <Les sons ne sont que la matière nécessaire. > La physiologie phonologique n'est donc qu'une étude purement auxiliaire*

aqui, isto é, o linguista utiliza o exemplo dos sinais marítimos para apontar que, se se mudassem as cores desses sinais, somente se mudaria sua matéria e não o sistema desses sinais. À vista disso, é possível perceber que há, de forma rudimentar, uma noção de valor tomada nesse momento e ela é desenvolvida a partir da observação dos sons e de sua importância nos estudos da linguística; em outras palavras, encontra-se uma série de princípios circundados pelo AFL que dão indícios de um novo rumo à ciência.

Diante da citação, podemos inferir que a língua definida como um conjunto de signos e tratada a partir das relações vai além do que encontramos no excerto; no entanto, cabe questionar, como já destacamos, que o “som material” era encontrado nos trabalhos saussurianos antes dos cursos de Linguística Geral, mas, seria possível encontrar elementos que tratam as relações como a dos termos da língua no *Phonétique*?

O termo fonema aparece também nos seguintes trechos: “F/f = fonema = a soma das impressões acústicas e dos atos articulatórios, a unidade ouvida e falada, um condicionando o outro.”<sup>91</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 13). Além dessa fórmula, há também a seguinte: O fonema = som/ato fonatório e, acrescenta-se: “Teremos determinado o fonema ao determinarmos o ato fonatório e, reciprocamente, teremos determinado todos os tipos de fonemas ao determinarmos todos os atos fonatórios”<sup>92</sup>. (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 15). Vemos, portanto, que o fonema parece apresentar esses dois lados a que Saussure se referiu no começo do curso, ou seja, o lado articulatório e o lado acústico.

Temos neste sentido a conceituação de som, fonema e acústico (ou impressões acústicas) da seguinte forma: a definição de fonema liga-se ao que é articulatório e está associada ao ato fonatório; além disso, o som parece acessório ao estudo linguístico, mas as relações são necessárias para essa ciência. Vale dizer que há uma tentativa de definição do fonema, que deve se associar a som e a acústico; logo, afirmamos que Saussure estaria, ao “não fazer linguística” - como ele mesmo se propõe no começo do curso<sup>93</sup> -, tentando delimitar som, fonema e seus constituintes, ou seja, ele se contradiz e, na verdade, está fazendo linguística.

---

<sup>91</sup> Tradução nossa de: *F/f = phonème = la somme des impressions acoustiques et des actes articulatoires, l'unité entendue et parlée, l'une conditionnant l'autre*

<sup>92</sup> Tradução nossa de : *On aura déterminé le phonème en déterminant l'acte phonatoire, et réciproquement nous aurons déterminé toutes les espèces de phonèmes en déterminant tous les actes phonatoires*

<sup>93</sup> Referimos aqui ao momento do primeiro curso de linguística geral em que Saussure começa a falar sobre linguística (no item com o título *Linguistique* no caderno de Riedlinger). Naquele momento Saussure afirma “será bom começar o estudo da língua pelo ponto de vista histórico, não que ele seja mais importante que o estático com o qual ele forma uma espécie de antinomia; mas porque ele nos escapa à primeira vista, parece-nos necessário tê-lo para completar nosso conceito da língua. (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 27a)

As noções que cercam o AFL começam a tomar formas diferentes nesse primeiro curso, por mais que Saussure tenha retratado que a trajetória a seguir nessas aulas seria histórica, é possível notar que ele desdobra o aspecto fônico da língua em direção à delimitação, distinção de termos importantes para a fundação da Linguística Moderna. Vejamos como se desenrola as noções de AFL em seu segundo curso a seguir.

### 2.3.2. O segundo curso de Linguística Geral (1908-1909)

O segundo curso de Linguística Geral começou em Novembro de 1908 e terminou em Junho de 1909. De acordo com Joseph (2012) o curso contava com a presença de 16 alunos, entre eles Riedlinger, que “foi principalmente de suas anotações que Bally e Sechehaye pegaram material para o curso publicado”<sup>94</sup>. Além disso, de acordo com Komatsu (1997), esse curso tinha uma estrutura bem diferente do primeiro, à primeira vista não parecia um curso de teoria linguística, “mas de descrição de línguas” (KOMATSU, 1997, p. vii); o autor continua:

[...] do ponto de vista teórico, achamos algo novo na primeira metade. Embora a semiologia tenha sido rapidamente mencionada no primeiro curso, é no segundo que Saussure discute pela primeira vez a ciência da semiologia em relação ao signo linguístico. A língua é um produto social, diz ele, que é formada como um sistema de signos. Como a vida social é realizada com base no signo, a ciência do signo se tornará, assim, nosso objeto de estudo<sup>95</sup>. (KOMATSU, 1997, p. vii)

Dessa maneira, procuramos entre essas páginas dos cadernos o que nos concerne: o aspecto fônico da língua e justificamos a utilização do caderno do Riedlinger novamente por ter sido o mais usado pelos editores, como vimos anteriormente. Começamos com o excerto em que Saussure delimita som e língua:

De qualquer ângulo que se tome a língua, há sempre um lado duplo que corresponde <perpetuamente a si mesmo, parte do qual somente vale pelo outro. Assim>, as sílabas que articulamos não estão no som, no que o ouvido percebe? <Sim, mas> os sons não existiriam sem os órgãos vocais. Portanto, **se se quisesse reduzir a língua ao som, não se poderia separá-la das articulações bucais e, reciprocamente, nem sequer se pode definir os**

---

<sup>94</sup> Tradução nossa de : [...] *it was principally from his notes that Bally and Sechehaye took material for the published course [...].*

<sup>95</sup> Tradução nossa de : [...] *from a theoretical standpoint we find something new in the first half. Whereas semiology was fleetingly mentioned in the first course, it is in the second that Saussure for the first time discusses the science of semiology in its relation to the linguistic sign. The language is a social product, he says, which is formed like a system of signs. Since social life is conducted on the basis of the sign, the science of the sign will accordingly become our object of study.*

**movimentos do organismo vocal sem ter em conta a impressão acústica.<sup>96</sup>** (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1908-1909, p. 2, grifo nosso).

Podemos notar que o genebrino trabalha com a concepção de que há um lado duplo a ser considerado. Dada essa situação, é possível pensar que no excerto Saussure distancia-se do som como um objeto e esse distanciamento abre caminhos para outros elementos que circundam o AFL. O lado duplo parece retomar, mesmo que ainda sem todos os conceitos que abordaremos mais tarde no *CLG*, a relação necessária entre forma e substância, ou seja, pensamento-som, o verso e o anverso desses termos.

O acesso aos princípios do excerto pode viabilizar uma teorização sobre a língua. Podemos afirmar que, logo no segundo curso, Saussure admite que a língua **não** se reduz ao som; essa questão faz-nos refletir sobre a maneira que o AFL e seus desdobramentos seriam responsáveis por trilharem o caminho que leva à língua como objeto da Linguística. Ainda é cedo para compreendermos essa questão, sigamos adiante na observação dos cadernos dos alunos.

Nesse mesmo curso, o autor também se ocupa da mudança de som e formula perguntas sobre a teoria do valor e sua relação com esse conceito:

Não se pode lidar com a língua sem lidar com a mudança do som; <o som é um fator crucial na língua> e entretanto, em certo sentido, o fenômeno <fonético> é alheio à essência da linguagem. Como? É necessário comparar outros valores; <Acreditar que a matéria que entra em uma moeda é o que fixa seu valor seria um erro crasso: muitas outras coisas ainda a <determinam><sup>97</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1908-1909, p. 29).

Aqui, há uma percepção do som que abrange não somente o fenômeno fonético, mas algo crucial na língua. Ao mesmo tempo, esse som ou a matéria que faz a língua existir no plano físico não é a sua essência. Vale dizer, que a mudança de som e fenômeno fonético estão ligados a uma perspectiva diacrônica de estudo dos sons. Dessa forma, o linguista termina sua observação afirmando que matéria (som) não pode fixar o valor de uma moeda (signo), fato que propõe algo além da diacronia para estudar a língua.

<sup>96</sup> Tradução nossa de: *De quelque côté qu'on prenne la langue il y a toujours undouble cote qui se correspond <perpetuellement, dont une partiene vaut que par l'autre. Ainsi> les syllabes qu'on articule nesont-elles pas dans le son, dans ce que perçoit l'oreille? <Oui,mais> les sons ne seraient pas existants sans les organes vocaux. Done si on voulait reduire la langue au son on ne pourra[it] ladetacher des articulations buccales, et reciproquement on ne peutmeme pas definir les mouvements de l'organisme vocal en faisant abstraction de l'impression acoustique*

<sup>97</sup> Tradução nossa de: *On ne peut pas s'occuper de la langue sans s'occuper du changement du son;<le son est un facteur capital de la langue> et cependant dans un certain sens le phénomène <phonétique> est étranger a l'essence de la langue. Comment ? Il faut comparer d'autres valeurs ; <ce serait se tromper grossièrement que de croire que la matière qui entre dans une monnaie est ce qui en fixe la valeur: beaucoup d'autres choses encore la <déterminent>*

Ao abordar a questão do signo linguístico, o autor é ainda mais enfático sobre o estatuto do som na língua:

[...] a língua não está no que nos impressiona antropologicamente, no que é indispensável para produzi-la (o som, a ideia considerados isoladamente). Certamente teremos um objeto muito complexo, mas não mais complexo que qualquer outro valor.<sup>98</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1908-1909, p. 31).

Em outras palavras, a língua não pode considerar apenas os aspectos do som e da ideia separados um do outro. Vemos que novamente a ideia pensamento-som é deparada pelo linguista. Há, por conseguinte, no som, uma característica secundária nos estudos de linguística, haja vista que sua importância provém de sua relação com a ideia que, por sua vez, relaciona-se com outros sons e outras ideias.

No segundo curso, portanto, o AFL toma um aspecto crucial para a teoria que funda a linguística geral, ou seja, o lado duplo da língua é postulado de forma que o som e a ideia devem ser considerados em conjunto e não isoladamente como se fazia nos estudos contemporâneos a Saussure. O linguista chega, assim, a refletir sobre o valor do signo linguístico. A seguir, passamos para nossa análise do AFL no terceiro curso de Linguística Geral.

### 2.3.3. O terceiro curso de Linguística Geral (1910-1911)

No terceiro curso, datado de 1910-1911, tinha, segundo Joseph (2012), 14 alunos, entre eles: “Marguerite Sechehaye, a esposa de Albert, e Emile Constantin, ambos tinham participado do segundo curso; Bally e Sechehaye teriam utilizado as notas de Marguerite, assim como de Georges Dégailler e Francis Joseph; as de Constantin foram perdidas, e só descobertas e publicadas anos depois<sup>99</sup>.” Além disso, Komatsu (1993) assegura que Saussure abordou uma série de tópicos no começo do curso, mas não chegou a falar de todos eles, a saber:

Na verdade, Saussure iniciou o curso com (6) [linguística externa] e não foi até o segundo período que ele procedeu a uma teoria geral do signo linguístico, após completar uma pesquisa histórica das famílias de línguas conhecidas. A programação que ele havia anunciado em 4 de novembro 1910, dividindo o curso em (i) les langues, (ii) la langue e (iii) faculté et exercice

<sup>98</sup> Tradução nossa de: [...] la langue n'est pas dans ce qui nous frappe anthropologiquement, dans ce qui est indispensable pour la produire (le son, l'idée considérés seuls). Nous aurons certainement un objet très complexe mais pas plus complexe que toute autre valeur

<sup>99</sup> Tradução nossa de: [...] Marguerite Schehaye, the wife of Albert, and Emile Constantin, both of whom had taken the second course. Bally and Sechehaye would make use of the notes taken by Marguerite, as well as by Georges Dégailler and Francis Joseph; Constantin's were mislaid, and only discovered and published many years later.

du langage chez les individus, nunca foi completado<sup>100</sup>. (KOMATSU, 1993, p. xi)

De qualquer forma, temos nesse curso um desdobramento do AFL capaz de estabelecer uma relação com o objeto da Linguística. Assim, no terceiro curso, é possível notar mais acepções do AFL que estão presentes no *CLG*. Decidimos, nesse momento, investigar as notas de Constantin, pois acreditamos que seu caderno é o mais completo entre os transcritos por Komatsu. Começamos com o fragmento a seguir em que Saussure deixa clara a diferença entre a impressão acústica, o fonema e o som:

[...] sem cadeia acústica, há somente sequência uniforme de articulações sem razão para formar unidades. Reciprocamente, as impressões de que a cadeia é composta não são analisáveis. Na cadeia articulatória, os movimentos são analisáveis, contanto que as unidades sejam fornecidas; entretanto, nada se pode analisar na impressão acústica em si.

O fonema compõe-se ao mesmo tempo de certa soma de movimentos articulatórios e de certo efeito acústico dado. Para nós, os fonemas são tantos momentos na cadeia. Eles são as cadeias.<sup>101</sup> (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911, p. 56).

Neste fragmento, tem-se uma distinção entre impressões acústicas e fonemas e é perceptível que ambos estejam inter-relacionados em suas definições. A cadeia articulatória também é um ponto chave da concepção do AFL, visto que é nela que os movimentos são analisáveis e pode-se formar unidades. Daí o fonema é definido como as cadeias, portanto, analisável.

Contudo, a impressão acústica não poderia ser analisada, mas logo à frente no curso, esse ponto é elucidado quando Saussure apresenta a natureza do objeto linguístico e diferencia o som da imagem acústica. Ele afirma que “a imagem acústica não é o som material, é a impressão psíquica do som”<sup>102</sup> (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911, p. 74). Ora, uma vez que o autor coloca essa concepção do termo psíquico para a imagem acústica, vemos um desdobramento do AFL que marca a linguística, ou seja, a novidade do psíquico para a impressão.

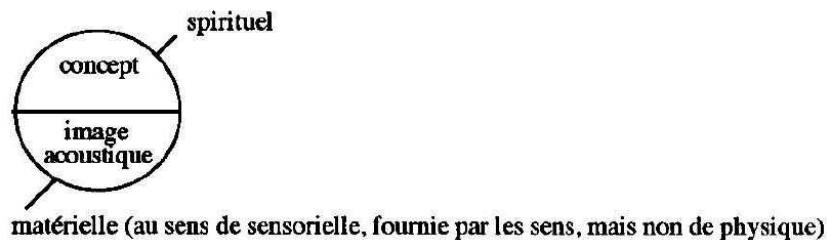
<sup>100</sup> Tradução nossa de: *In fact Saussure began the third course with (6) and it was not until the second term that he proceeded to a general theory of the linguistic sign, after completing a historical survey or known language families. The schedule he had announced on 4 November 1910, dividing the course into (i) les langues, (ii) la langue, and (iii) faculté et exercice du langage chez les individus, was never completed.*

<sup>101</sup> Tradução nossa de: [...] sans chaîne acoustique, il n'y a que suite uniforme d'articulations sans raison pour former unités. Réciproquement, les impressions dont se compose la chaîne ne sont pas analysables. Pour la chaîne articulatoire, les mouvements sont analysables, pourvu que les unités soient données ; alors qu'on ne peut rien analyser dans l'impression acoustique elle-même.

*Le phonème se compose à la fois d'une certaine somme de mouvements articulatoires et d'un certain effet acoustique donné. Pour nous, les phonèmes sont autant de moments dans la chaîne. Ce sont des chaînons.*

<sup>102</sup> Tradução nossa de : *L'image acoustique n'est pas le son matériel, c'est l'empreinte psychique du son.*

O autor ainda apresenta esta gravura que marca o ponto chave da nossa discussão:



**Figura 1.** Representação do signo. Fonte: SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911, p. 74)

Esse esquema, representado na figura, é um dos pontos principais para a concepção do signo, pelo fato de Saussure instaurar a imagem acústica como “na acepção do sensorial, fornecida pelos sentidos, mas não do físico”. É fundamental salientar que logo no início desse capítulo questionamos tanto sobre a insistência de Saussure em relação ao AFL como a respeito da afirmação de Jakobson (1969) de que há no *Phonétique* elementos que dão ao acústico a ideia de nível sensorial.

Vale acrescentar que as considerações sobre imagem acústica como psíquica e distinta de som surgem pela primeira vez no terceiro curso de linguística geral e apresentam-se como fundamentais na teoria saussuriana:

Como sabido, o signo linguístico é baseado em uma associação feita pelo espírito entre duas coisas bem diferentes, mas que são ambas mentais e sobre o sujeito: uma imagem acústica é associada a um conceito. A imagem acústica <não é o som material> mas a impressão mental do som.<sup>103</sup> (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911, p. 74).

Nossa hipótese, portanto, foca no movimento teórico saussuriano, de 1881-84, que insiste no AFL e parece estar relacionado com a concepção de língua. Nessa perspectiva, ao focarmos na novidade colocada por Saussure em relação aos sentidos, ao sensorial – presente na gravura – depreendemos que o esquema representado associa o AFL à língua. Isso acontece, pois há um caminho possível a ser seguido a partir dessa ideia, isto é, temos o AFL, no sentido geral de acepção do fônico, e esse abrange som, acústico, fonema, entre outros elementos; daí encontramos as distinções desses termos: o som é material, portanto, é só acessório da língua; há a ideia de uma imagem acústica estabelecida como uma das duas partes do signo linguístico:

<sup>103</sup> Tradução nossa de : *Comme nous l'avons reconnu, le signe linguistique repose sur une association faite par l'esprit entre deux choses très différentes, mais qui sont toutes deux psychiques et dans le sujet: une image acoustique est associée à un concept. L'image acoustique <n'est pas le son matérielle>, c'est l'empreinte psychique du son.*

conceito e imagem acústica; com o signo combinado dessa forma temos a língua. Desse ponto concebemos a seguinte ideia: a língua é definida como signo, que por sua vez é composto por conceito e imagem acústica (sensorial, psíquica), essa é distinta de som (físico) e esse é compreendido como um desdobramento do AFL que, claramente, aqui no terceiro curso é transformado e, na conceituação de signo, não tem mais essa representação fônica.

Neste sentido, perguntamos: teria esse esquema alguma representação tão cedo nas investigações saussurianas, ou seja, no manuscrito de 1881-84? Como se dão as concepções de físico, material e sensorial no manuscrito *Phonétique*? Como esses elementos estão relacionados à concepção do objeto da Linguística?

No percurso tomado por nós, observamos as diferenças teóricas entre um curso e outro e, em vista do que foi exposto, podemos depreender o seguinte:

- i) Principalmente, no primeiro curso, o som foi definido diante do fonema. Apesar de ser um material necessário, ele não é considerado como parte dos estudos linguísticos, pois jamais seria capaz de fixar valor na língua. Saussure retoma o fonema em sua definição, a relação entre o ato fonatório/articulatório e as impressões acústicas/som;
- ii) No segundo curso, som é considerado essencial para a língua, contudo, o fenômeno fonético é alheio à essência da linguagem; mesmo que o som esteja presente na língua, juntamente da ideia, ele não pode ser o material determinante que fixa o seu valor;
- iii) A imagem acústica aparece no terceiro curso com uma função essencial na cadeia de conceituação saussuriana, já que é distinta do som material, definida como a impressão mental do som, na acepção do sensorial e parte constituinte do signo linguístico.

Apesar desse panorama quase teleológico, é possível notar que as definições acima abordadas não começam de uma forma e evoluem para outra. Ressaltamos, por exemplo, quando Saussure descreve no primeiro curso que há na linguística dois lados do ato fonatório a serem estudados, um deles deve considerar os sons em suas cadeias e não isolados, além disso, o linguista coloca o som somente como a matéria necessária e puramente acessório; no segundo curso, por sua vez, o som é um fator crucial na língua, não se poderia lidar com ela sem a mudança do som e, no terceiro curso, os fonemas são considerados as cadeias e o som é simplesmente o aporte material da língua. Podemos encontrar também no primeiro curso uma referência à língua que é estabelecida pela relação entre o espírito dos seus sinais (que ele

chama primordialmente de sistema de signos), ao passo que, no segundo curso, a língua deve ser abordada também a partir da mudança de som.

Isso nos mostra que os desdobramentos da noção do AFL não se dão de forma sequencial nos três cursos de linguística geral. Tratar desse aspecto implica abordar o circuito da fala e suas consequências para o próprio conceito de língua e isso nos faz pressupor um questionamento sobre o manuscrito *Phonétique*, ou seja, se seria possível identificar em 1881-1884 indícios de um movimento teórico saussuriano capaz de notar no AFL e seus desdobramentos as noções que se deslocavam dos linguistas contemporâneos do século XIX e encaminhavam para a definição de língua.

Um movimento teórico que perpassa pelo AFL e seus desdobramentos até chegar à concepção do objeto da linguística pode ser notado no *CLG* e é nesse livro que toda a teoria saussuriana de língua se consagra como a fundadora da Linguística Moderna. Portanto, faz-se necessário observar como o AFL é tomado na qualidade de aporte necessário para a definição de língua; vejamos como essa questão é abordada no *CLG* a seguir.

#### **2.4. O aspecto fônico da língua no *Curso de Linguística Geral***

Tratamos, agora, de constatar a importância do AFL, seus desdobramentos e como esse aspecto está ligado à conceituação de língua no *CLG*. Iniciamos nosso percurso com o capítulo VII da Introdução, intitulado “Fonologia”, no qual retomamos o excerto em que Saussure define Fonética e Fonologia:

O primeiro [fonética] é uma das partes essenciais da ciência da língua; a Fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala. Sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43).

Dessa maneira, a Fonologia é colocada como uma disciplina auxiliar; o que importa, por certo, é a fonética. No apêndice do livro *Princípios de Fonologia*, há uma crítica aos fonologistas, em que Saussure adverte: “muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca etc.) e negligenciam o lado acústico” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 49). Dito de outra forma, o linguista enfatiza que o lado acústico deve ter importância nos estudos da linguística, pois somente explicar todos os movimentos do aparelho vocal não estabelece o estudo da natureza da língua.

No capítulo I da Primeira Parte, intitulado *Natureza do Signo Linguístico*, encontram-se as principais distinções entre som e imagem acústica. Segundo Saussure:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 80).

O signo linguístico é considerado duplamente, de conceito e imagem acústica e esta, por sua vez, é distinta de som e é definida como psíquica, já o som é material. Vale notar, ainda, que Saussure defende um “testemunho dos nossos sentidos”, e isso denota a relação que deve haver entre falante e “ouvinte”<sup>104</sup>. Colocamo-nos, dessa forma, no campo da sincronia – visto que a Linguística Sincrônica só admite a perspectiva dos falantes.

Notemos que há uma definição de fonema que o separa de imagem acústica, a saber: “esse termo [fonema], que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106). Consequentemente, fonema enquanto ação vocal difere-se de imagem acústica, que se trata de uma impressão psíquica.

Parece-nos claro que é a partir da distinção entre som, fonema e imagem acústica que se abre espaço para a definição do signo linguístico, de suas partes constituintes e, consequentemente, para a definição de língua. Com o som puramente físico não há uma relação com o psíquico, o que não permite caracterizar o significante. Afinal, no *CLG*, Saussure chega à definição de que tratar somente o psíquico traria à linguística um estudo puramente psicológico, a saber: [...] assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura.” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 159).

---

<sup>104</sup> Colocamos ouvinte entre aspas porque quando falamos de signo linguístico composto por conceito e imagem acústica não temos em nenhum momento que ouvir tal signo para que ele seja entendido. Mesmo na LIBRAS, por exemplo, é possível ter signos dotados de conceito e imagem acústica, ambos psíquicos, no entanto, nesta língua a impressão gesticulada pelas mãos é o significante e teríamos a impressão psíquica do sinal e seu conceito operando no cérebro de quem vê o sinal. Isso nos remete à nota dos editores do *CLG* em relação ao termo imagem acústica, a saber: “O termo imagem acústica parecerá, talvez, muito estreito, pois, ao lado da representação dos sons de uma palavra, existe também a de sua articulação, a imagem muscular do ato fonatório. Para F. de Saussure, porém, a língua é essencialmente um depósito, uma coisa recebida de fora (ver p. 45). A imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala. O aspecto motor pode, então, ficar subentendido ou, em todo o caso, não ocupar mais que um lugar subordinado em relação à imagem acústica (org.). (BALLY; SECHEHAYE apud SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106).

Com base nisso, temos uma dualidade necessária não somente para a definição de língua, mas para toda sua definição enquanto sistema; em outras palavras, pensamento/som não podem ser isolados e não podem operar um sem o outro uma vez que é a partir dessa relação que a língua é definida como forma e não substância. A partir disso, pôde-se chegar às noções de valor linguístico, relações sintagmáticas e associativas. Pode-se calcular, portanto, o quanto os desdobramentos do AFL desempenham um papel relevante na linguística e na definição de seu objeto.

A edição do *CLG* sustenta a diferenciação de som, fonema e imagem acústica e reúne esses conceitos tanto no capítulo que demarca a natureza do signo linguístico como no capítulo do valor linguístico, de forma a confirmar a necessidade de distingui-los. Todavia, cabe lembrar que o movimento de tomar o AFL e seus desdobramentos como essenciais para a linguística parece bem mais complexo quando olhamos para diferentes materiais saussurianos: esse movimento não se dá de forma teleológica, isto é, há retomadas, associações, omissões, idas e vindas na conceituação de termos, possíveis de mostrar um movimento teórico do AFL que sugere ser necessário para a fundação de uma teoria.

Neste sentido, questionamos: da forma com que o AFL era tratado em 1881-84 no *Phonétique*, seria possível encontrar o som tomado como material, ou distinto de acústico já nessas páginas manuscritas por Saussure? Quais seriam as marcas dessas reflexões saussurianas sobre o AFL dessa época que se tornam cruciais para a definição de língua? Perguntamos, por conseguinte, qual é o movimento de Saussure que toma, retoma e desembaraça o AFL para passar à noção de som (material) e ir para além do sensorial, possível de chegar não só à conceituação de imagem acústica (psíquica), mas à conceituação do objeto da linguística: a língua?

Nosso objetivo, portanto, pauta-se na investigação de um movimento teórico em relação ao AFL que acontece de uma forma em que os termos som, acústico, fonema, físico e sensorial ganham um lugar de destaque e circundam a concepção de língua; esse trabalho pode ter sido fundamental para o momento dos cursos de linguística geral pouco mais de vinte anos depois do *Phonétique*.

No intuito de respondermos a essas questões passamos no próximo capítulo para uma observação do movimento saussuriano a partir da comparação dos trabalhos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática, assim como as obras saussurianas citadas neste capítulo com o *Phonétique*.

### 3. CAPÍTULO 3 – A SINCRONIA – UM MOVIMENTO TEÓRICO SAUSSURIANO PARA ALÉM DO SENSORIAL

*“Estamos com Saussure diante de um “corte epistemológico”, “constitutivo de uma ciência”, comparável ao exemplo geralmente evocado dos trabalhos de Galileu?”*

*(Claudine Normand)*

Nos capítulos precedentes, dedicamos nossa análise a duas questões distintas: primeiro, o AFL nos estudos da linguagem, com foco, principalmente, nas pesquisas da Gramática Comparada e da Escola Neogramática e, segundo, o AFL nos estudos saussurianos de 1874 a 1881, no *Phonétique* – focado nos estudos já feitos do manuscrito –, nos cadernos dos alunos que participaram dos cursos de Linguística Geral em Genebra e no *CLG*. Dentre todas as produções, foi possível notar o quanto o aspecto fônico da língua era recorrente nas pesquisas linguísticas e o quanto se produziu, teoricamente, a partir desse aspecto e dos desdobramentos dele.

O que nos interessa investigar é como esse material saussuriano com o título de *Phonétique* insere-se nesse contexto de produção que se centra no AFL e desenvolve questões sobre a linguística e, mais, para fazer uma ponte entre esse aspecto e o objeto da linguística: a língua. Como abordamos anteriormente, o trabalho de Saussure não se dá de forma linear, não há no linguista uma ideia pronta que começa nos seus primeiros trabalhos e evolui até seus

cursos de Linguística Geral; por esse motivo, acreditamos que pautar sobre qualquer noção saussuriana requer passar pela ideia de movimento estabelecida por Silveira (2007).

Dessa forma, neste capítulo, visamos estabelecer uma análise do movimento teórico de Saussure presente no manuscrito *Phonétique* com o intuito de encontrar uma pesquisa debruçada no AFL e seus desdobramentos. Essa empreitada se dá orientada na comparação entre as folhas manuscritas e os momentos antes analisados neste trabalho, ou seja, da Gramática Comparada, da Escola Neogramática, dos cadernos dos alunos dos cursos de Linguística Geral e do *CLG*.

### 3.1. O movimento teórico de Ferdinand de Saussure

A ideia de movimento teórico saussuriano é discutida por Silveira (2007) em seu livro em que discorre sobre a fundação da Linguística Moderna. Como dissemos anteriormente, é necessário que partamos dessa noção para que possamos investigar um movimento teórico saussuriano que insiste na noção do AFL para estabelecer um novo objeto à linguística. Assim, discorremos aqui como se dá o movimento saussuriano de acordo com Silveira (2007).

A autora postula que esse movimento deve ser pautado a partir de uma análise do trabalho de Saussure considerando vários aspectos da sua obra, além disso, ela elege um lugar privilegiado de análise:

[...] não é possível dizer do movimento de Saussure quando se nega o *CLG* e se parte para a busca do “Saussure verdadeiro” ou quando se ignoram os pontos de tensão presentes na edição. Dessa forma, é condição, para a apreensão do movimento que funda a linguística, um reconhecimento do *CLG* nessa fundação, bem como uma subversão da sua linearidade. [...] pensamos que vale a pena retornar ao *CLG* e ali **pontuar alguns momentos de tensão** com o objetivo de situar o movimento de fundação da linguística. (SILVEIRA, 2007, p. 56-57, grifo nosso)

Dessa maneira, é possível pensarmos que se a autora traça um movimento saussuriano ao se dedicar aos “momentos de tensão do *CLG*”, acreditamos na possibilidade de levantarmos os pontos de tensão presentes na discussão sobre o AFL no *Phonétique* de maneira a localizarmos as marcas de um movimento que se tornou essencial para a delimitação de um objeto para a Linguística já em 1881-84.

Para a autora, encontrar esses pontos de tensão é o que pode demarcar o movimento saussuriano, a saber:

[...] a questão do significado, ou conceito, exigiria uma articulação entre sincronia e diacronia, já que a questão do valor é do domínio da língua e a da significação é do domínio da fala. Assim, por um lado, o conceito – que é de uma maneira particular de ver o significado – seria da ordem da fala e da diacronia. Por outro lado, o valor seria da ordem da língua e da sincronia. A questão assim colocada certamente não favorece a compreensão rápida da teoria do valor elaborada por Saussure. Contudo, ousar não ignorar esse tipo de problema da Edição pode nos ajudar a encontrar as marcas do movimento de Saussure. (SILVEIRA, 2007, p. 60)

Efetivamente, consideramos que buscar no *Phonétique* como o AFL é abordado e, além disso, buscar os desdobramentos dessa noção para outras noções pode nos dar a dimensão de um movimento teórico saussuriano que não somente se relaciona aos aspectos fônicos da língua. À vista disso, seria possível notar que a ideia saussuriana de postular uma novidade no campo da linguística pulsava em seus trabalhos mais antigos, nesse caso, mais de vinte anos antes dos seus cursos de Linguística Geral.

Além disso, notamos em Silveira (2007) uma observação sobre os deslocamentos na teoria saussuriana que podem ser fundamentais para nossa análise, vejamos com ela:

[...]o corte que se dá com a diferença constitutiva da língua e lega uma herança aos linguistas que lhe sucedem não é sinônimo de não-relação. O corte incide antes na não-diferenciação dessas instâncias e tem como efeito a possibilidade de cernir um outro funcionamento da língua. Ou seja, o deslocamento teórico é dado por um deslocamento da fala em relação à língua e da sincronia em relação à diacronia, movimento esse que funda a ordem própria da língua. (Ibidem, p. 59)

Desse modo, concebemos a probabilidade de encontrar nas folhas manuscritas de 1881-84 um movimento que não somente marca um deslocamento na teoria saussuriana, mas que pode assinalar exatamente o mesmo deslocamento ao qual a autora se refere, isto é, aquele da fala à língua e da diacronia à sincronia. Em outras palavras, procuramos traçar o percurso saussuriano que marca sua pesquisa em relação ao deslocamento do AFL em outras noções que seriam capazes de dar indícios da concepção de língua e, mais, da concepção de sincronia. Passemos ao *Phonétique* no intuito de investigar esse movimento a seguir.

### 3.2. O aspecto fônico da língua e o *Phonétique*

Como vimos brevemente no Capítulo 2, a pesquisa de Saussure referente ao AFL - e os desdobramentos desse aspecto - tomam destaque em sua elaboração, e o movimento teórico saussuriano no *Phonétique* que, a nosso ver, parece dar indícios da concepção de língua tratase do foco da nossa pesquisa. Optamos por esse caminho por julgarmos haver um movimento

do linguista que supõe desencadear uma das questões chave para a elaboração da teoria saussuriana, no que se refere à instauração da Linguística Moderna, a partir da observação do aspecto fônico da língua.

Dedicamo-nos a refletir, nesse momento, sobre o AFL nesse manuscrito<sup>105</sup> visto que nele Saussure se dedica quase exclusivamente a esse aspecto. Vale ressaltar, que traremos alguns fragmentos dos manuscritos de Saussure quando nos for útil para a compreensão da nossa reflexão. Utilizaremos os trechos seguidos de uma transcrição diplomática sem rigor, isto é, sem procurar representar rigorosamente a forma original do manuscrito. Para tanto, quando não compreendermos uma passagem utilizaremos a letra “x” nas palavras não identificadas; as rasuras serão indicadas por um tachado; e os incisos serão sobrescritos quando estiverem acima do texto em curso, ou subscritos quando estiverem abaixo.

Inicialmente, destacamos nas páginas do *Phonétique*, logo no início da segunda folha, as palavras *Capítulo I (Chap. I)*, que, segundo Joseph (2012),

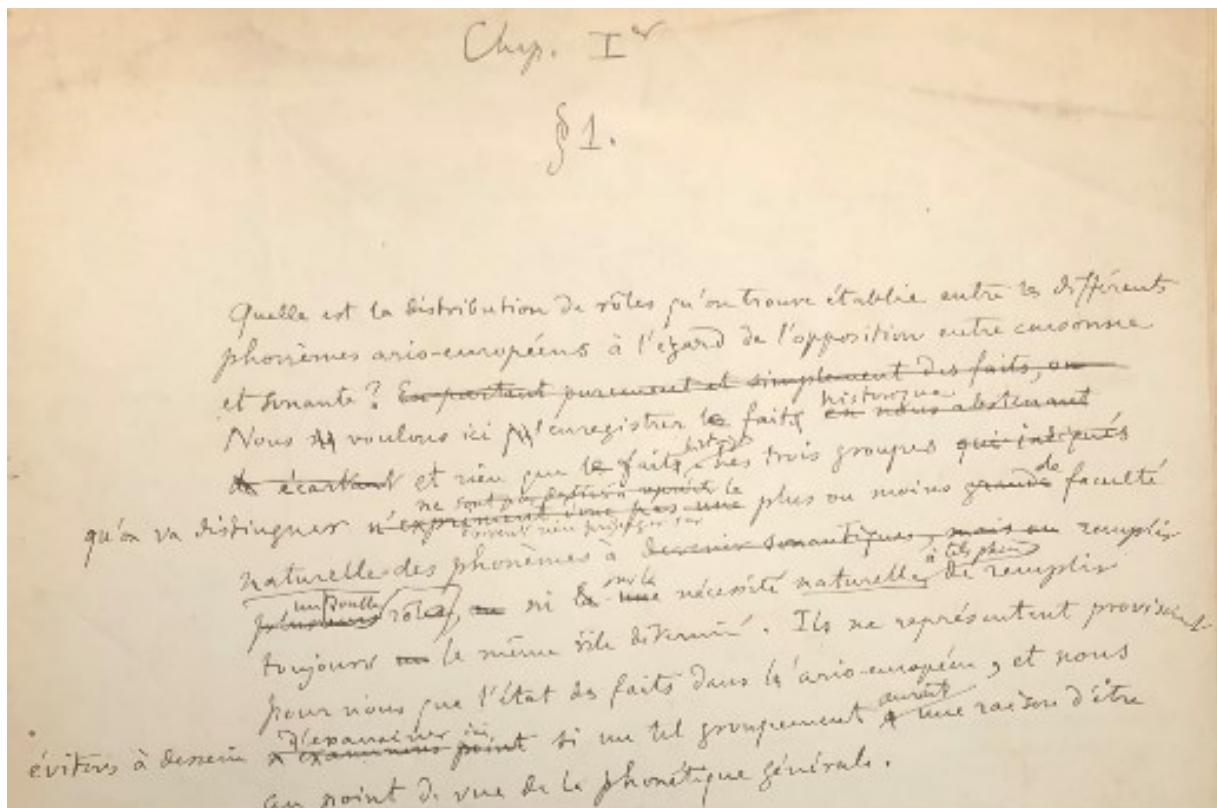
isto induziu alguns ao erro de supor que o manuscrito estava sendo escrito como um livro, separado dos cursos que Saussure ministrava. Mas no século XIX era normal para um curso de palestras que ele fosse organizado dessa forma. Os professores de Saussure de Leipzig apresentavam os cursos nesse formato, e ele continuaria a usar isso ao longo de sua carreira.<sup>106</sup> (JOSEPH, 2012, p. 284).

Logo após a marcação “Capítulo I” encontramos uma pergunta, como segue o manuscrito:

---

<sup>105</sup> Nesse momento aproveito para agradecer a Universidade de Harvard pela hospitalidade ao me receber em Janeiro 2018 e permitir as fotografias aqui inseridas para melhor abordar a pesquisa no manuscrito.

<sup>106</sup> Tradução nossa de: *This has misled some into supposing that the manuscript was being written as a book, separate from the courses Saussure was teaching. But in the nineteenth century it was normal for a course of lectures to be organized in this way. Saussure's teachers at Leipzig had presented their courses in this format, and he would continue to use it throughout his career.*



## Cap. I

## §1.

Qual é a distribuição de papéis estabelecida entre os diferentes fonemas ario-europeus relativos à oposição entre consoante e soante? ~~Partimos puramente e simplesmente dos fatos, [xx]~~  
 Nós só queremos aqui registrar os fatos <sup>históricos</sup> ~~abstendo-nos~~  
~~de afastando~~ e nada além dos fatos <sup>históricos</sup> os três grupos que indicados que vamos distinguir ~~não exprime portanto uma~~ mais ou menos grandes a faculdade natural dos fonemas ao [xx] sonântico, mas ou preencher [xx] [xx], ou nem la <sup>pela</sup> necessidade natural a esses fenômenos de sempre desempenharem o mesmo papel determinado. Eles somente representam [xx] para nós o estado dos fatos no ario-europeu, e nós evitamos propositalmente <sup>examinar aqui</sup> ~~examinar ponto~~ se um tal agrupamento <sup>teria</sup> uma razão de ser do ponto de vista da fonética geral<sup>107</sup>. (SAUSSURE, 1881-84, f. 2)

**Figura 2.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)<sup>108</sup>

<sup>107</sup> Tradução nossa de : *Quelle est la distribution de rôles qu'on trouve établie entre les différents phonèmes ario-européens à l'égard de l'opposition entre consonne et sonante? Nous partons purement et simplement des faits, [...] Nous ne voulons ici que enregistrer les faits <sup>historiques</sup> en nous abstenant de écartant et que le fait [ ] les trois groupes qui indiqués qu'on va distinguer [ ] plus ou moins grandes de faculté naturelle des phonèmes à devenir sonantiques, mais ou remplir [ ] ni sur la nécessité naturelle à tels phonème de remplir toujours le même rôle déterminé. Ils ne représentent provisoirement pour nous que l'état des faits dans l'ario-européen, et nous évitons à devenir d'examiner ici si un tel groupement <sup>aurait</sup> une raison d'être au point de vue de la phonétique générale.*

<sup>108</sup> É necessário frisarmos que para conseguirmos tantos detalhes nas transcrições dos manuscritos apoiamo-nos do livro de Marchese (1995), em vários momentos achamos quase impossível revelar a letra de Saussure e sua transcrição foi crucial para que chegássemos às transcrições em todos nossos fragmentos. Diferentemente da

Observamos que o manuscrito, de uma forma geral, trata-se de um rascunho, não é um livro acabado e, portanto, não apresenta uma regularidade na sua escrita; há rasuras em quase todas as folhas, incisos e reescritas de trechos. Isso faz com que passemos a explorar todos esses elementos nele presentes, o que nos permite acessar os pontos de tensão do trabalho do linguista e, como vimos no item anterior, são essas marcas de inquietação que mostram o movimento teórico saussuriano. Concordamos com Silveira (2007) que vê nesses borrões de escrita “termos que ‘não descansam em paz’ mesmo após serem rasurados repetidamente e às vezes até quase à exaustão” (SILVEIRA, 2007, p. 117).

O fragmento da Figura 2 inicia com a pergunta sobre a distribuição de papéis estabelecidos entre os diferentes fonemas ario-europeus (indo-europeus), especificamente sobre sua oposição entre consoantes e soantes. No excerto, Saussure insiste em assinalar os fatos históricos – questão que ele repete – na seguinte frase: “Nós-só queremos aqui registrar os fatos <sup>históricos</sup> ~~abstendo-nos/de afastando~~ e nada além dos fatos <sup>históricos</sup> os três grupos que indicados [...]”. Vale ressaltar que, a princípio, o linguista trata dos fatos e acrescenta, em um inciso, duas vezes a palavra “históricos” e em rasura ele demonstra querer abster-se ou afastar-se de algo que ele não define – deixa em branco.

Esse ponto, que claramente revela uma tensão, mostra-nos que o linguista parece tentar não se pautar somente nos fatos; deveria haver ali a questão histórica e, por consequência, ele afastar-se-ia do que acreditamos ser a forma natural dos fonemas de desempenharem um mesmo papel. Para o autor, a razão de ser dos fonemas na fonética geral não importava, pois eles seriam estados dos fatos.

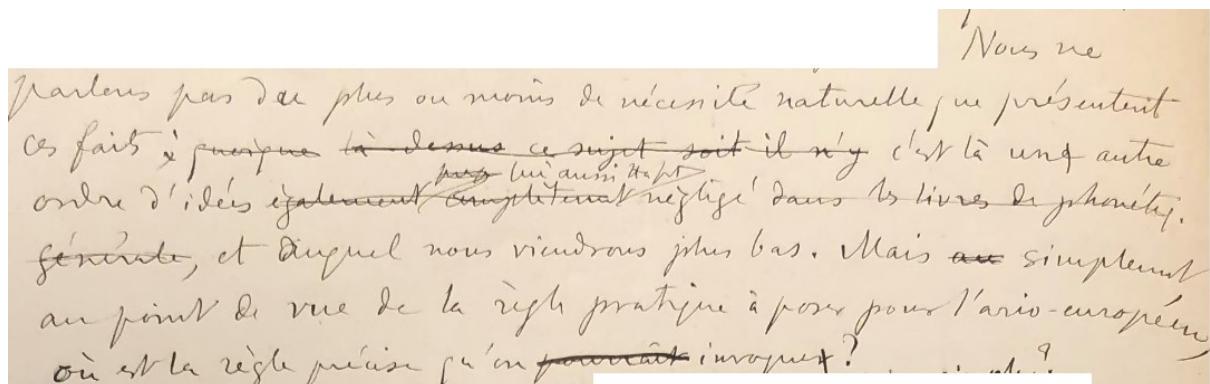
Vale notar essa necessidade de Saussure de retratar os fatos históricos. Como vimos no começo deste trabalho, o linguista, em sua carta a Meillet, apresenta seu prazer como sendo histórico. Ora, por esse viés, poderíamos pensar que a insistência do genebrino em pesquisar sobre o AFL poderia ser a representação desse seu prazer. Daí poderíamos até afirmar que o título do manuscrito foi dado por Saussure, uma vez que *Phonétique* retrataria a fonética e, nesse caso, sabemos que o linguista via a fonética como uma “ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo” (SAUSSURE, 2012 [1916]). Cabe-nos perguntar, portanto, teríamos nesse manuscrito uma pesquisa histórica? A insistência de

---

autora, trazemos para nossa leitura a foto do original do manuscrito e tentamos representar nos incisos e nas linhas a sequência das frases como podemos encontrar nas páginas originais do documento.

Saussure acerca do AFL nesse momento tratava-se somente de um estudo que ele mesmo denominou mais tarde na carta como seu “prazer histórico”?

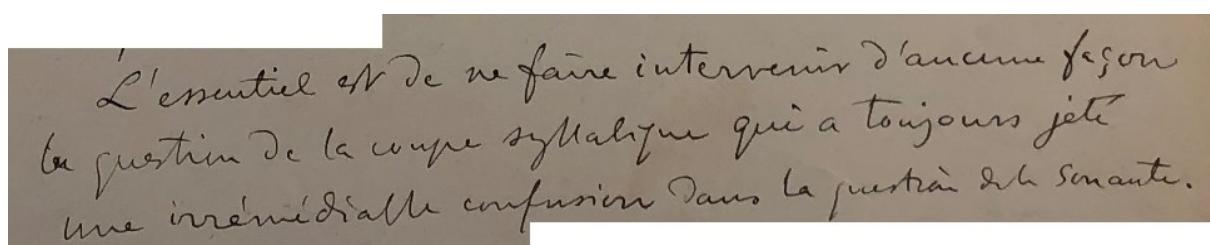
Ao seguirmos nossa pesquisa no manuscrito, encontramos logo na folha 4 um momento em que Saussure nega a questão natural de apresentação dos fatos; temos a demonstração de sua insatisfação com os livros que apresentam o tema de fonética geral:



Nós não falamos mais ou menos da necessidade natural que esses fatos se apresentam; [xx] esse sujeito seja ele não. Essa é outra ordem de ideias ~~igualmente~~ <sup>também seja</sup> [xx] ela também negligenciado ~~nos livros de fonética geral~~, que trataremos mais abaixo. Mas, simplesmente, do ponto de vista da regra prática que se deve estabelecer para o ariodic-europeu, onde está a regra precisa que ~~poderia~~ se invocar?<sup>109</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 4).

**Figura 3.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Apesar de Saussure rasurar a afirmação de que a ordem das ideias é negligenciada nos livros de fonética geral, a crítica que o autor faz aos linguistas da época surge novamente no fragmento a seguir:



O essencial é não deixar intervir, de modo algum, a questão da divisão silábica que sempre lançou

<sup>109</sup> Tradução nossa de : *Nous ne parlons pas du plus ou moins de nécessité naturelle que présentent ces faits ; [xx] c'est là un autre ordre d'idée [xx] lui aussi négligé dans les livres de phonétique générale, et auquel nous viendrons plus bas. Mais simplement au point de vue de la règle pratique à poser pour l'ario-européen, où est la règle précise qu'on pourrait invoquer*

uma irremediável confusão na questão da soante.<sup>110</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 4).

Figura 4. Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Realçamos que, nos dois primeiros fragmentos, podemos encontrar uma necessidade de demarcação daquilo que deve ser estudado, a saber: na Figura 2, Saussure mostra que os fonemas “somente representam o estado dos fatos no ario-europeu” e na Figura 3, por sua vez, ele pergunta sobre a regra precisa que se pode invocar. Temos, assim, outro ponto de tensão que revela um indício de insatisfação com o trabalho desempenhado pelos linguistas acerca do AFL.

Adiante, nas folhas manuscritas, vemos traços de um dos pontos chave da teoria saussuriana: a delimitação do ponto de vista. As palavras “ponto de vista” aparecem nos dois fragmentos da seguinte maneira: 1º o ponto de vista da fonética geral e 2º o ponto de vista da regra prática a colocar-se sobre o ario-europeu. Damos destaque a essa questão, pois a ideia de se perguntar sobre “de onde partir” resultou em “desbloquear a passagem obstruída pelo comparativismo e abrir um novo campo de pesquisa” (NORMAND, 2011, p. 17).

Segundo Normand (2011), cada ponto de vista define um domínio de observáveis e, a nosso ver, nesse momento, Saussure passa a dar indícios de que a atribuição do ponto de vista possui importância na criação do objeto. Essa ideia é encontrada de maneira mais explícita no *CLG* e a autora a coloca em seu livro, a saber:

[...] percebe-se, então, que uma mesma forma observável, por exemplo, o francês *pas*, representa, segundo a opção teórica adotada, dois fatos linguísticos diferentes, o que confirma a asserção de que o ponto de vista cria o objeto, ou, em termos mais modernos, de que, contrariamente à crença empirista que deseja que *dados* sejam imediatamente observáveis, os *fatos* são construídos a partir de hipóteses e somente assim são tratáveis. (NORMAND, 2011, p. 20).

É possível notarmos, nesses primeiros fragmentos, dois pontos que indicam tensão na escrita do manuscrito, são eles: a necessidade de criticar os livros de fonética geral e, ainda, de postular sobre o ponto de vista. Parece mesmo que aqui o linguista tenta se afastar de dados observáveis para criar hipóteses para os fatos.

Em outro excerto, o genebrino demonstra a necessidade de observar os fonemas e as regras dos grupos de fonemas propostos constantemente como soânticos ou consoânticos. Essa análise o conduz à seguinte nota:

<sup>110</sup> Tradução nossa de: *L'essentiel est de ne faire intervenir d'aucune façon la question de la coupe syllabique qui a toujours jeté une irrémédiable confusion dans la question sonantique.*

~~et effect~~ Répétons que ces règles ont une valeur purement empirique, que par conséquent le mot d'effet ne doit pas être pris au sens pris métaphoriquement. La véritable cause des faits n'est pas en jeu.

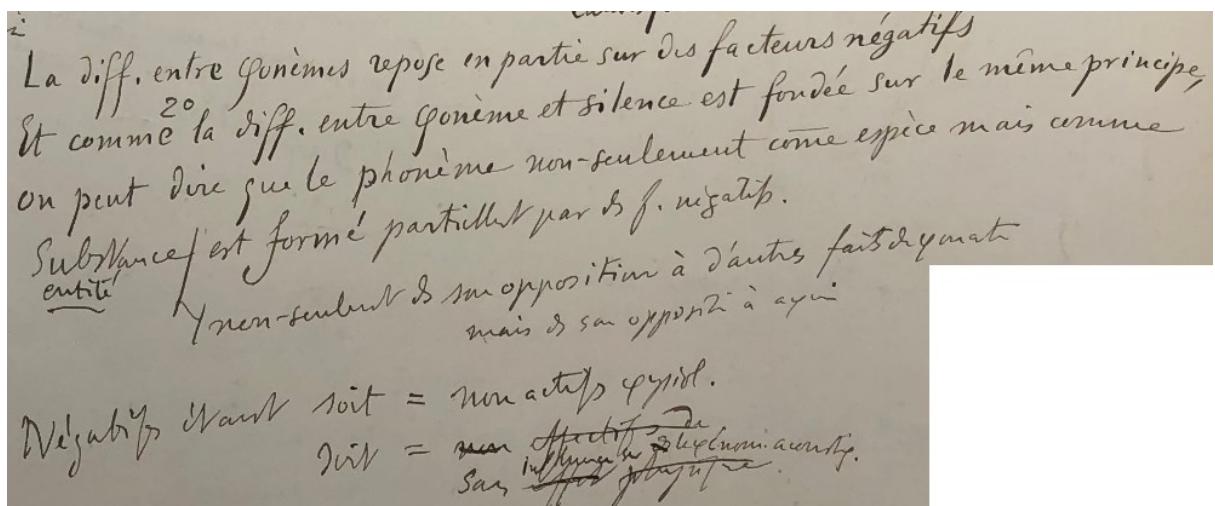
Repetimos que essas regras têm um valor puramente empírico e, por consequência, a palavra efeito não deve ser tomada no sentido tomada metaforicamente. A verdadeira causa dos fatos não está em jogo.<sup>111</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 6).

**Figura 5.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Primeiro, notamos que Saussure, mais uma vez, não prioriza o que ele denomina de “a verdadeira causa dos fatos”; como vimos no primeiro capítulo, os linguistas, contemporâneos ao suíço, estabeleciam uma causa para as mudanças. Contudo, seria impossível catalogar todas as causas da mudança e por esse motivo, a nosso ver, o genebrino não dá evidência a essa questão. Dessa maneira, vemos o linguista se deslocar dos estudos desenvolvidos na época de escrita desse manuscrito; há, portanto, um deslocamento teórico sendo marcado entre Saussure e os comparatistas.

Segundo, “a crença empirista”, citada por Normand, consta das anotações de Saussure, o que nos faz perceber que ele se atenta para a questão do valor puramente empírico que essas regras possuem. Essas questões nos encaminham ao que será visto nos cadernos do *Phonétique*: um deslocamento do caráter empírico ao teórico. Observemos o seguinte fragmento:

<sup>111</sup> Tradução nossa de: *Répétons que ces règles ont une valeur purement empirique, que par conséquent le mot d'effet ne doit pas être pris au sens pris métaphoriquement. La véritable cause des faits, n'est pas en jeu.*



A diferença entre fonemas<sup>112</sup> repousa em parte sobre fatores negativos  
 e como a diferença<sup>2o</sup> entre fonema e silêncio fundamenta-se no mesmo princípio,  
 pode-se dizer que o fonema não somente como espécie, mas como  
 substância entidade é formado parcialmente por fatos negativos  
 não somente na sua oposição a outros fatos [xxx ]  
 mas na sua oposição [xxx]

Negativos sendo = não ativos fisiologicamente  
 sendo = sem ~~efecto fisiico~~ influência sobre o fenômeno acústico.<sup>113</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f.51)

**Figura 6.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

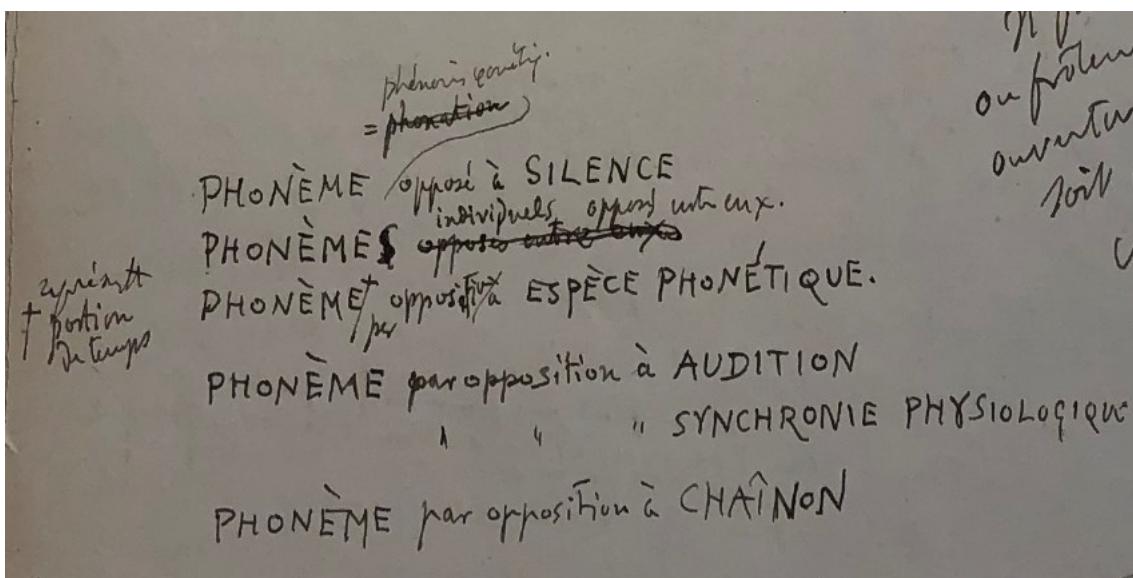
Nessas poucas linhas, Saussure se propõe a definir o fonema. Há, neste aspecto, um lado teórico, em que o negativo caracteriza o fonema. E um lado empírico (acústico, fisiológico), isto é, o som oposto ao silêncio. No fragmento seguinte, visualizamos mais uma vez uma tentativa de definição de fonema:

<sup>112</sup> Vale retomar a nota do *CLG* que fala sobre o uso das letras gregas visto que na palavra “fonemas” Saussure utiliza a letra φ ou ϕ. Vejamos: “É verdade que escreviam X, θ, ϕ, por kh, th, ph; φΕΡΩ representa pherô; mas é uma inovação posterior; as inscrições arcaicas escrevem KHΑΡΙΣ e não XΑΡΙΣ. As mesmas inscrições oferecem dois signos para o k, o kappa e o koppa, mas o fato é diferente: tratava-se de consignar dois matizes reais da pronúncia, pois o k era umas vezes palatal, outras velar; além disso, o koppa desapareceu mais tarde. Enfim - ponto mais delicado -, as inscrições primitivas gregas e latinas costumam consignar freqüentemente uma consoante dupla com uma letra simples; assim a palavra latina *fuisse* era escrita *FUISE*; portanto, infração do princípio, pois esse duplo s dura dois tempos que, como veremos, não são homogêneos e dão impressões distintas; erro desculpável, porém, pois esses dois sons, sem se confundirem, apresentam uma característica comum (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 76)

<sup>113</sup> Tradução nossa de : *La différence entre phonèmes repose en partie sur des facteurs négatifs*  
*Et comme<sup>2o</sup> la différence entre phonème et silence est fondée sur le même principe, on peut dire que le phonème non-seulement comme espèce mais comme substance entité est formé partiellement par des facteurs négatifs./ non-seulement dans son opposition à d'autres faits de phonation mais dans son opposition à aphonie*

*Négative étant soit : non actifs physiologiquement*

*Soit : sans ~~effect physique~~ influence sur le phénomène acoustique*



FONEMA = fenômeno fonético oposto ao silêncio

FONEMA individuais opostos entre si

FONEMAS porção representante de temp<sup>114</sup> oposição [xxx] à ESPÉCIE FONÉTICA.

FONEMA por oposição à AUDIÇÃO

por oposição à SINCRONIA FISIOLÓGICA

FONEMA por oposição a ENCADEAMENTO (SAUSSURE, 1881-84, f.49v)

**Figura 7.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Nesse fragmento, Saussure mostra interesse a pontos distintos do AFL; há aqui o fonema, a fisiologia, a audição, a espécie fonética e o silêncio; todos colocados em evidência; fato que elucida, mais uma vez, a obstinação do AFL e seus desdobramentos. Ao investigarmos o excerto damos realce à questão da oposição; quando o linguista propõe uma definição de fonema, há, na verdade, uma necessidade em colocá-lo em oposição a diferentes termos, tais como: o silêncio, a audição e o encadeamento.

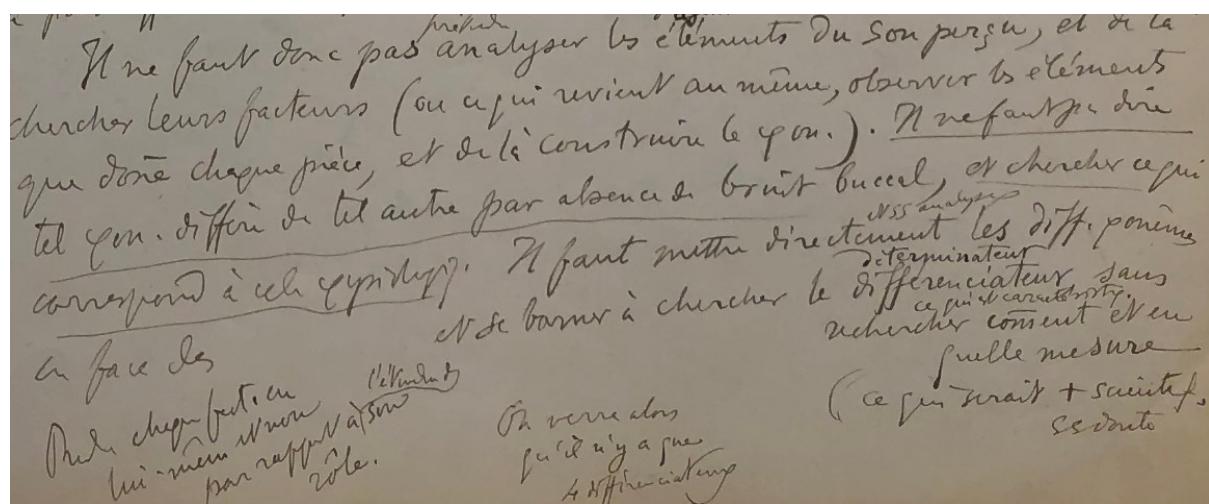
A oposição, repetida diversas vezes, traz-nos outro ponto de tensão. Opor um elemento a outro e, no caso, opor fonema a outros elementos do AFL mostra-nos um posicionamento que parece assinalar uma tentativa de definição de fonema. Essa característica opositiva entre os termos leva-nos a perceber o caráter distintivo deles, fato que marca a forma como Saussure vê as relações na sua teoria, como veremos a seguir ao nos debruçarmos sobre o caráter opositivo, negativo e relativo no *Phonétique*.

Notemos que no fragmento acima o fonema é retratado em oposição a diferentes princípios, e esse movimento que distingue o fonema revela uma tentativa de teorizá-lo, fato

<sup>114</sup> Inciso à esquerda.

que corrobora a ideia de que há no *Phonétique* indícios de uma teorização das ideias saussurianas; o fonema já não teria que ser visto como uma unidade mínima, mas deveria ser visto no encadeamento e ser retratado em oposição tanto a outros elementos quanto a outros fonemas.

Ainda com o objetivo de analisar o movimento teórico saussuriano nesse manuscrito, encontramos, no caderno 3 do arquivo 8, um trecho em que o linguista parece demonstrar um deslocamento do empírico para o teórico, como ele mesmo descreve:



bucal, isto é, não precisa ser preocupação do linguista tratar as diferenças fisiológicas. Desse modo, defende que era necessário pesquisar aquilo que diferenciava os fonemas e, assim, fazer um estudo que, para ele, seria, com certeza, mais científico.

É notório que nos excertos analisados vemos Saussure se debruçar sobre o AFL e seus desdobramentos. O linguista critica os livros de fonética geral, questiona-se sobre por onde começar, isto é, qual seria o ponto de vista de seu estudo e começa a esboçar não só como o fonema deve ser retratado, mas sua oposição aos desdobramentos do AFL como concernentes ao fisiológico, ao acústico, ao encadeamento. Essas concepções dão à pesquisa do *Phonétique* pontos de tensão no que diz respeito aos termos mencionados. Para o linguista as pesquisas de fonética geral não levavam em consideração esses desdobramentos, suas definições e suas oposições.

A urgência de pautar sobre o AFL e seus desdobramentos esclarece, a nosso ver, a necessidade expressa por Saussure - na carta em que envia a Meillet em 1891 sobre a situação em que se encontravam os estudos da linguística geral – da sua insatisfação e dificuldade de escrever sobre os fatos da linguagem, o que fazia com que ele apontasse três elementos ainda a ser resolvidos: mostrar ao linguista o que ele deve fazer; a necessidade de reformar a terminologia corrente; e indicar que tipo de objeto é a língua em geral (NORMAND, 2009, p. 28). Todavia, no *Phonétique*, estamos situados dez anos antes dessa carta, em tempo deparamo-nos com um Saussure ávido em estabelecer tanto uma metodologia como uma teoria.

Além desse trabalho que estabelece tanto crítica como oposição do fonema em relação a outros termos, constatamos que Saussure trata de um aspecto marcante, retomado várias vezes nos seus manuscritos, a saber: o opositivo, o relativo e o negativo. Para investigarmos esse assunto, explicitamos sua importância na teoria saussuriana e, posteriormente, analisamos um fragmento do manuscrito para verificarmos como se realiza o movimento teórico desses aspectos em relação ao AFL.

Neste sentido, é necessário que se assinale, primeiramente, onde encontramos a ideia de opositivo, relativo e negativo na teoria saussuriana. Esses termos são bastante recorrentes quando Saussure se questiona sobre a unidade da língua. Desse questionamento vêm à tona inúmeras outras indagações, como a natureza da língua, da linguagem e o tipo de relações que elas estabelecem. Silveira (2009), ao tratar da teoria do valor, percorrendo a história da Linguística, afirma:

[...] qual a natureza da língua. Essa questão, de resposta difícil, que suponho cara aos linguistas, tem sido feita e refeita muitas vezes ao longo da existência humana. Nesse percurso noções como organização, estrutura da língua, ou sistema da língua, embora não possamos dizer que sejam homólogas, foram

muito recorrentes nas respostas da Linguística especialmente. (SILVEIRA, 2009, p. 39).

Nessa perspectiva, acreditamos que, até chegar à noção de língua, Saussure passou por um percurso longo e complexo, e parte desse processo está presente no manuscrito *Phonétique*. Silveira nos demonstra como a teoria do valor se dá no *CLG* em quatro partes diferentes, a saber:

[...] no *Curso de Linguística Geral* encontramos o capítulo sobre a Teoria do Valor com a seguinte ordem: na primeira parte, é apresentada a teoria da língua enquanto sistema, na segunda parte a natureza do significado a partir da teoria do valor, na terceira parte, temos a exposição do significante submetido ao sistema da língua e, na última parte, nos é apresentado o signo na sua totalidade funcionando a partir de relações puramente diferenciais constituindo o sistema da língua. Há um esforço no *Curso de Linguística Geral* para cernir a especificidade das propriedades do signo, significante e significado e, a partir dessas propriedades, dizer das relações entre tais elementos da língua. (SILVEIRA, 2009, p. 48).

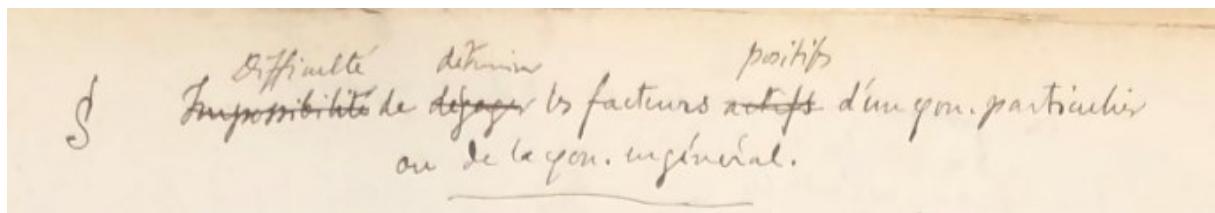
Damos destaque à quarta parte do capítulo da Teoria do Valor que aborda a língua como regida somente de diferenças. Segundo Sofia (2014), trata-se de uma declaração que vem dos estudos indo-europeus, pelo fato de que observavam um “sistema de *valores puramente diferenciais*” e que, posteriormente, teria um maior desenvolvimento pelo círculo de Praga para nascer o conceito de “fonema” (SOFIA, 2014, p. 180). Segundo esse autor, quando, no *CLG*, Saussure diz que na língua só existem diferenças, ele quer dizer o seguinte:

[...] assim definido, um termo só pode existir ao lado de outros aos quais se opõe, “dentro de um sistema”. Aquele termo só poderá ser definido – e até mesmo identificado – a partir das diferenças que o separam do resto. Assim, se imaginássemos, para essas entidades diferenciais e negativas, um sistema com quatro elementos, A, B, C e D, as perguntas “que é o termo A?”, “quais são as propriedades do termo A?”, “onde reside a identidade do termo A?”, etc. receberiam uma única e mesma resposta: “A é o que não é nem B nem C nem D” [...] Eis então que a língua, nessa primeira aproximação, é considerada como uma espécie de conjunto, chamado “sistema”, de entidades puramente negativas, opositivas e diferenciais, aqui chamados de signos [...] (SOFIA, 2014, p. 182).

Acrescentamos também a afirmação de Silveira:

[...] o valor depende das relações existentes no sistema: Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema (SILVEIRA, 2009, p. 50).

No *Phonétique*, por sua vez, há uma página na qual o título é o seguinte:

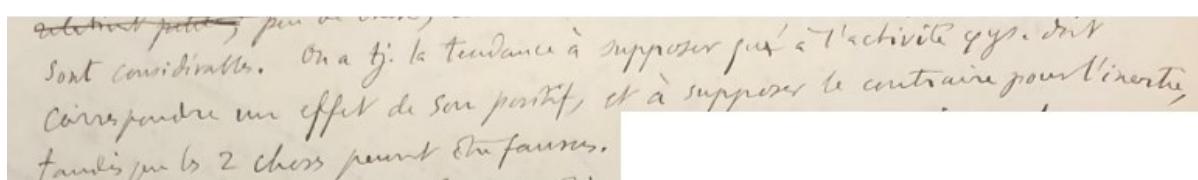


**Impossibilidade** Dificuldade de ressaltar determinar os fatores fativos<sup>116</sup> positivos de um fonema<sup>116</sup> particular ou da fonética geral<sup>117</sup>

(SAUSSURE, 1881-84, f. 51)

**Figura 9.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Após o título, Saussure acrescenta uma crítica aos estudos que lhe são contemporâneos, a saber:



Sempre tendemos a supor que à atividade fisiológica deve corresponder um efeito de som positivo, e a supor o contrário para a inércia, ao passo que as duas coisas podem ser falsas.<sup>118</sup>

(SAUSSURE, 1881-84, f. 51).

**Figura 10.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Nesses excertos, observamos que o autor, no primeiro fragmento, hesita bastante na definição de um título para o que está prestes a escrever: ele oscila na redação do termo “impossibilidade” e opta por “dificuldade” em seu lugar; “ressaltar” torna-se “determinar”; e, por fim, “ativos” na redação final fica como “positivos”. Isso demonstra que há, nesse tópico, a incerteza sobre qual o termo apropriado para aquilo que define um fonema ou a fonética geral, o que poderíamos sugerir ser um ponto de tensão para Saussure naquilo que ele pretende postular. Todavia, revemos a seguir o excerto da Figura 6 para notar que, mais adiante, nesse mesmo pensamento, durante a redação de Saussure, as frases tornaram-se menos rasuradas, o que poderia configurar outra forma de abordar sua ideia em relação às diferenças, a saber:

A diferença entre fonemas repousa em parte sobre fatores negativos e como a diferença<sup>20</sup> entre fonema e silêncio fundamenta-se no mesmo princípio, pode-se dizer que o fonema não somente como espécie, mas como substância

<sup>116</sup> A partir das abreviações no manuscrito não podemos afirmar com certeza que as palavras se tratam de fonema particular e fonética geral, contudo, decidimos por esses termos por concordarmos com a transcrição de Marchese (1995), uma vez que essas notações de particular e geral aparecem associados aos respectivos termos em outros momentos no *Phonétique*.

<sup>117</sup> Tradução nossa de: *Impossibilité Difficulté de dégager déterminer des facteurs [actifs] positifs d'un phonème particulier ou de la phonétique générale*

<sup>118</sup> Tradução nossa de: *On a toujours la tendance à supposer qu'à l'activité physiologique doit correspondre un effet de son positif, et à supposer le contraire pour l'inertie, tandis que les deux choses peuvent être fausses*

~~entidade~~ é formado parcialmente por fatos negativos não somente na sua oposição a outros fatos [xxx] mas na sua oposição [xxx] Negativos sendo = não ativos fisiologicamente sendo = sem ~~efeito fisiológico~~ influência sobre o fenômeno acústico. (SAUSSURE, 1881-84, f. 5r).

No fragmento, o “negativo” toma sua posição perante o fonema. Para Saussure, consequentemente, fonema não é só uma espécie, mas também uma substância formada tanto pelos fatos negativos quanto pela sua oposição a outros fatos. Vale ressaltar, há nesse fragmento uma definição saussuriana importante para o termo negativo, uma vez que ele é considerado não ativo fisiologicamente e, ainda, sem efeito físico/influência sobre o fenômeno acústico. Ademais, nessa afirmação há indícios da teoria do valor. O excerto constata a ideia que pulsa em Saussure, ou seja, o caráter opositivo e negativo dos elementos. Dessa forma, é possível concordar com Peeters (1978), que assegura:

[...] Embora estivesse consciente desde há muito da característica dupla da linguística (isto é da oposição sincronia/diácronia) [no CLG], Saussure continuou durante toda sua vida um fervoroso diacrônico, provavelmente porque essa parte da linguística era a única a chegar a resultados definitivos, como dirá mais tarde L. Hjemslev, enquanto na linguística sincrônica tudo ainda devia ser amadurecido e elaborado. Tendo isso em consideração, pensamos poder estabelecer que é a prática e o método comparativo que influenciou a concepção essencialmente opositiva e negativa que Saussure tinha dos elementos fônicos, diríamos hoje os fonemas.<sup>119</sup> (PEETERS, 1978, p. 157).

O autor confirma, dessa maneira, o que constatamos nos excertos do *Phonétique* anteriormente observados, isto é, de termos nas definições do linguista uma pesquisa situada no seu tempo. Isso acontece, pois, a observação de um sistema de valores diferenciais, como aponta Sofia (2014), vem de uma declaração proveniente dos estudos indo-europeus. Em contrapartida, a insistência do genebrino em tratar do AFL e seus desdobramentos, bem como o interesse em definir os termos advindos dessa repartição do aspecto fônico, realçam que Saussure mostra-se inserido em um movimento de teorização a fim de indicar algo novo a essas ideias.

Além disso, essa afirmação corrobora o que Béguelin explicita sobre o pensamento saussuriano, como segue:

Podemos, assim, ver no desenvolvimento do pensamento de F. de Saussure uma relação de continuidade e ao mesmo tempo de progressiva elaboração, entre:

<sup>119</sup> Tradução nossa de : *Saussure tout en étant conscient depuis longtemps du caractère double de la linguistique (c'est-à-dire l'opposition synchronie/diachronie) est resté toute sa vie un fervent diachronicien, probablement parce que cette partie de la linguistique était la seule à être arrivée à des résultats définitifs, comme le dira plus tard L. Hjemslev, alors qu'en linguistique synchronique tout devait être encore mûri et élaboré*

- a analogia morfológica, cuja presciência determina o método do linguista principiante.
- [...]
- o princípio de diferenciação ou de identidade negativa das entidades linguísticas, definitivo do valor.<sup>120</sup> (BÉGUELIN, 2012, p. 83).

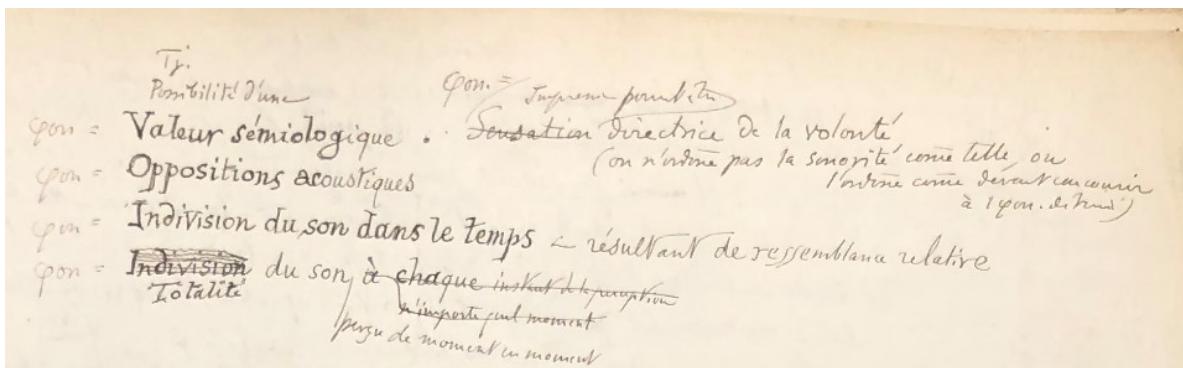
Neste sentido, faz-se necessário frisar que há nesses fragmentos o que Béguelin destaca como “progressiva elaboração” entre a analogia morfológica e a identidade negativa das entidades linguísticas. Nossa pesquisa demonstra a analogia morfológica sendo formada logo nas primeiras investigações saussurianas, como no *Essai* e com maior consistência no trabalho do suíço de 1878, no *Mémoire*. No *Phonétique*, como visto, há a questão da identidade negativa de o fonema aparecer de forma explícita, apesar de precária e com muitas rasuras. Para nós, as noções do negativo e opositivo, mesmo que apresentadas de forma rudimentar, tornam possível uma elaboração da teoria do valor mais tarde.

Ora, mas em que aspecto a teoria do valor se relaciona com o AFL e seus desdobramentos? Em princípio, não é possível fragmentar a teoria saussuriana, pois todos os termos elaborados pelo linguista estão imbricados uns aos outros a partir do momento em que fazem parte do sistema da língua. À vista disso, para ser viável a teoria do valor é necessário que os conceitos presentes no sistema da língua estejam estabelecidos; nesse momento (em 1881-84), o linguista não tinha estabelecido todos os termos e conceitos do sistema nem como eles estavam relacionados; mas Saussure notava a partir do fonema elementos opositivos e relativos entre si. Essa análise da oposição/relação é mais tarde tomada para a teoria da língua, como vimos em Silveira (2009) e Sofia (2014).

Dessa forma, vemos Saussure dar passos para além das concepções comparatistas; além disso, mostra em 1881-84 uma terminologia bastante conhecida no *CLG*, mas que surpreende na redação do *Phonétique*, como segue:

---

<sup>120</sup> Tradução nossa de : *On peut ainsi voir dans le développement de la pensée de F. de Saussure une relation de continuité, et en même temps de progressive élaboration, entre : - l'analogie morphologique, dont la prescience détermine la méthode du linguiste débutant ; [...] – le principe de différenciation ou d'identité négative des entités linguistiques, définitoire de la valeur*



Fonema = valor semiológico

Fonema = oposições acústicas

Fonema = Indivisão do som no tempo – resultante de semelhança relativa

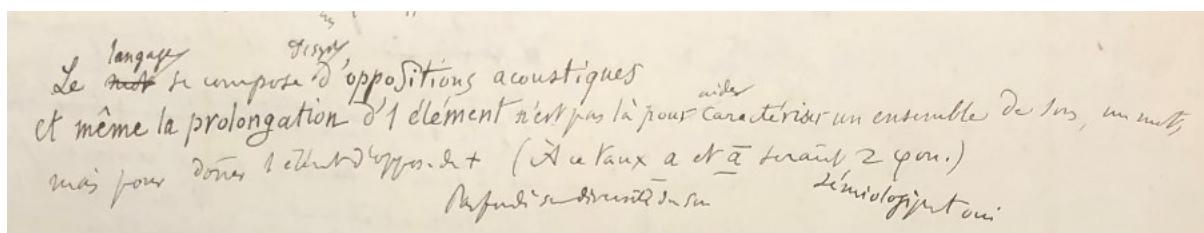
Fonema – Indivisão Totalidade do som <sup>a cada instante da percepção</sup> percebido de momento em momento

Fonema – impressão que pode ser diretriz da vontade

(não se ordena a sonoridade como tal, ordena-se [a sonoridade] como devendo concorrer  
 a um fonema determinado)<sup>121</sup>  
 (SAUSSURE, 1881-84, f. 7)

**Figura 11.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

E o autor acrescenta logo abaixo:



A palavra <sup>linguagem</sup> compõe-se de oposições acústicas  
 e até a prolongação de um elemento não está aí para <sup>ajudar</sup> a caracterizar um conjunto de sons, uma  
 palavra,

mas para dar mais um elemento de oposição a mais (a proporção de a e à seriam semiologicamente, sim, 2  
 fonemas)

(SAUSSURE, 1881-84, f. 6v).<sup>122</sup>

**Figura 12.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

<sup>121</sup> Tradução nossa de : phonème=valeur sémiologique; phonème=oppositions acoustiques ; phonème=indivision du son dans le temps – résultant de ressemblance relative ; phonème=indivision totalité du son à chaque instant de la perception perçue de moment en moment ; phonème=impression pouvant être directrice de la volonté (on n'ordonne pas la sonorité comme telle, on l'ordonne comme devant concourir à un phonème déterminé)

<sup>122</sup> Tradução nossa de: Le mot langage se compose d'oppositions acoustiques et même la prolongation d'un élément n'est pas là pour aider à caractériser un ensemble de sons, un mot, mais pour donner un élément d'opposition de plus. (À ce taux a et à seraient sémiologiquement oui deux phonèmes).

Notamos, nesses excertos, a terminologia “valor semiológico” e “linguagem” como bastante raras nesse momento de elaboração de Saussure, porém, elas não aparecem com as definições contidas no *CLG*. Essa terminologia, na verdade, ratifica a necessidade que o linguista tinha de definir e teorizar à frente das ideias comparatistas de sua época.

Ainda, a rasura em “palavra” ser substituída por “linguagem” nos direciona a um ponto de tensão que merece destaque, visto que “palavra”, a nosso ver, está associada à ideia de particular, ou unidade, enquanto que “linguagem” nos parece mais ligada ao geral, ao todo. Tais fatos corroboram tanto a necessidade de teorizar como um prelúdio de outros termos que devem ser diferenciados.

Nesses excertos esparsos do *Phonétique* é essencial darmos destaque ao movimento teórico do linguista que se depara com termos e conceitos comparatistas, critica-os e passa a dar forma aos desdobramentos do AFL. Vimos, deste modo, que o fonema tem uma posição de destaque, há uma necessidade em defini-lo e, a princípio, ele sempre é colocado em relação de oposição a outros termos, tais como: silêncio, espécie fonética, audição, encadeamento.

No entanto, para Saussure não se deve analisar elementos de som percebido e depois procurar as correspondências possíveis entre eles; o linguista defende que o estudo do fonema tem que se limitar a procurar “o diferenciador (determinador)”. Por conseguinte, a diferença entre fonemas está determinada em duas partes: sobre os fatores negativos e fatores opositivos; além disso, ele aborda sobre uma dificuldade em determinar os fatores positivos de um fonema.

Vale dizer que a questão da oposição e da diferença (pautada no princípio da negatividade) é um ponto de tensão marcado também por Silveira (2007). Na pesquisa da autora é possível notarmos que

[...] Saussure considerava que as relações entre significados e significantes estariam marcadas pela pura diferença e a relação entre os signos, marcada pela oposição. [...] signo (termo positivo) e unidade não são a mesma coisa. O “princípio da diferenciação” pode ser aplicado à unidade mas não ao signo. [...] Assim, tanto o valor quanto a unidade são definidos negativamente. (SILVEIRA, 2007, p. 64-65)

Vemos aqui que opositivo e negativo/diferença estão relacionados tanto à teoria do valor como à natureza do signo linguístico, fato não apresentado no *Phonétique*. Contudo, de forma embrionária, encontramos a oposição, a negatividade e a positividade nesse manuscrito; todos esses princípios tornam-se propriedades essenciais para a teorização sobre a língua e, portanto, mostram outro ponto de tensão que caracteriza o movimento teórico de Saussure no que tange ao AFL.

Esse caminho percorrido pelo linguista, nesses fragmentos, faz-nos verificar um movimento que parte do AFL rumo a termos e conceitos que vemos mais tarde tomar forma no *CLG*. Desse modo, nossas análises, até então, demonstram que há, na trajetória de Saussure, uma grande influência dos estudos comparatistas do século XIX. Dessa herança, vem algo que alavancou a definição de língua já a começar desde o *Essai* e passar pelo *Mémoire* e, ainda mais, no *Phonétique*. Vejamos a seguir mais especificamente a influência dos comparatistas ao cotejarmos o manuscrito saussuriano e as ideias desses linguistas seus contemporâneos.

### 3.3. *Phonétique*, os estudos da Gramática Comparada e da Escola Neogramática

Em 1876 Saussure vai a Leipzig para estudar linguística. Naquela época, na Alemanha, havia linguistas renomados<sup>123</sup> que tratavam do AFL em seus estudos e é nesse contexto que o genebrino desenvolve suas ideias sobre linguística. Como tratado anteriormente, decidimos trabalhar com Grimm, Schleicher e Paul, que retratam diferentes momentos de um contexto parecido.

Observamos que nos dois primeiros capítulos conseguimos remontar algumas especificidades que estão tanto no trabalho dos comparatistas quanto nos trabalhos de Saussure relativos ao AFL. Essa trajetória pode confirmar como a produção saussuriana estava ao mesmo tempo introduzida no seu tempo e para além dele. Neste aspecto, faz-se necessário delinear esse caminho percorrido por Saussure, que é crucial para sua pesquisa em relação ao AFL, no *Phonétique*. Passamos, mais uma vez, para a análise dos pontos de tensão do manuscrito, porém, nosso foco centra-se nos pontos que, ao mesmo tempo em que dialogam e se aproximam dos trabalhos dos comparatistas e de linguistas da Escola Neogramática, mostram indícios de uma pesquisa adiante de seu tempo.

O trabalho de Grimm é prioritariamente conhecido por ser tanto empirista quanto historicista. A ideia do linguista é aliar a pesquisa empírica à análise histórica; notemos o que Morpugo Davies (1998) nos traz sobre essa questão:

[...] para ele [Grimm], observação é a ‘alma da pesquisa linguística’ [...]. Ele se declara hostil ao uso de conceitos lógicos de gramática e que anteriormente, no prefácio da gramática de 1819, ele criticava tanto a análise ‘filosófica’ quanto a ‘crítica’ da língua (ex.: descritiva e prescritiva). Mas o empirismo é unido ao historicismo. Para Grimm a ‘verdadeira’ análise gramatical é histórica; sua gramática germânica vai demonstrar que as formas da língua moderna são incomprensíveis a menos que elas sejam restituídas para formas

---

<sup>123</sup> Citamos vários desses linguistas no primeiro capítulo.

mais novas e que a estrutura gramatical atual somente pode ser estabelecida em termos históricos.<sup>124</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 138)

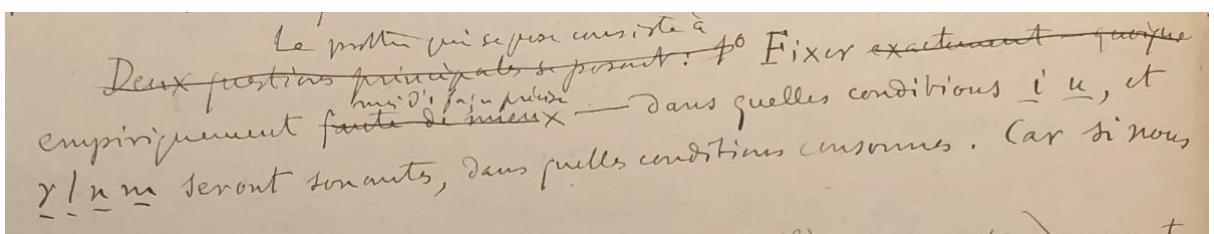
O tratamento empírico de dados observados, assim como em Grimm, é tema no *Phonétique*; o trabalho de Saussure nesse manuscrito também engloba o fato histórico, mas, logo nas primeiras folhas o linguista preocupa-se em demonstrar que seu ponto de vista era o da fonética geral e, mais ao fim da terceira folha, segue outro rumo para o exame de seus dados, como na Figura 2 (na página 79); retomemos uma parte dela:

Qual é a distribuição de papéis estabelecida entre os diferentes fonemas ario-europeus relativos à oposição entre consoante e soante? Partimos puramente e simplesmente dos fatos, [xx] Nós ~~só~~ queremos aqui registrar os fatos <sup>históricos</sup> ~~abstando-nos de afastando~~ e nada além dos fatos <sup>históricos</sup> os três grupos ~~que indicados~~ que vamos distinguir ~~não exprime portanto uma~~ mais ou menos ~~grandes~~ a faculdade

não deve prejulgar sobre. (SAUSSURE, 1881-84, f. 2)

Desse modo, nesse momento vemos os fatos históricos terem destaque na elaboração saussuriana, apesar de ser um inciso, e talvez essa não fosse a ideia inicial de Saussure; ele deixa na redação final dessa página os fatos históricos necessários para a distinção que irá fazer. Verificamos, no entanto, que enquanto Grimm sugere que os termos históricos estabeleçam a estrutura gramatical, Saussure registra os fatos históricos para tentar atribuir os papéis do fonema.

Ao examinarmos o manuscrito, encontramos o seguinte trecho que chama a atenção:



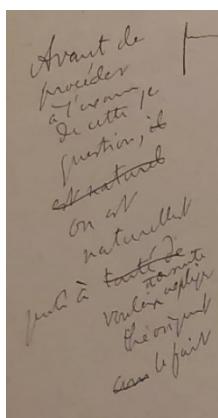
Duas questões principais se colocam: 1º O problema que se coloca consiste em fixar exatamente mesmo que empiricamente na falta de melhor – mas de uma maneira precisa – sobre quais condições i u, e y l n m serão soantes, sobre quais condições consoantes. Porque se nós [...] <sup>125</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 3)

**Figura 13.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

<sup>124</sup> Tradução nossa de: [...] for him, observation is 'the soul of linguistic enquiry' [...] He declares himself hostile to the use of logical concepts in grammar and that previously, in the preface to the 1819 grammar, he had criticized both the 'philosophical' and the 'critical' (i.e. descriptive and prescriptive) analysis of language. But empiricism is joined to historicism. For Grimm the 'true' grammatical analysis is historical; his Germanic grammar will demonstrate that the forms of the modern language are incomprehensible unless they are brought back to earlier ones and the present-day grammatical structure can be set up only in historical terms.

<sup>125</sup> Tradução nossa de: Deux questions principales se posent Le problème qui se pose consiste à fixer exactement quoique empiriquement faute de mieux mais d'une façon précise dans quelles conditions i u, et r l n m seront sonantes, dans quelles conditions consonnes.

E, logo na sequência, em um inciso, ele aponta o seguinte:



Antes de proceder ao exame dessa 1<sup>a</sup> questão, é naturalmente somos levados a tentar explicar teoricamente um o fato<sup>126</sup>

(SAUSSURE, 1881-84, f. 3)

**Figura 14.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Nesse momento, observamos Saussure oscilar entre “fixar exatamente...” e “fixar empiricamente”, perguntar quais seriam as condições de alguns sons serem soantes ou consoantes e, por fim, o linguista rasura a primeira opção; dessa maneira, “fixar empiricamente” demonstra uma preocupação saussuriana que é própria da época comparatista em trabalhos linguísticos, como vimos em Grimm, “o empirismo é unido ao historicismo”. No entanto, surpreende o fato de que Saussure afirma, no fragmento da Figura 14, ser “levado a querer explicar teoricamente o fato”. Mais uma vez, Saussure mostra interesse na questão teórica.

Nesses dois trechos, para nós, há um deslocamento do empírico para o teórico, além de uma necessidade de se tratar sobre o que é geral na fonética. Esses elementos marcam o trabalho de Saussure simultaneamente contemporâneo às ideias comparatistas, próprias de sua época, e instigado a ir além delas. Esse movimento se dirige à necessidade do linguista de se pautar nas ideias comparatistas e seguir adiante, prova que a Gramática Comparada tem um papel fundamental na teoria saussuriana que virá à tona no início do século XX.

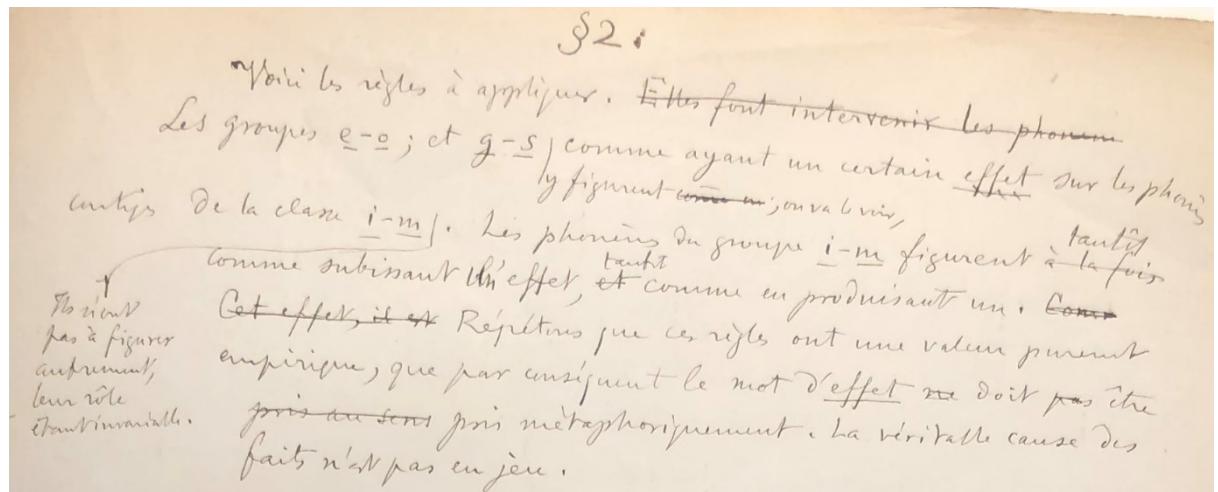
Voltemos ao trabalho de Grimm; nele constatamos princípios de um estudo da língua por si mesma e por suas regularidades, a saber:

Em 1840, quando a batalha “antifilosófica” já não era tão urgente, ele [Grimm] desenhou uma distinção entre um estudo da língua destinado a uma

<sup>126</sup> Tradução nossa de: *Avant de procéder à l'examen de cette 1<sup>re</sup> question, il est naturel on est naturellement porté à tenté de vouloir expliquer théoriquement [xxx] le fait.*

melhor compreensão de textos e um estudo da língua *per se*, destinada a encontrar leis e regularidades fundamentais sob as anomalias superficiais.<sup>127</sup> (MORPUGO DAVIES, 1998, p. 139)

A ideia saussuriana em consonância a de Grimm era de estabelecer regras para os casos que pesquisava, porém, Saussure caracteriza que essas regras teriam um “valor puramente empírico”, como segue:



Essas são as regras para aplicar. Elas envolvem os fonemas. Os grupos e-o; e g-s nas constam como em, vamos vê-lo, como tendo certo efeito sobre os fonemas contíguos da classe i-m não podem constar de outra forma, sendo seu papel invariável. Os fonemas do grupo i-m constam ao mesmo tempo ora como sofrendo um efeito, e ora como produzindo um. Como esse efeito, é Repetimos que essas regras têm um valor puramente empírico, que, consequentemente, a palavra efeito não deve ser tomada no sentido tomada metaforicamente. A verdadeira causa dos fatos não está em jogo.<sup>128</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 6)

Figura 15. Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

A partir do excerto é possível observarmos que Saussure, tal como Grimm, vale-se de regras para sua pesquisa linguística. Cabe recordar que foi Grimm quem permitiu fortalecer a hipótese das regularidades fonéticas, pois trabalha com as exceções em três conjuntos, a saber:

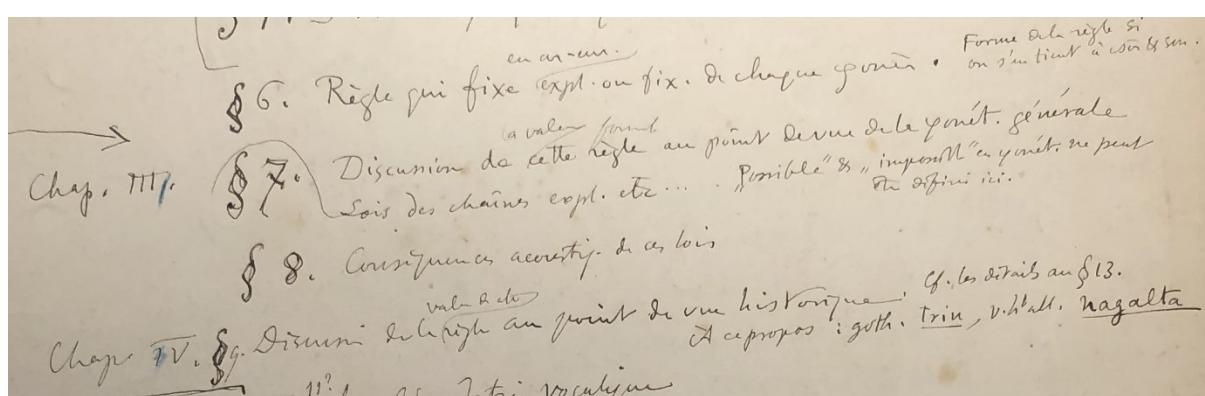
<sup>127</sup> Tradução nossa de: *In 1840, when the 'antiphilosophical' battle was no longer so pressing, he drew a distinction between a study of language aimed at a better comprehension of the texts and a study of language per se, aimed at finding fundamental laws and regularities under the superficial anomalies.*

<sup>127</sup> Tradução nossa de: *On ne s'est guère mis en peine de chercher la règle précise et générale à laquelle se manènent toutes les cas.*

<sup>128</sup> Tradução nossa de: Voici les règles à appliquer. Elles font intervenir les phonèmes. Les groupes e-o; et g-s comme ayant un certain effet sur les phonèmes y figurent comme en on va le voir caractéristiques de la classe i-m ils n'ont pas à figurer autrement, leur rôle étant invariable les phonèmes du groupe i-m figurent tantôt à la fois comme subissant un effet et tantôt comme en produisant un. Comme Cet effet, il est Répétons que ces règles ont une valeur purement empirique, que par conséquent le mot d'effet ne doit pas être pris au sens pris métaphoriquement. La véritable cause des faits n'est pas en jeu.

i) exceções de grupos consoânticos; ii) casos de não correspondência entre o sânscrito e outras línguas indo-europeias, ou germânicas; e iii) casos explicados pela lei de Verner<sup>129</sup>.

No entanto, como vimos anteriormente, para o suíço a causa dos fatos não importava, uma vez que toda mudança teria uma causa e, portanto, não seria possível catalogar todas as causas das mudanças e, por isso, apresentavam um valor puramente empírico. A nosso ver, a intenção de Saussure, mais que observar as regras dos fonemas, era discutir seu valor do ponto de vista fonético, as consequências acústicas dessas regras e seu valor do ponto de vista histórico. Essa questão também pode ser notada no excerto abaixo em que Saussure faz uma divisão de capítulos, provavelmente, de como seriam suas aulas, vejamos:



§6. Regra que fica <sup>no ário-europeu</sup> explosão ou fixação de cada fonema. Forma da regra se nos mantivermos consoante e soante.

Capítulo III. § 7. Discussão do <sup>valor</sup> desta regra do ponto de vista da fonética geral.

Leis das cadeias explosivas etc ... "Possível" e "impossível" na fonética não pode ser definido aqui.

§8. Consequências acústicas dessas leis

Capítulo IV. §9. Discussão do <sup>valor desta</sup> regra do ponto de vista histórico. Veja os detalhes no §13.

A esse respeito: trin gótico. nagalta alemão-antigo<sup>130</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 8)

Figura 16. Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

É notório que Saussure se interessa pelas regras, mas ele se propõe a discuti-las sobre dois pontos de vista: da fonética geral e da história. Essa perspectiva do autor ratifica nossa ideia de que há um ponto de tensão no que tange às regras fonéticas, isto é, o linguista não se preocupava somente com as comparações e as analogias tal e qual os comparatistas, ele também

<sup>129</sup> Conferir no capítulo 1, p.29

<sup>130</sup> Tradução nossa de: §6. Règle qui fixe <sup>en ario-européen</sup> explosion ou fixation de chaque phonème. Forme de la règle si on s'en tient à consonne et sonante. Chap III. §7. Discussion de <sup>la valeur</sup> de cette règle au point de vue de la phonétique générale. Lois des chaînes explosives etc... « Possible » et « impossible » en phonétique ne peut être défini ici. §8. Conséquences acoustiques de ces lois Chap IV. §9. Discussion de <sup>la valeur</sup> de cette règle au point de vue historique. Cf. les détails au §13. À ce propos: gothique trin. vieux-haut -allemand nagalta

dava atenção às discussões e consequências tanto dessas regras como de leis fonéticas. Além disso, em dois incisos – presentes no fragmento anterior – Saussure acrescenta que a discussão dessas regras deveria concernir, na verdade, o valor delas em cada um desses pontos de vista.

Assinalamos, dessa maneira, um movimento teórico do linguista genebrino que vai além das ideias comparatistas dos seus contemporâneos; não sabemos, a partir desses excertos, do que se tratava discutir o valor das regras, contudo, temos aqui um linguista preocupado em discuti-las o que, com certeza, caracteriza uma novidade nos estudos da Linguística do seu tempo.

Para continuarmos no caminho de verificar o movimento teórico saussuriano do AFL em relação aos comparatistas, partimos para uma análise da pesquisa de Schleicher no *Compendium*. Detectamos um trabalho extenso do linguista em relação às *sound-laws* (leis do som) que envolvem, nesse contexto, uma investigação sobre as consoantes e soantes no indo-europeu, como segue:

Soantes (ou médias) são aquelas consoantes em cuja produção a glote dá um som simultâneo: esse é o caso com todas as nasais e os sons *r*- e *l*, enquanto as consoantes e aspirantes momentâneas podem ser pronunciadas com ou sem o acompanhamento do som vocal. Soantes, por outro lado, têm alguma coisa de vogal em sua composição. As aspiradas são sons duplos; ambos os sons dos quais elas consistem, a consoante momentânea precedente e a subsequente aspiração, devem ser ouvidas na pronúncia.<sup>131</sup> (SCHLEICHER, 1874 [1861], p. 10)

Saussure, por sua vez, também estabelece no *Phonétique* algumas noções sobre consoantes e soantes, sua pesquisa gira em torno da observação do fonema, como é possível notar no seguinte fragmento:

III. L'effet des phonèmes du groupe i-m sur les phonèmes du même groupe ~~et seulement régulier~~ et ne peut être fixé qu'après application des règles I et II: un phonème du gr. i-m rendu sonantique (par la règle II) agit comme un phonème du gr. g-s; ~~le phonème~~ rendu sonantique (par la règle II) il agit comme un phon. du gr. e-o.

III. O efeito dos fonemas do grupo i-m sobre os fonemas do mesmo grupo ~~somente é regressivo e~~ só pode ser fixado

<sup>131</sup> Tradução nossa de: *Soants (or medials) are those consonants in whose production the glottis gives a simultaneous sound: this is the case with all nasals and r- and l-sound, whilst the momentary consonants and spirants can be pronounced with or without the accompaniment of the vocal-sound. Sonants thus have something of the vowel in their composition. The aspirates are double sounds; both sounds of which they consist, the preceding momentary consonant and the subsequent aspiration, must be heard in pronunciation.*

depois da aplicação das regras I e II: um fonema do grupo i-m  
 emitido <sup>con</sup>soântico (pela regra I) age como um fonema  
 do grupo g-s; Um fonema emitido soântico (pela regra II)  
 age como um fonema do grupo e-o<sup>132</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 6)

**Figura 17.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

De um lado, a partir dos fragmentos de Saussure, é possível notar o tratamento com o AFL na protolíngua indo-europeia. Tanto o genebrino como Schleicher se dedicam às questões do som, das consoantes e soantes, características próprias da época. Por outro lado, Saussure, ao mesmo tempo em que aborda as regras que se aplicam aos fonemas, tenta afirmar (como vimos na Figura 15) que essas regras “específicas e gerais para todos os casos” dificilmente devem ser levadas em consideração – ou, logo na folha 7 dessas páginas manuscritas ele afirma que “A regra é praticamente infalível, teoricamente sem valor”. Dessa forma, destacamos nesse manuscrito uma característica que também é muito particular do linguista e apontada por muitos pesquisadores em outras produções suas: questionar o estudo vigente e apontar novas abordagens à pesquisa linguística.

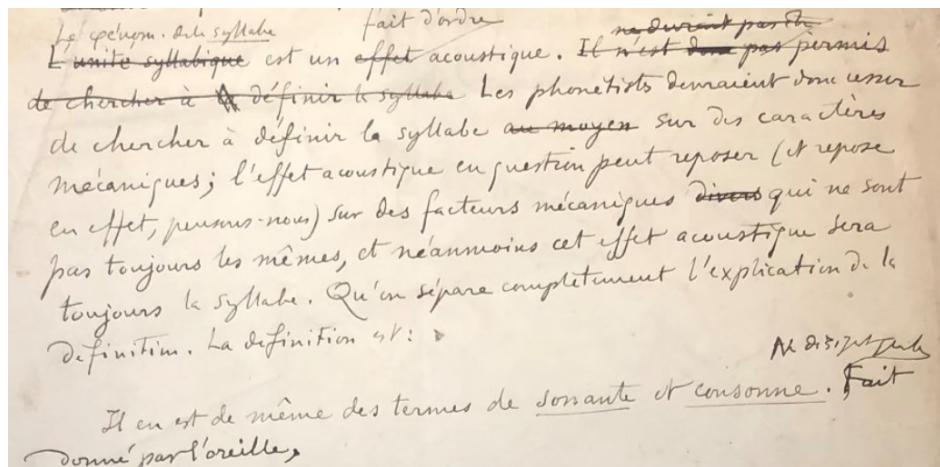
Outro elemento mencionado nos trabalhos tanto de Schleicher quanto de Saussure é o tratamento com a sílaba. Em Schleicher lê-se o seguinte:

Com importância especial são as mudanças de *a* para *i*, *ī*, *e*, *u*, *ū*, e sua perda total (a última raramente acontece no caso de outras vogais). Nos últimos casos *r* e *l* depois das consoantes formam sílabas, e contam como vogais; *r* é então até capaz de ser alongado para *ṛ* (como *i* e *u* para *ī* e *ū*).<sup>133</sup> (SCHLEICHER, 1874 [1861], p. 16)

Em Saussure, o tratamento com a sílaba sugere caminhar ao teórico, como mostra a figura a seguir:

<sup>132</sup> Tradução nossa de: *III. L'effet des phonèmes du groupe i-m sur les phonèmes du même groupe est seulement régressif et ne peut être fixé qu'après application des règles I et II : un phonème du groupe i-m rendu <sup>con</sup>sonantique (par la règle I) agit comme un phonème du groupe g-s ; Un phonème rendu sonantique (par la règle II) il agit comme un phonème du groupe e-o*

<sup>133</sup> Tradução nossa de: *Of special importance are the change of *a* to *i*, *ī*, and *u*, *ū*, and its total loss (the latter rarely happens in the case of the other vowels). In the latter cases *r* and *l* after consonants form syllables, and count as vowels; *r* is then even capable of being lengthened to *ṛ* (as *i* and *u* to *ī* and *ū*)*



**A unidade silábica** O fenômeno da sílaba é um efeito fato de ordem acústica. Ele não é permitido ~~não deve ser permitido~~  
de procurar definir a sílaba. Os foneticistas devem portanto parar  
 de procurar definir a sílaba em meio sobre as características  
 mecânicas; o efeito acústico em questão pode repousar (e repousa  
 com efeito, pensamos) sobre os fatos mecânicos diversos que não são  
 sempre os mesmos, e ainda esse efeito acústico será sempre a sílaba. Que se separe completamente a  
 explicação da  
 definição. A definição é:

É dos mesmos termos de soante e consoante. Somente designa o fato  
 dado pela orelha.<sup>134</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 101)

**Figura 18.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Ressaltamos que o fragmento acima está bem adiante no manuscrito *Phonétique* (na folha 101); podemos observar que, por um lado, o trabalho que investiga as sílabas já acontece entre os comparatistas, como, por exemplo, no caso apontado em Schleicher, em que o autor verifica as mudanças que ocorrem com *r* e *l* ao formar sílabas.

Por outro lado, Saussure apresenta a definição de sílaba e critica a postura adotada pelos foneticistas da época, que a definiam pelas características mecânicas. O suíço postula que há uma relação entre os efeitos acústicos e os fatos mecânicos, o primeiro fundamentando-se sobre o segundo, fato que propõe outro ponto de tensão no manuscrito que marca uma postura diferente dos trabalhos da época de Saussure e revela não só a necessidade que ele mostra de teorizar, mas também sua atenção para além das características mecânicas ao observar o AFL.

Partimos, nesse momento, para uma análise da pesquisa de Paul (1983 [1880]) em que traçamos um estudo entre ele e o *Phonétique* com base no que já foi dito, por ser um ponto

<sup>134</sup> Tradução nossa de: L'unité syllabique. Le phénomène de la syllabe est un effet fait d'ordre acoustique. Il n'est donc pas permis ~~Il ne devrait pas être permis~~ de chercher à définir la syllabe. Les phonétistes devraient donc cesser de chercher à définir la syllabe ~~au moyen~~ sur des caractères mécaniques ; l'effet acoustique en question peut reposer (et repose en effet, pensons-nous) sur des facteurs mécaniques ~~divers~~ qui ne sont pas toujours les mêmes, et néanmoins cet effet acoustique sera toujours la syllabe. Qu'on sépare complètement l'explication de la définition. La définition est : Il en est de même des termes de sonante et consonne. Ne désignent que le fait donné par l'oreille.

chave em que é possível notar as posições tanto de Paul quanto de Saussure; daí retomarmos o fragmento do primeiro capítulo:

Também precisamos nomeadamente só de duas ciências exactas como fundamento da linguística, a psicologia e a fisiologia; e da última mesmo só algumas partes. O que normalmente entendemos por fisiologia do som ou fonética não abrange aliás todos os processos fisiológicos em si que fazem parte da atividade da fala, a saber a excitação dos nervos motores, pela qual os órgãos fonadores são postos em movimento. (PAUL, 1983 [1880], p. 25)

Essa colocação de Paul, que apresenta a dualidade do seu trabalho entre psicologia e fisiologia merece nosso destaque, mais uma vez, por retratar aspectos que também aparecem no manuscrito de 1881-84 de Saussure. Paul retrata a fisiologia como sinônimo de fonética e, ainda, um ponto elementar para os estudos da ciência da língua; outro fato é que o termo “fonema” não aparece na obra de Paul. Retomemos outro fragmento:

Além disso, a acústica, parte tanto da física como da Fisiologia, teria de ser tomada em conta. Porém os processos acústicos não são directamente influenciados pelos psíquicos, mas só indirectamente pelo fonético-fisiológicos. São de tal maneira determinados por estes que, uma vez dado o impulso, o seu decurso em geral já não sofre mais qualquer desvio, pelo menos um desvio que seja de importância para a natureza da língua. Sendo assim não é exigida para a compreensão da evolução da língua uma penetração mais profunda nestes fenômenos, pelo menos não é exigida na medida em que o é o conhecimento do movimento dos órgãos fonadores. Como isto não queremos dizer que por vezes não se possa ir buscar à acústica alguns conhecimentos. (PAUL, 1983 [1880], p. 25)

Vemos com Paul uma ideia que já discutimos no primeiro capítulo, a de margear a noção de acústico no que diz respeito ao tratamento da língua. Ademais, o termo acústico é essencial no manuscrito *Phonétique* e em alguns momentos percebemos esse termo com a mesma conotação no trabalho de Paul, ou seja, associado ao fisiológico, mas, às vezes, o termo suscita dúvida ao parecer como um sentimento da orelha, como segue:

5º Faits phonétiques <sup>(proprietary)</sup>, c.à.d. acoust. et physiol. correspondants considérés de front dans leur corrélation  
(Le fait acoustique sans définition, le fait physiol. défini de l'une des 2 manières indiquées)

5º Fatos fonéticos <sup>propriamente</sup> dito, isto é acústico e fisiológico correspondentes considerados de frente  
em sua correlação

(o fato acústico sem definição, o fato fisiológico define de uma ou duas maneiras)<sup>135</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 81v)

**Figura 19.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

<sup>135</sup> Tradução nossa de: 5º *Faits phonétiques*<sup>proprement dits</sup>, c.à.d. *acoustiques et physiologiques correspondants considérés de front dans leur corrélation*. (Le fait acoustique sans définition, le fait physiologique de l'une des 2 manières indiquées)

1º Faits acoustiques, sans sortir de ce domaine. Aucune définition ; sentiment de l'oreille.

1º Fatos acústicos <sup>neles mesmos</sup>, dado pela orelha sem sair de seu domínio. Nenhuma definição; sentimento da orelha.<sup>136</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 81v)

**Figura 20.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Notamos que, em Saussure, acústico e fisiológico ficam associados, eles são postos como semelhantes; ademais, damos relevância à situação em que os fatos acústicos são ligados ao “sentimento da orelha”. Essas questões marcam um ponto de tensão que mostra o acústico em lugares diferentes nas acepções de Paul e Saussure; para aquele, acústico não é central para a essência da língua, mas para este deve-se levar em conta tanto o acústico como o fisiológico, o primeiro está relacionado ao sentimento da orelha.

Por um lado, a palavra sentimento a que são ligados os fatos acústicos, a nosso ver, pode estar ligada à sensação/sensorial - como vimos no caderno de Constantin e abordaremos de forma mais aprofundada no próximo item deste capítulo -; esse fato instiga-nos novamente a pensar que Saussure no *Phonétique* parece dar passos na definição de psicológico dada pela Escola Neogramática, apesar de que é necessário frisar que em nossa pesquisa não encontramos a palavra psicológico uma vez sequer nesse manuscrito.

Por outro lado, no entanto, acreditamos que o acústico definido nessas folhas manuscritas a partir de seu efeito, ou dado pela orelha, remete-nos ao que Parret (1995) apresenta em suas pesquisas, ou seja, que essa perspectiva esteja relacionada ao sujeito falante, o que aproxima a pesquisa do manuscrito saussuriano à questão do sujeito falante encontrada na Escola Neogramática. De fato, essa é uma questão bastante abordada por Parret e que reafirma uma de nossas questões centrais, a saber: que a insistência de Saussure com o AFL e seus desdobramentos o leva a postular novidades no campo da linguística.

Sobretudo, é possível notar que o linguista suíço estava imerso na pesquisa linguística da sua atualidade. No *Phonétique*, ele mostra a comparação entre as línguas, o trabalho com o AFL no que diz respeito ao indo-europeu e que ainda há traços de uma separação do fisiológico com um elemento que, algumas vezes, se assemelha bastante ao psicológico; fatores típicos, respectivamente, da Gramática Comparada e da Escola Neogramática. Termos como acústico, fisiológico, fonema, isto é, aqueles que vêm do desdobramento do AFL que são encontrados em todos esses *corpora* – tanto em Saussure como entre os comparatistas e os neogramáticos

<sup>136</sup> Tradução nossa de: 1º *Faits acoustiques* <sup>en eux-mêmes</sup>, sans sortir de ce domaine. *Aucune définition ; sentiment de l'oreille.*

– o que, mais uma vez, marca uma pesquisa saussuriana inserida em seu tempo, marcada por um Saussure tanto foneticista como comparatista/neogramático.

Saussure, no entanto, mostra-se igualmente à frente de seu tempo ao demonstrar nesse compilado de folhas manuscritas marcas de um linguista que procura indicar distinções e oposições para estabelecer uma teoria. Essa perspectiva saussuriana marca indícios do estabelecimento de uma teoria, o que nos instiga a investigar em que medida o *Phonétique* faz uma interlocução com os cursos de Linguística Geral, ou melhor, qual é o papel desse manuscrito no movimento teórico saussuriano que examina o AFL a ponto de encontrar caminhos para a definição do objeto da Linguística Moderna. Examinamos essas questões a seguir fazendo um paralelo entre o *Phonétique*, os cursos em Genebra e o *CLG*.

### **3.4 *Phonétique*, os cadernos dos alunos e o *Curso de Linguística Geral***

As aulas de Saussure ministradas entre 1907 e 1911 tiveram grande repercussão nos estudos linguísticos. Registrados, no segundo capítulo, um trabalho extenso do genebrino no que diz respeito à pesquisa do AFL. Nesses trabalhos encontramos também o aspecto fônico da língua retratado nesses cursos ministrados em Genebra por Saussure, os quais foram, posteriormente, editados para comporem sua obra póstuma, o *CLG*.

Acreditamos que no *Phonétique* a insistência do suíço no tratamento com o AFL e seus desdobramentos pode apontar um movimento teórico do linguista que nos leva à definição de língua. A fim de pesquisarmos sobre esse movimento, faz-se necessário que examinemos o AFL nos manuscritos *Phonétique*, levando em conta, novamente, os pontos de tensão que marcam essas folhas escritas por Saussure e como esse aspecto aparece associado ao objeto da Linguística mais de vinte anos antes dos cursos que dão aos estudos da linguagem um novo olhar sobre o tratamento da língua.

Começamos nossa investigação dando destaque aos indícios de que o manuscrito *Phonétique* pode estar, de alguma forma, presente na edição do *CLG*. De acordo com Joseph (2012), a seção “Princípios de Fonologia” levanta questões sobre a natureza do fonema como uma unidade e sua conexão com o tempo e, nesse documento, o suíço postula questões sobre som, tempo, acústico e fonema, as quais se encontram no Apêndice do *CLG*, logo após a primeira parte do livro. Além disso, no capítulo I do Apêndice desse livro encontramos uma nota dos editores logo nas primeiras linhas que aponta:

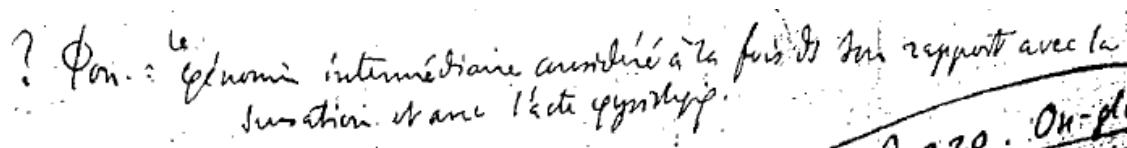
[Para esta parte, podemos utilizar a reprodução estenográfica de três conferências feitas por F. de S. em 1897 sobre a *Teoria da Silaba*, em que toca também nos princípios gerais do primeiro capítulo; além disso, uma boa

parte de suas notas pessoais se refere à Fonologia; em muitos pontos, esclarecem e completam os dados ministrados pelos cursos I e II (org.).] (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 75)

Nossa pesquisa não vê de forma óbvia<sup>137</sup> essas notas pessoais de Fonologia, contudo, verificamos indícios da presença do *Phonétique* nessas páginas do *CLG*, o que revela a importância da compreensão das questões fonológicas nos cursos. De qualquer forma, investigamos um movimento teórico saussuriano levando em conta nossos *corpora* e focamos nessa questão a seguir.

Como abordamos, há um longo período de tempo que distancia o momento de escrita do manuscrito *Phonétique* (1881-84) e o momento do primeiro curso de linguística geral, ministrado em 1907. Apesar da diferença de mais de vinte anos entre eles, notamos que é possível assinalar uma relação bem estreita desses dois momentos de elaboração saussuriana, o que revela a insistência do suíço em delimitar os conceitos investigados e a importância desses nos estudos da Linguística Moderna.

Observemos este manuscrito de Saussure:



? Fon.: o fenômeno intermediário considerado a cada vez [na] sua relação com a sensação e com o ato fisiológico (SAUSSURE, 1881-84, p. 199).

**Figura 21.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Este excerto pode ser contrastado com a segunda página do capítulo “Princípios de Fonologia”, pertencente ao caderno de Riedlinger, e que consiste em uma aula na qual o linguista admite o seguinte: “F/f = fonema = a soma das impressões acústicas e dos atos articulatórios, a unidade ouvida e falada, uma condiciona a outra”. (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p.13).

Em ambos os fragmentos, vemos uma tentativa de Saussure em definir o fonema, posto que entre os anos 1881-84, além de ter um ponto de interrogação que pode marcar a dúvida do genebrino sobre a sua definição, esse conceito era marcado como um fenômeno intermediário,

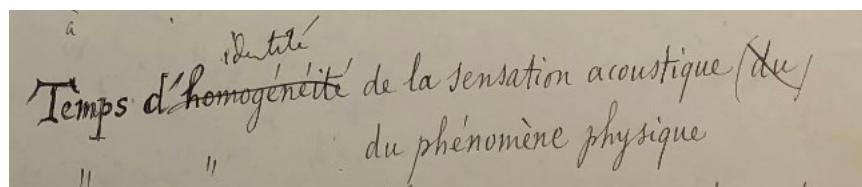
<sup>137</sup> Quando dizemos de “forma óbvia” queremos apontar o que acontece entre o manuscrito “Notas preparatórias para o terceiro curso” e o *CLG*, em que há frases praticamente copiadas *ipsis litteris* de um para o outro. (cf. COELHO; M. P.; LIMA, T. R. S., 2014)

considerado a cada vez na relação com a sensação e com o ato fisiológico. Já em 1907, Saussure postulava o fonema como a soma das impressões acústicas e dos atos articulatórios.

Vale dizer que há pontos de convergência e indícios de movimento teórico da elaboração saussuriana ao compararmos as duas afirmações, uma vez que o fonema é conceituado com base em dois elementos: no primeiro momento, pela relação, e no segundo momento, pela soma – apesar da fórmula tomada como F/f também refletir uma relação.

O ponto marcante na afinidade entre essas afirmações é a busca pela definição do conceito de fonema que aparece duas décadas antes dos cursos em Genebra e é retomado nele. Logo, temos tanto a persistência de Saussure no AFL quanto um ponto de tensão que deveria ser definido e, portanto, o linguista retorna a ele. Ademais, apesar da importância dessa definição na conceituação de língua aparecer somente no terceiro curso de linguística geral, a noção dos elementos do AFL que um dia se relacionariam com a constituição do signo linguístico já pode ser destacada nos anos 1881-84 com o manuscrito *Phonétique*.

Nos dois objetos de análise é possível verificar a ideia de homogêneo ou identidade (devido à rasura) ligada ao acústico. Nos manuscritos, encontramos o seguinte excerto:



identité

Tempo de homogeneidade da sensação acústica (do)

[Tempo de identité homogeneidade] do fenômeno físico<sup>138</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 66)

Figura 22. Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Na aula do primeiro curso, por sua vez, temos a afirmação:

[...] mas a homogeneidade não depende da duração dos sons em termos de colcheias ou dupla colcheias, mas se trata de saber se a impressão acústica é a mesma por toda a duração do som, e é necessário introduzir diferentes notações assim que o som muda. (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 13)

Nos fragmentos acima, verificamos o “tempo de homogeneidade” rasurado, a [homogeneidade]/identidade relacionada à duração do som e esses dois relacionados à sensação acústica e à impressão acústica, respectivamente. Outra vez, atentamo-nos ao fato de que há nos dois excertos uma diferenciação entre o acústico (sensação acústica/impressão acústica) e

<sup>138</sup> Tradução nossa de : *Temp's d'homogénéité identité de la sensation acoustique (du) / Temps d'identité du phénomène physique*.

o físico/som, visto que há uma busca não só de caracterizar o fonema – como vimos na passagem anterior – mas também de diferenciar o acústico do som, termos também necessários na definição de língua.

Com efeito, é possível confirmar que a circunstância de surgimento de algo ainda não pensado estrutura-se nesse fragmento, pois o termo “tempo homogêneo” está rasurado nessa folha manuscrita, mas, anos mais tarde, nas aulas em Genebra, o conceito de homogeneidade retorna, e em uma condição de formulação sobre a duração do som. Em outras palavras, a homogeneidade é rasurada em 1881-84, mas ela persiste em ser apresentada diante da noção de acústico anos depois, o que nos autoriza a confirmar um movimento que ora toma o homogêneo em sua relação com a sensação acústica, mas o rasura, ora retorna a essa questão e faz uma associação entre homogêneo e a impressão acústica.

Apesar de que nos parece forçado afirmar que há uma correlação entre sensação acústica e impressão acústica, em ambos os fragmentos, tanto no *Phonétique* como no caderno de Riedlinger, Saussure traz o acústico e o físico operando com a [homogeneidade]/identidade. Tal fato chama a atenção uma vez que há uma proximidade entre as afirmações; sensação acústica no manuscrito parece ter relação com impressão acústica do curso em Genebra, uma vez que é posta ao lado do fenômeno físico.

Nessa análise, deparamo-nos, conjuntamente, com fragmentos que destacam a forma como Saussure busca a definição do acústico e como ela é conduzida ao longo das acepções saussurianas. Notemos o seguinte trecho dos escritos do suíço:

1º *Faits acoustiques, sans sortir de ce domaine. Aucune définition; sentiment de l'oreille,*  
 2º *Faits physiologiques définis exclusivement par leur correspondance avec un fait acoustique,*  
*définition empirique et extrinsecue.*  
 3º *Faits physiologiques correspondant à un fait acoustique mais qu'on a réussi à définir*  
*sur caractères intrinsèques (la voie suivie part 1. du fait acoust.)*  
 4º *Idem, défini partiellement sur caract. intrinsèques, partiellement sur caract. extrinsèques.*  
 5º *Faits phonétiques, c.à.d. acoust. et physiol. considérés à part dans leur combinaison.*  
*Le fait acoust. n'est défini, le fait physiol. défini de l'une des 2 manières indiquées.*

1º Fatos acústicos [xx], [xx] sem sair do seu domínio. Qualquer definição; sentimento da orelha.

2º Fatos fisiológicos definidos exclusivamente por sua correspondência com um fato acústico, definição empírica e extrínseca.

3º Fatos fisiológicos correspondentes a um fato acústico, mas que [xx] a definir por caracteres intrínsecos (a via seguida [sempre], por um lado, do fato [acústico]) e a unidade que [xx]

4º Idem, definida parcialmente por caracteres intrínsecos, parcialmente por caracteres extrínsecos  
 5ºFatos fonéticos<sup>[xx]</sup>, isto é acústico e fisiológico correspondentes considerados na frente de seu[xx]  
 (o fato acústico [xx] definição, o fato fisiológico definido de uma das 2 maneiras [xx])  
 (SAUSSURE, 1881-84, f. 81v)

**Figura 23.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Agora, examinemos, mais uma vez, o seguinte fragmento no caderno de Riedlinger:

O método geralmente seguido nos manuais de fonologia não é bom porque ele esquece

- 1) Que há dois lados do ato fonatório:
  - a) O lado articulatório (boca, laringe)
  - b) O lado acústico (orelha) (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 12).

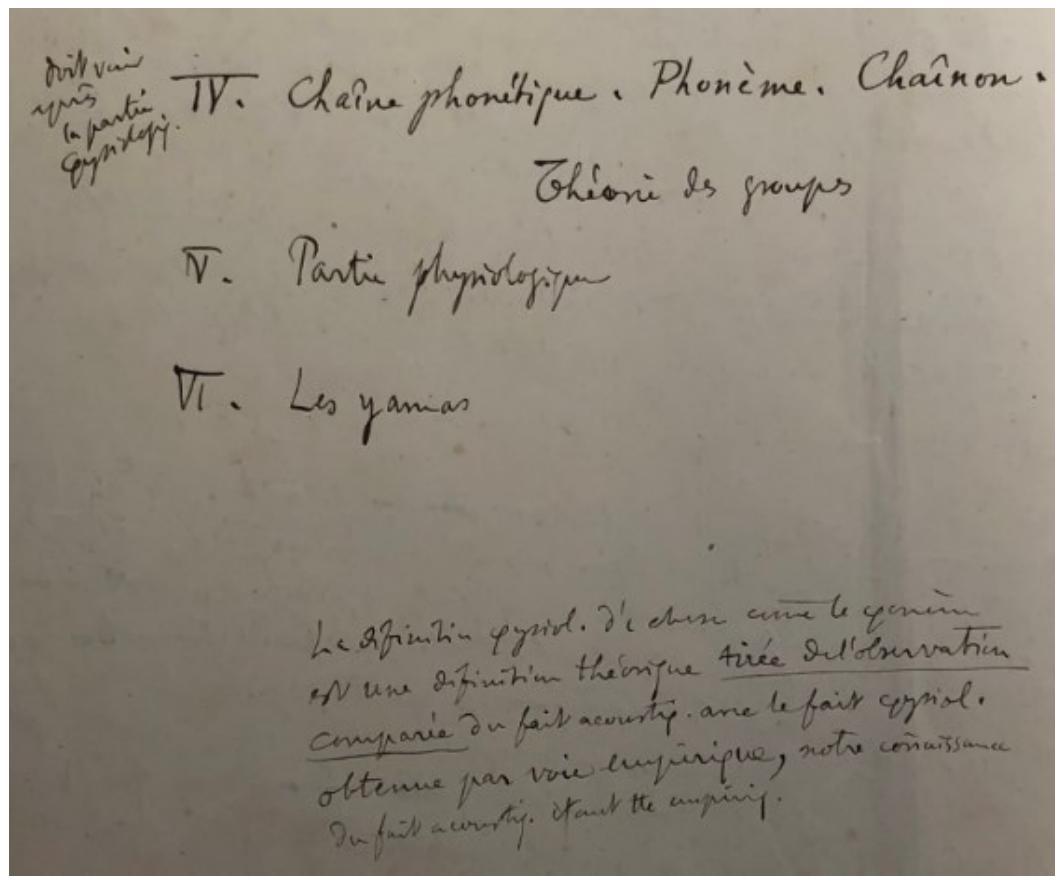
Nesses trechos, podemos observar três componentes nos dois materiais, são eles: (i) o fato fonético que parece corresponder, anos mais tarde, ao lado fonatório, já que ambos possuem dois elementos, ou seja, o fato acústico e fisiológico e o lado articulatório e acústico, respectivamente; (ii) o fato acústico, sentimento da orelha, e o lado acústico, da orelha também; e (iii) o fato fisiológico, empírico e extrínseco, e o lado articulatório (boca, laringe).

É possível destacarmos uma relação que surpreende na escrita do *Phonétique*, a saber: há uma dualidade nos fatos fonéticos, caracterizados tanto pelo acústico quanto pelo fisiológico e esses são definidos por algum tipo de correspondência entre eles. Da mesma forma, no primeiro curso em Genebra, Saussure continua a tratar de uma dualidade e, dessa vez, encontramos o termo ato fonatório e seu caráter duplo tem um lado articulatório que, a nosso ver, é o mesmo que fisiológico e um lado acústico, que pode ser relacionado ao fato acústico de 1881-84.

Novamente, identificamos a necessidade de definição e conceituação constar nos dois materiais, além da precisão, repetida por Saussure, em articular um item com dois outros, isto é, a marca de uma duplicidade.

Ao tomarmos o *Phonétique* como um todo, percebemos que as distinções e definições não são sempre demarcadas dessa forma. Há no manuscrito, assim como em vários outros de autoria saussuriana, um movimento teórico instigante em delimitar e que, no entanto, esbarra em escritas e reescritas que marcam os pontos de tensão interessantes para nossa pesquisa.

Neste sentido, investigamos uma das preocupações do suíço que é a definição do que é fisiológico nesse compilado de manuscritos, e essa definição aparece, muitas vezes, ao lado do que Saussure chama de “cadeia fonética”, como segue:



IV. Cadeia fonética. Fonema. Cadeia.

Teoria dos grupos

V. Parte fisiológica

VI. Os yamas

A definição fisiológica de uma coisa como o fonema  
é uma definição teórica originada da observação  
comparada do fato acústico com o fato fisiológico  
obtido pela via empírica, nosso conhecimento

do fato acústico sendo todo empírico.<sup>139</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 47v)

**Figura 24.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

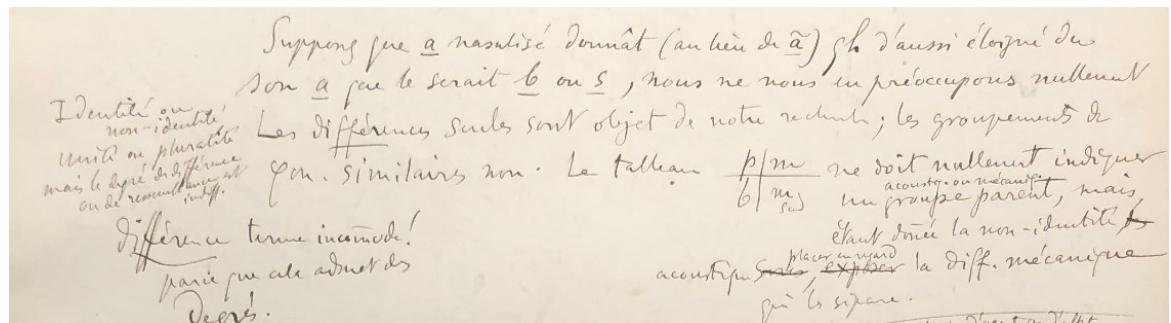
Notemos que entre os itens do fragmento a parte fisiológica está separada da cadeia fonética (que por sua vez está associada a fonema e cadeia); no parágrafo logo após os itens é possível encontrar uma definição, em que o fonema é teoricamente originado da observação tanto do fato acústico quanto do fisiológico. Em outras palavras, o fonema detém esses dois elementos para ser definido.

<sup>139</sup> Tradução nossa de: *IV. Chaîne phonétique. Phonème. Chaînon. Théorie des groupes/ V. Partir physiologique/ VI. Les yamas/ La définition physiologique d'une chose comme le phonème est une définition théorique tirée de l'observation comparée du fait acoustique avec le fait physiologique obtenue par voie empirique, notre connaissance du fait acoustique étant toute empirique.*

Esse trecho nos remete a outro específico do caderno de Riedlinger – colocado em comparação com o trecho do *Phonétique* anterior – em que Saussure critica os métodos propostos por manuais de fonologia e adverte que há dois lados do ato fonatório a serem estudados: o lado articulatório e o lado acústico. Ele explica: “Eles esquecem que há na língua não somente sons, mas extensões de sons falados; apenas consideram sons isolados; entretanto, o que nos é dado em primeiro lugar não são sons isolados, mas extensões, cadeias de sons.”<sup>140</sup> (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1907, p. 12).

Notamos que, tanto em 1881-84 como nos cursos de Genebra, a noção de cadeia é uma questão necessária nas postulações de Saussure. No manuscrito cadeia fonética e fonema estão na mesma linha de raciocínio, à medida que no caderno de Riedlinger há uma crítica aos foneticistas por não levarem em consideração as cadeias de sons. Ora, esse ponto mostra-nos a importância de não retratar os fonemas/sons isolados; as cadeias eram necessárias, fato que nos aproxima da noção de cadeias faladas no *CLG* e, portanto, indicam que a noção de sincronia estava presente nesses trabalhos saussurianos. Isso se dá, pois, a sincronia só admite a perspectiva dos falantes.

Logo após duas folhas adiante no manuscrito, Saussure utiliza dois outros elementos para definir seu objeto de pesquisa: o fonema:



Suponhamos que a nasalizado daria (no lugar de ã) qualquer coisa igualmente isolada do som a que seria b ou s, não nos preocupamos com isso.

As diferenças sozinhas são objeto de nossa pesquisa; os agrupamentos de fonemas similares não. A tabela p | m

b | m surdo  
não deve indicar  
um grupo acústico ou mecânico, mas  
sendo dado a não-identidade [xxx]  
acústica dos sons, expor a diferença mecânica

<sup>140</sup> Tradução nossa de: 1) *<qu'> il y a deux côtés dans l'acte phonatoire: a) le côté articulatoire (bouche, larynx) b) le côté acoustique (oreille). Elle n'a vu que le premier côté. Or ce n'est pas le premier qui nous est donné mais le second, l'impression <acoustique,> psychique. <2> Elle oublie qu'il y a dans la langue non seulement des sons mais des étendues de sons parlés ; elle ne considère que les sons isolés; or ce qui> nous est donné tout d'abord, ce ne sont pas les sons isolés mais des étendues, des chaînes de sons*

que os separa

Identidade ou  
não-identidade  
unidade ou pluralidade  
mas o grau de diferenças  
ou de semelhança é  
indiferente

Diferença termo incômodo! Pois isso admite os graus.<sup>141</sup> (SAUSSURE, 1881-84, f. 49)

**Figura 25.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Nesse momento, Saussure estabelece que seu objeto de pesquisa é em torno das “diferenças sozinhas” e que ele não tem relação com os agrupamentos dos fonemas. O que nos instiga é o fato de que um grupo de fonemas, para o autor, é caracterizado como “acústico ou mecânico”; verifiquemos que ao retomarmos a Figura 24 depreendemos que o fonema está caracterizado junto da teoria dos grupos, os quais, na Figura 25, são indicados como acústicos ou mecânicos.

Há, dessa forma, dois pontos em destaque: i) a definição de fonema como objeto do estudo a partir de suas diferenças e ii) a diferença acústica ou mecânica dos fonemas. Cremos que essas características elencam dois dados trabalhados anteriormente:

1. Os fonemas são objetos de estudo para Saussure no que diz respeito às suas diferenças; dado que nos faz retomar a ideia do fonema antes representado como “opositivo, relativo e negativo” (na Figura 6 – “A diferença entre os fonemas repousa em parte sobre fatores negativos”). Ao mesmo tempo, na Figura 24 o termo “diferença” incomoda o linguista, já que ele pode admitir os graus de diferenças e semelhanças que para ele não importam.
2. A diferença acústica ou mecânica relacionada ao grupo de fonemas em que ele ainda elenca com a não identidade acústica dos sons e a diferença mecânica que os separa. O fonema parece então conter esses dois lados, acústico e mecânico que, nesse momento parecem ser sinônimos, isto é, acústico está mais ligado aqui a um dado físico.

---

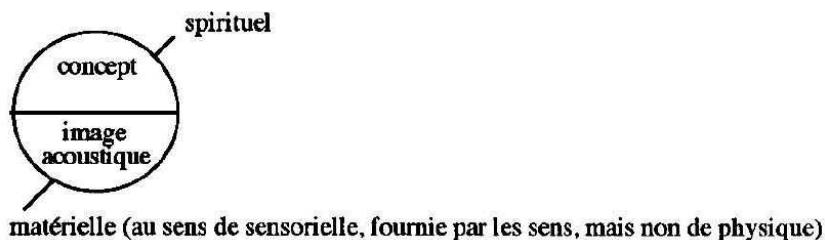
<sup>141</sup> Tradução nossa de: *Supposons que a nasalisé donnât (au lieu de ã) quelque chose d'aussi éloigné du son a que le serait b ou ç, nous ne nous en préoccupons nullement. Les différences seules sont objet de notre recherche ; les groupements de phonèmes similaires non. Le tableau p | m*

*b | m sourd*

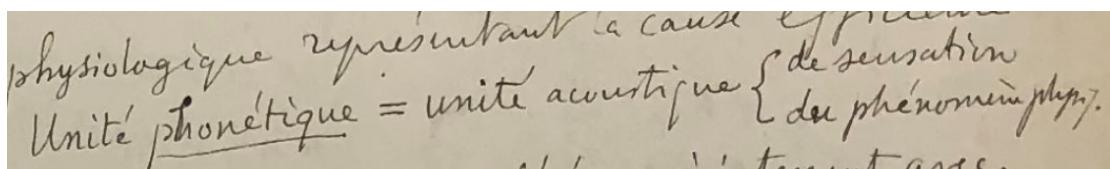
*ne doit nullement indiquer un groupe parent acoustiquement ou mécaniquement, mais étant donnée la non-identité acoustique, placer en regard la différence mécanique qui les sépare. Identité ou non identité unité ou pluralité mais le degré de différence ou de ressemblance est indifférent. Différence terme incomode ! parce que cela admet des degrés.*

Retomamos do caderno dos alunos a Figura 1 do fragmento que, a nosso ver, é fundamental à noção de língua:

Trecho do caderno de Constantin (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911)



Lembramos, assim, que a imagem acústica é dada como “na acepção do sensorial, fornecida pelos sentidos, mas não do físico”, e sua contraparte é o conceito que Saussure denomina espiritual. No *Phonétique* notamos um fragmento em que o linguista dá destaque à “unidade fonética = unidade acústica de sensação/do fenômeno físico”, como na gravura a seguir:



Unidade fonética = unidade acústica – de sensação

- do fenômeno físico<sup>142</sup> (SAUSSURE,

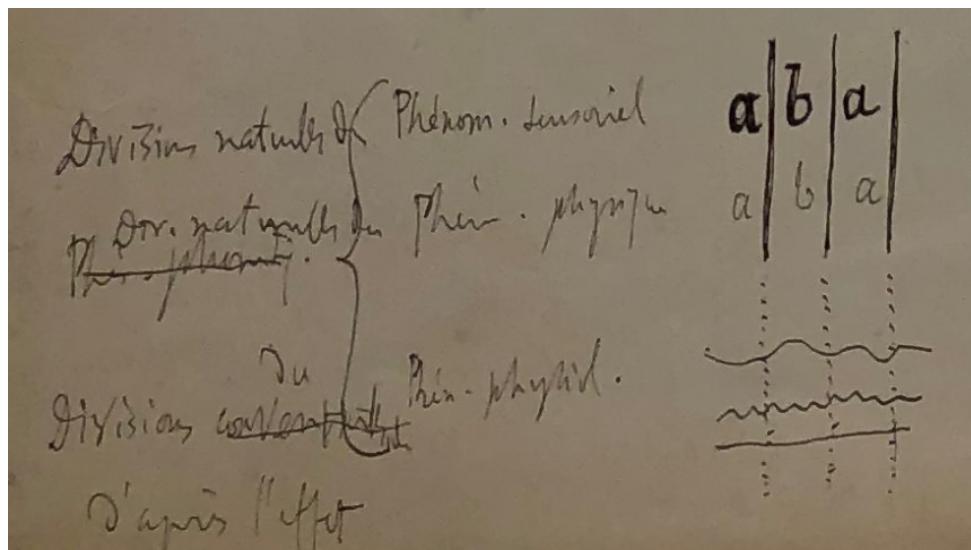
1880-1890, f.67)

**Figura 26.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Ora, é possível notar que Saussure mantém sua ideia de duplicidade, dessa vez, no entanto, ela é marcada na unidade acústica, a saber: sensação e fenômeno físico, o que difere do que Jakobson (1969) apresenta em seu texto quando demonstra que nesse manuscrito há uma aplicação “de forma consistente do termo “acústico” unicamente ao nível sensorial” (JAKOBSON, 1969, p. 8). Entretanto, esse fato não impede de pensarmos em uma separação da unidade acústica que deve ser marcada tanto pelo fenômeno físico como pela sensação.

Poderíamos deduzir, dessa forma, que o conceito ou a imagem acústica seriam, mais tarde no *CLG*, essa parte chamada por Saussure de “unidade acústica de sensação”; mas o fenômeno físico, como vimos no caderno de Constantin, fica excluído da concepção de signo. No *Phonétique*, por sua vez, o genebrino coloca várias porções dessa unidade acústica no canto dessa mesma folha, vejamos com ele:

<sup>142</sup> Tradução nossa de : *Unité phonétique = unité acoustique { de sensation/ su phénomène physique*



Divisão natural do { Fenômeno sensorial

Divisão natural do { Fenômeno físico

Divisão de depois do efeito { Fenômeno fisiológico<sup>143</sup> (SAUSSURE, 1881-1884, f. 67)

**Figura 27.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

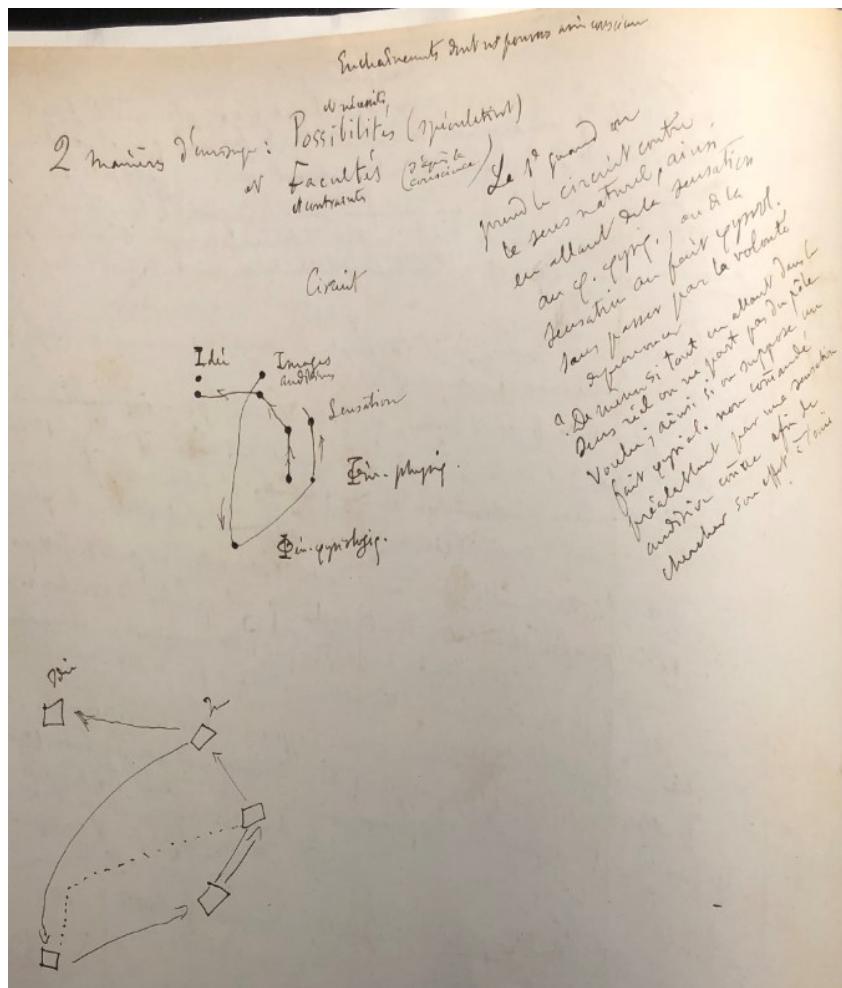
Assim, fica claro que para Saussure há três divisões possíveis no manuscrito: i) a divisão natural do fenômeno sensorial que nos parece remeter a algo dos sentidos, do nível sensorial que vemos na concepção de signo no caderno de Constantin; ii) a divisão natural do fenômeno físico, que é natural e ao mesmo tempo físico, isto é, não poderia ser assimilado com uma contraparte do signo daquele mesmo caderno; e iii) a divisão de depois do efeito, fenômeno fisiológico, isto é, uma outra porção que se difere do físico parece, a nosso ver, o mecanismo do corpo possível de produzir o som, portanto, depois do “efeito”.

O termo “efeito” é retomado por Saussure nas aulas de Genebra, como vemos no caderno de Constantin: “o fonema compõe-se ao mesmo tempo de certa soma de movimentos articulatórios e de certo efeito acústico dado” (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1910-1911, p. 56). O fonema, portanto, anos depois do *Phonétique* é caracterizado nos cursos de Genebra perante os movimentos articulatórios, que podem ser facilmente associados ao fenômeno físico e ao fisiológico retratados em 1881-84 depois do efeito. Contudo, não encontramos nesse fragmento uma relação entre o fonema e o fenômeno sensorial; acreditamos que no *Phonétique* aparece essa terceira característica, fenômeno sensorial que, sim, é encontrada a partir da pesquisa com o AFL, mas que depois poderia ser um indício do que encontramos no *CLG*, ou seja, o sensorial relacionado à imagem acústica – “material (no sentido sensorial, fornecido

<sup>143</sup> Tradução nossa de: *Division naturelle du/ Division naturelle du/ Division d'après l'effet { Phénomène sensoriel/ Phénomène physique/ Phénomène physiologique*

pelos sentidos, mas não do físico”); daí o fônico da língua parece passar por uma transformação.

Esse ponto de tensão, que marca uma terceira característica de um fenômeno – sensorial – pode ser encontrado mais uma vez e com mais detalhes no *Phonétique*, como ilustra a Figura 28:



Encadeamentos dos quais podemos estar cientes  
2 maneiras de considerar: Possibilidades e necessidade (especulativamente)  
e Faculdades e restrições (segundo a consciência)

O 1º quando tomamos o circuito contra o sentido natural, indo, assim, da sensação para o fenômeno físico, ou da sensação para o fato fisiológico, sem passar pela vontade do pronunciante.

? Do mesmo modo, se, embora indo no sentido real, não partimos do pólo desejado; assim, se supusermos um fato fisiológico não previamente ordenado por uma sensação auditiva contínua, a fim de buscar seu efeito sobre a audição

Ideia; Imagens auditivas; sensação; fenômeno físico; fenômeno fisiológico<sup>144</sup> (SAUSSURE, 1881-1884, f. 54v)

<sup>144</sup> Tradução nossa de: *enchaînements dont nous pouvons avoir conscience 2 manières d'envisager: possibilité et nécessité (spéculativement) et Facultés et contraintes (d'après la conscience) Le 1er quando on prend la circuit contre le sens naturel, ainsi en allant de la sensation au phénomène physique, ou de la sensation au fait physiologique, sans passer par la volonté du prononceur*

**Figura 28.** Trecho do manuscrito (Ms Fr 266)

Eis que encontramos tanto nessa gravura do desenho de um circuito como na explicação de como se dá o que Saussure chama de “encadeamento” outro ponto que nos chama a atenção. Vemos que há indícios de uma questão essencial no *CLG*: o circuito da fala; presente no capítulo III da Introdução que versa sobre o objeto da linguística e que, de acordo com De Mauro (1967), tem como fonte três lições do terceiro curso de Linguística Geral. Vejamos no *CLG* como esse circuito é retratado:



O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de: um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente *físico*. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação *psíquica* dessa imagem com o conceito correspondente. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43)

Ao compararmos os dois circuitos, vemos que ainda há várias distinções entre eles. Não temos no *Phonétique* a palavra “psíquico”<sup>145</sup>, no entanto, acreditamos que ao esboçar o circuito com setas podemos ser orientados a compreender a seguinte sequência: Imagem auditiva  $\Rightarrow$  Fenômeno fisiológico  $\Rightarrow$  Fenômeno físico  $\Rightarrow$  Sensação  $\Rightarrow$  Ideia. Esse seguimento, a nosso ver, separa cada evento que acontece no circuito como contínuo, isto é, um acontece para o próximo acontecer, o que nos leva a crer na distinção entre cada um dos elementos dessa trajetória.

Dessa forma, é possível afirmarmos que, nessa folha, a sensação não está ligada aos fenômenos físicos/fisiológicos do *Phonétique*, os quais nos parecem associados aos processos físicos e fisiológicos descritos no circuito representado no *CLG*. Entretanto, a sensação também acontece antes da ideia; seria ela, portanto, o que no *CLG* Saussure propõe como a transmissão

*De même si tout en allant dans e sens réel on ne part pas du pôle voulu; ainsi si on suppose un fait physiologique no commandée préalablement par unse sensation auditive cnue afin de chercher son effet à l'ouïe*

*Idée; Images auditives; Sensation; Phénomène-physique; Phénomène-physiologique*

<sup>145</sup> Como falamos anteriormente a palavra psicológico (psíquico) não aparece nenhuma vez em todo o manuscrito.

fisiológica da imagem acústica? Mas ao mesmo tempo esbarramos na noção dada por Constantin de que a imagem acústica está ligada ao sensorial; teríamos, por conseguinte, na palavra sensação um nuance de algo que começa a se afastar do puramente físico?

Por mais que as perguntas nos instiguem a uma resposta fácil, acreditamos que elas não possam ser respondidas a partir somente dessa base de dados de Saussure. Apesar disso, vemos outro ponto de tensão crucial para a definição do objeto da Linguística. É possível notar que se nesse fragmento do *Phonétique* temos um esboço do circuito da fala, e assim julgamos fundamental fazermos a seguinte pergunta: em que medida discorrer sobre esse circuito levá-nos ao objeto da Linguística?

É fato que há no cerne dessa questão outra bastante cara aos linguistas dedicados à pesquisa saussuriana, isto é, a relação entre língua e fala e sua importância. Silveira (2013) ressalta que “essa distinção entre língua e fala é, portanto, o ponto central da operação saussuriana e o que lhe lega, atualmente, o lugar de fundador da Linguística entre outras coisas por cernir o objeto desta ciência [...]” (SILVEIRA, 2013, p. 49). A autora, ao observar o circuito da fala no *CLG*, acrescenta:

Esses dois processos distintos, um fisiológico e físico e outro psíquico, dividem língua e fala. Assim, propriamente e totalmente psíquica é a associação entre o significante e o significado que constituirá os signos, que por sua vez engendrarão um sistema, ou seja, a língua como um sistema de signos. Fisiológico e físico são os processos que constituem o funcionamento da fala. (Ibidem, p. 50)

Ao pensarmos nessa observação é possível creditar ao movimento teórico de Saussure do *Phonétique* um trabalho de investigação dos elementos do AFL que chegam a traços responsáveis, mais tarde, por determinar os aspectos da fala. Além disso, é a partir desse movimento que chegamos à língua, como relata Silveira (2013):

A fala, no seu aspecto empírico, fisiológico e individual, é secundária na constituição do objeto da Linguística. A fala, no seu aspecto psíquico social, é o que constitui a língua e é o essencial do objeto da Linguística. Sim, ele parece tomar uma posição em relação a essas concepções: no que diz respeito à concepção de fala que considera os órgãos vocais e a fonação, ou seja, os aspectos fisiológicos e físicos da fala, ele é categórico: são estranhos à língua como sistema e não o afetam em si (Saussure, 2012:50). Ou seja, o conceito de fala do seu tempo deu lugar a um conceito de língua e fala, e o conceito de língua, com todos os mecanismos evidenciados por Saussure, é essencial em relação à fala que, como fisiológica/física e individual, é acidental. (SILVEIRA, 2013, p. 50)

Ora, dessa maneira constatamos que o movimento por nós investigado dá à pesquisa saussuriana uma perspectiva essencial para a definição de língua. Visto que Saussure está inserido em um contexto de pesquisas voltadas para evoluções fonéticas, suas mudanças e o

estabelecimento de leis dessas, a novidade de encontrar um objeto para a linguística e concebê-lo como o encontramos no *CLG*, a nosso ver, teve em seu cerne uma grande relação com as pesquisas fonéticas do século XIX.

A partir da obstinação de Saussure com o AFL, das críticas com o fazer empírico e a necessidade de distinção entre os termos que circundavam os estudos fonéticos foi possível dar outra perspectiva para a pesquisa saussuriana; daí o linguista começa a notar outras questões fundamentais responsáveis por traçar um esboço que chegaria ao objeto da Linguística.

Todavia, como poderíamos pressupor que esse movimento teórico assinalado por nós em diferentes pontos do manuscrito *Phonétique* pode nos levar à sincronia? Devemos primeiro expor como Saussure vê a diacronia:

A Fonética e toda a Fonética, constitui o primeiro objeto da Lingüística diacrônica; com efeito, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado; comparar fonemas ou grupos de fonemas com o que foram anteriormente equivale a estabelecer uma diacronia. A época antecedente pode ser mais ou menos próxima; mas quando uma e outra se confundem, a Fonética deixa de intervir; só resta a descrição dos sons de um estado de língua, e compete à Fonologia levá-la a cabo. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 194)

Dito isso, podemos pensar que o *Phonétique* talvez tenha sido uma tentativa de Saussure de trabalhar a diacronia, mostrar a evolução dos sons e comparar os fonemas, realizar o seu prazer histórico. Contudo, vimos que o linguista vai para além desses caminhos. Na diacronia, o objeto de pesquisa é de domínio histórico, faz-se nela um estudo de termos que se sucedem e são substituídos um por outro no tempo, pode-se ignorar o sentido das palavras, preocupa-se somente com seu invólucro material e corta “frações fônicas sem perguntar se elas têm significado” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 194). Tal circunstância nos dirige aos estudos dos comparatistas como Grimm e Schleicher, pois era esse o ponto de vista em relação aos estudos da língua por eles concebido; para Saussure, tratava-se de uma linguística que ele chama de evolutiva. A sincronia, por sua vez,

[...] conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam e todo o seu método consiste em recorrer-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. (SAUSSURE, 2012 [1916], p.132)

Apresentar a sincronia a partir da perspectiva do sujeito falante coloca-nos diante do fato de que para “o indivíduo falante, a sucessão dele no tempo não existe: ele se acha diante de um estado” (SAUSSURE, 2012 [1916], p.123). Esse ponto apresenta-nos a questão que

abordamos na pesquisa com o *Phonétique*. Vimos que Saussure esboça algumas marcas em direção à fala, ou ao sujeito falante E isso acontece, pois, encontramos o que ele chama de “sensação” ou “fato sensorial” muitas vezes relacionado a algo ligado ao sentimento, provavelmente do sujeito falante; esses termos não se tratavam somente de um fenômeno físico.

Outrossim, procurar estabelecer diferenças, oposições e relações, marcar o valor das regras fonéticas, pensar nas consequências das suas regras, mostra-nos uma posição do Saussure no manuscrito que o afasta de um foneticista/comparatista e o aproxima do passo característico em suas folhas escritas: aquele que marca sua teorização. Ademais, assinalar os fenômenos do AFL entre acústico, fisiológico, físico, oscilar acerca das distinções entre esses termos, delinear um circuito que os separa e apresenta o sensorial associado a acústico com um traço que ora aproxima-se de um dado físico, ora distancia-se dele, mas também nos dá indício de que ele pode ser aplicado à sensação – aquela marcada como a imagem acústica do signo anos mais tarde – desvenda um movimento que vai para além do sensorial, busca a língua. O suíço movimenta-se em direção a fazer linguística.

Devemos nos atentar ao fato de que nas folhas manuscritas do *Phonétique* a ideia de Saussure não parecia ser de fazer Linguística Geral, como vemos pelo próprio nome do manuscrito, ou por se tratar, a princípio, da evolução dos sons e comparação de fonemas. Ao menos esse tipo de pesquisa era a postura dos pesquisadores da língua na época, assim como Saussure deixa claro nos cursos de Genebra; nessa perspectiva é notória a persistência do linguista no tratamento com o AFL e como seus elementos despontam de uma forma que várias vezes nos remete à teorização sobre a língua.

O AFL é, assim, um dos pontos de partida da pesquisa saussuriana, com certeza não é o único e, mais, ele vai se modificando. Isso acontece uma vez que quando chegamos ao conceito de imagem acústica não é possível afirmarmos que temos o aspecto fônico da língua, o fônico é suspenso nessa questão e agora estamos diante de uma das partes do signo que é psíquica.

Dessa forma, considerando a colocação do próprio Saussure de que o começo do seu primeiro curso de Linguística em Genebra é essencial para que mais tarde as questões gerais da língua sejam abordadas, podemos perceber, ao longo deste capítulo, que o linguista no manuscrito toma, retoma, escreve e reescreve, vai e volta em suas elaborações muitas vezes afinando e diferindo das ideias dos linguistas do século XIX, bem como apresenta questões bem próximas dos seus cursos de Linguística Geral.

Esse movimento teórico do genebrino leva-nos a depreender que abordar as questões históricas, fonéticas da língua dá indícios do mesmo processo dos cursos de Linguística Geral, ou seja, primeiro Saussure trabalha as questões históricas e depois aprofunda nas questões gerais que seriam mais tarde associadas à teoria da língua. A nosso ver, a recuperação do *Phonétique* nas aulas pode evidenciar uma busca de Saussure para que as questões gerais sobre a língua pudessem vir à tona e, a partir daí, surgir todos os conceitos e termos que compõem o sistema da língua.

Sobretudo, vale ressaltar que há um movimento teórico nos escritos saussurianos que nos conduzem à definição do objeto da Linguística. Tal constatação também é observada por Silveira (2007) que, ao analisar alguns manuscritos de Saussure de 1891, destaca que o “[...] movimento que dá certo lugar ao geral e ao particular nos estudos da linguagem não é sem efeitos para a definição do objeto da linguística.” (SILVEIRA, 2007, p.135). Ainda, Surreaux/Milano (2013; 2015), ao refletir sobre o aspecto fônico da língua, mostra como o linguista levaria ao conceito de sistema (sistema de sons – sistema de relações internas – sistema da língua).

No *Phonétique* não é diferente, há um trabalho que nos direciona à busca do objeto da Linguística; Saussure e sua obstinação com o AFL nos encaminham a perceber sua necessidade de mudança que, intencional ou não, é contumaz e marca o movimento teórico saussuriano em direção à língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM MOVIMENTO

Ao nos propormos a trabalhar com um movimento teórico saussuriano, procuramos refletir sobre uma trajetória que tivesse como seu objeto o aspecto fônico da língua. Essa tarefa, no entanto, poderia ter várias ramificações diferentes, e percebemos ao longo do percurso deste trabalho que muitas pesquisas pareciam girar em torno do AFL no que diz respeito aos estudos pré-saussurianos. A produção de Saussure também reflete esse período que foi o de sua formação, contudo, foi possível notar um deslocamento teórico do linguista para além da pesquisa do AFL, anterior e contemporânea a sua produção, em seu manuscrito *Phonétique* – datado de 1881-84, mais de vinte anos antes dos seus cursos de Linguística Geral. Procuramos, portanto, nos ater a um movimento que fosse caracterizado pela persistência de Saussure acerca desse aspecto e, mais do que isso, objetivamos examinar como isso poderia ter impacto na novidade teórica instaurada no *CLG*, isto é, a concepção de língua.

A princípio, detivemo-nos a uma investigação pontual, anterior a Saussure e seus contemporâneos. Selecioneamos para tal tarefa os trabalhos de *Crátilo* de Platão e o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, considerando a sua representatividade na tradição filosófica dos estudos da linguagem. Com essas obras percebemos que tanto em um texto tão antigo como o de Platão, quanto no mais recente do genebrino, Rousseau, as questões da linguagem eram examinadas e o AFL aparecia como um elemento que não poderia ser ignorado em seus estudos.

Com o intuito de analisar o AFL nos estudos ainda pré-saussurianos, mas um pouco mais contemporâneos a Saussure, focalizamos o século XIX, ambiente de formação do genebrino. Passamos, portanto, pelos trabalhos de dois linguistas da Gramática Comparada – Jacob Grimm e August Schleicher – e um da Escola Neogramática – Hermann Paul (todos eles continuam a ser referência para os estudos linguísticos do século XIX). A trajetória nos estudos desses linguistas nos fez notar que o AFL era visto como um ponto importante em suas pesquisas de comparação gramatical.

Os estudos da linguagem a partir de Grimm, que verificavam as evoluções dos sons da língua, davam ao aspecto fônico uma importância capaz de mudar o rumo das pesquisas linguísticas. Nesse ínterim, o trabalho de Schleicher se consolida na reconstrução fonológica do indo-europeu e na sua busca pela língua-original, ambos marcados pelo detalhamento das mudanças dos sons. A pesquisa da Escola Neogramática, por sua vez, traz a importância dos fatores psicológicos para o estudo da língua, mas esse nunca deixa de estar relacionado aos

fatores físicos; para seu estudo fazia-se necessário levar em consideração tanto a psicologia como a fisiologia. Depreendemos do trabalho dos comparatistas e do neogramático uma relação estreita com o AFL.

Depois de percorrermos a pesquisa dos contemporâneos de Saussure – com o objetivo de entender o lugar de onde os estudos saussurianos saem para melhor compreender aonde chegam – passamos para um percurso específico da trajetória saussuriana, a partir de alguns de seus trabalhos que, não distante dos linguistas de sua época, apresentava-se uma pesquisa marcada pelo AFL. Começamos investigando, especificamente sobre o AFL, o *Essai* e o *Mémoire* e chegamos finalmente ao *Phonétique*, manuscrito célebre da relação de Saussure com os estudos fônicos, e aos cursos de Linguística Geral, publicação póstuma onde o conceito de língua do genebrino foi integralmente apresentado. A insistência de Saussure no AFL é notória em todos esses momentos; o estudo desse aspecto e seus desdobramentos dirigem a investigação saussuriana e dão indícios de um movimento que, a partir do AFL, desloca-se em direção à concepção do objeto da Linguística.

Dentre os trabalhos saussurianos abordados acima, o cerne da nossa investigação foi o manuscrito *Phonétique*. Transitamos pelo AFL e seus desdobramentos em todo o material, e assim examinamos um movimento teórico de Saussure no manuscrito em relação aos trabalhos anteriores ou contemporâneos, da Gramática Comparada e da Escola Neogramática, bem como aos posteriores, os cursos de Linguística Geral e o *CLG*.

Percebemos nesses confrontos, primeiro entre Saussure e seus contemporâneos, que o linguista ao mesmo tempo em que está inserido nos estudos de sua época, ou seja, que circundam o AFL, trabalha com as mudanças fonéticas, busca regras etc. e também se destaca para além desses estudos. Mostra em críticas ao tratamento dos sons daquela época que os estudos linguísticos poderiam ser menos empíricos e mais teóricos. Esse movimento saussuriano em que o linguista se vale das ideias da Linguística do século XIX, mas, ao mesmo tempo se desloca em direção a uma novidade linguística, comprova a dimensão do trabalho de Saussure, que se preocupava em teorizar já muito antes de seu trabalho na Universidade de Genebra com os cursos de Linguística Geral.

No entanto, nos interessamos em investigar não somente como o linguista se situava diante dos estudos de sua época, mas como seu movimento teórico foi capaz de viabilizar uma Linguística vindoura que estabeleceria seu objeto, a língua. Dessa forma, encontramos na comparação entre as folhas manuscritas, os cadernos dos alunos dos cursos e o *CLG*, várias impressões do linguista que chegariam à iminente noção de língua na teoria saussuriana.

A partir da pesquisa exaustiva do aspecto fônico da língua, Saussure trazia noções de oposição, negação e relação, distinguia os termos advindos desse aspecto e buscava, obsessivamente, teorizar. Um dos pontos que marcam esse movimento teórico do linguista é a noção de sensação, ou fenômeno sensorial, que detectamos no *Phonétique*. Por vezes ela se associa a algo que parece ser diferente do fenômeno físico, transforma o fônico e parece indicar uma relação estreita com a imagem acústica, marcada no caderno de Constantin também como sensorial. Nesse momento, temos gradualmente uma ideia que distingue o físico do sensorial, que mais tarde chega à ideia de imagem acústica que, presente no signo e seu conjunto, por sua vez, definirá aspectos fundamentais da língua.

Nessa rota de investigação, portanto, estabelecemos as três grandes questões de Saussure mencionadas no começo deste trabalho, são elas:

i) sua necessidade de teorizar sobre a língua, que fica evidente no *Phonétique*, nas comparações com os cadernos dos alunos e no *CLG*, que mostram como essa teorização conectava-se ao objeto da Linguística;

ii) sua obstinação acerca do som da língua, característica encontrada em todos os trabalhos de Saussure, inclusive em estudos não abordados aqui, como dissemos em nota;

iii) seu prazer histórico arruinado para que o objeto da linguística fosse delimitado; no *Phonétique* é possível notar um movimento teórico capaz de aproximar Saussure do que expôs na carta a Meillet, isto é, da sua procura pelo objeto da Linguística e das delimitações de uma terminologia possível para seu estudo.

Esse último item, contudo, faz-nos refletir sobre a questão do “prazer histórico arruinado” – como apontado por Saussure –, mas não nos parece que a intenção do linguista no *Phonétique* era de fazer Linguística. Afinal, ele vai tratar da questão fonética, que para ele era histórica, por conseguinte, prazerosa. Entretanto, vimos que há um trabalho para além do histórico, o linguista passa a mostrar delimitações, distinções de termos, críticas aos estudos da sua época; Saussure faz Linguística e o seu prazer, mesmo arruinado – como ele afirma –, parece, na verdade, estar relacionado às críticas, ao deslocamento de uma novidade teórica que extrapolava sua pesquisa histórica.

Dirigimo-nos, portanto, ao começo desta pesquisa epigrafada pela afirmação de Debussy e seguida pelo exame do percurso de um linguista, Saussure. Trouxemos o músico porque, contemporâneo ao linguista e tocado pela questão do som como ele, situa-nos em posições tão distintas entre ele e Saussure que nos permite dar uma dimensão ampliada do movimento do genebrino. O aspecto fônico da língua tem suas especificidades e Saussure foi mestre em nos mostrar quais são elas.

Lembramos que o músico aplicava três questões a sua profissão: a dispensabilidade da teoria, o ouvir como exclusivo e o prazer como regra; um trio que pode nos aproximar dos linguistas do século XIX, em virtude de que centravam suas pesquisas no aspecto fônico da língua, mas especificamente naquele chamado por Saussure de “prazer histórico”. Ouvir o som da língua/fala e descrever o AFL parecia suficiente para fazer Linguística.

Saussure, no entanto, atesta uma afinação totalmente oposta a Debussy. Se pudéssemos transpor, para a voz de Saussure, uma contraposição da fala do músico, o linguista diria o seguinte: Há teoria: não basta ouvir. O prazer histórico não é arruinado, ele é afetado pela teorização sobre a língua.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. Émergence et domination de la grammaire comparée. In: **Histoire des idées linguistiques : l'hégémonie du comparatisme**. Vol. 3. Bélgica: Mardaga, 2000. p. 9 – 22
- \_\_\_\_\_. Les antinomies méthodologiques. In: **Histoire des idées linguistiques: l'hégémonie du comparatisme**. Vol. 3. Bélgica: Mardaga, 2000. p. 409 – 439
- \_\_\_\_\_. The first uses of the french word ‘linguistique’. In: **Papers in the history of linguistics**. Ed. Hans Aarsleff; Louis G. Kelly; Hans-Josef Niederehe. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing company, 1987. p. 447 - 457
- AUROUX, S. et. al. Le développement du comparatisme indo-européen. In : **Histoire des idées linguistiques : l'hégémonie du comparatisme**. Vol. 3. Bélgica: Mardaga, 2000. p. 155 – 171
- BÉGUELIN, M. La methode comparative et l'enseignement du *Mémoire*. In : **Saussure**. ed. Simon Buquet. Paris: Éditions de L'Herne, 2003. p.150-164
- \_\_\_\_\_. La place de la grammaire comparée. In: **Langages**. N.185. 2012/1. p. 75-90  
<https://doi.org/10.3917/lang.185.0075>
- BRAZÃO, M. L. O estudo das entonações das línguas e a importância para Ferdinand de Saussure. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1-8
- COELHO, M. P.; LIMA, T. R. S. Língua, linguagem e fala na “Teoria do Valor” de Ferdinand de Saussure. In: **Revista Estudos Linguísticos**. v. 43(1). São Paulo, 2014. p. 347-357
- D'OTTAVI, G. Nine easy pieces: os documentos de Saussure em Harvard. In: **Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)**. Org.: Cristina Altman, Lygia Testa-Torelli. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. p. 153 – 177
- DAVIS, B. Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombres de racines. In : **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 32. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1978, p. 73-102.
- DE MAURO, T. **Cours de Linguistique Générale**: Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967. 520 p.
- FEHR, Johannes. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'œuvre posthume et ses rapports avec l'œuvre publiée. In: **Histoire Épistémologique Langage**. Tome 18, fascicule 2, 1996. p. 179-199 <https://doi.org/10.3406/hel.1996.2469>
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. 2. ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969. 282 p.

HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure.** Dissertação (mestrado) – UFU, Uberlândia, 2014. 91 f.

\_\_\_\_\_. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história.** Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019. 151 p.

JAKOBSON, R. Saussure's unpublished reflections on phonemes. In: **Cahier Ferdinand de Saussure.** Revue de linguistique générale, n. 26. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1969, p. 5-14.

JOSEPH, J.. **Saussure.** Oxford: Oxford University Press, 2012. 780 p.

KOERNER, K. Jacob's Grimm place in the foundation of Linguistics as a science. In: **Word.** 39:1, 1988. p. 1-20 <https://doi.org/10.1080/00437956.1988.11435779>

KOMATSU, E.; WOLF, G. Foreword. d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1996 [1907]. p. vii - ix

\_\_\_\_\_. Foreword. In: **Deuxième Cours de Linguistique Générale** (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger e Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1908-1909): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1997 [1908-1909]. p. vii - viii

\_\_\_\_\_. Foreword. In: **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911):** d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1993 [1910-1911]. p. vii - xii

MACHADO, L. G.; PAUL, A. Introdução e notas In: **Os pensadores: Rousseau.** ed. Janice Florido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999. p. 247 - 256

MARCHESE, M. P. Introduzione. In: **Phonétique: Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8).** ed. Maria Pia Marchese. Padova: Unipress, 1995. p. VII – XXIV

MATTHEWS, P. Greek and Latin Linguistics. In: **History of Linguistics Volume II: Classical and Medieval Linguistics.** ed. Giulio Lepschy. New York: Editora Routledge, 2014 [1994]. 400 p.

MILANO, L. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no *Curso de Linguística Geral*. In: **Eutomia.** Recife, 2015. p. 245-258

\_\_\_\_\_. O fônico em Saussure: Um apêndice do *Curso de Linguística Geral*. In: **O efeito Saussure** – cem anos do Curso de Linguística Geral/organização Carlos Alberto Faraco – 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 141 – 154

MORPUGO DAVIES, A. Volume IV: Nineteenth-Century Linguistics. In: **History of Linguistics.** Ed. Giulio Lepschy. Inglaterra: Longman, 1998. 434 p.

\_\_\_\_\_. Saussure and Indo-European Linguistics. In: **The Cambridge companion to Saussure.** Ed. Carol Sanders. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 9 – 29.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184 p.

\_\_\_\_\_. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: **As bordas da linguagem** / Eliane Mara Silveira organizadora. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 11- 30

NUNES, B. Apresentação. In: PLATÃO. **Teeteto-Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.

PARRET, H. Réflexions saussuriennes sur le Temps et le Moi. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 49. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1995-1996, p. 85-119.

\_\_\_\_\_. Brui, son, ton, voix : un parcours aristotelien. In: **Les mots du son**. Limoges : Presses Universitaire de Limoges, 2010. p. 1-15.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Tradução de Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1893 [1880]. 452 p.

PEETERS, C. La methode comparative et la conception saussurienne du phonème. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 49. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1978, p. 155-159.

PLATÃO. **Teeteto-Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988 [IV A.C.]. 177 p.

ROUSSEAU, J. Ensaio sobre a origem das línguas. In: **Os pensadores: Rousseau**. ed. Janice Florido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999 [1759]. p. 259-332

SAUSSURE, F. **Ms Fr 266**. Arquivo 8 - Phonétique (73-7023). Cambridge: Houghton Library, 1881-1884. 177 p.

\_\_\_\_\_. **Premier Cours de Linguistique Générale** (1907): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1996 [1907]. 166 p.

\_\_\_\_\_. **Deuxième Cours de Linguistique Générale** (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger e Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1908-1909): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1997 [1908-1909]. 192 p.

\_\_\_\_\_. **Troisième Cours de Linguistique Générale** (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. ed. Eisuke Komatsu e Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1993 [1910-1911]. 173 p.

\_\_\_\_\_. **Phonétique: Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)**. ed. Maria Pia Marchese. Padova: Unipress, 1995. 236 p.

- \_\_\_\_\_. Saussure: Souvenirs d'enfance et d'études [1903]. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 17. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1960, p. 12-30.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. Org. e ed. por Simon Buquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2002. 295 p.
- \_\_\_\_\_. **Curso em Linguística Geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916]. 279 p.
- SCHLEICHER, A. **A compendium of the comparative grammar of the indo-european, sanskrit, greek, and latin languages**. Tradução de Herbert Bendall. Londres: Trübner & Co., 1874 [1861]. 160 p.
- SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. 168 p.
- \_\_\_\_\_. A teoria do valor no *Curso de Linguística Geral*. In: **LETRAS&LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan./Jun. 2009 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. p. 39-54
- \_\_\_\_\_. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: **Saussure: a invenção da linguística**. José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores (orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-58
- \_\_\_\_\_. A difícil relação entre os manuscritos e o *Curso de Linguistica Geral*. In: **Estudos linguísticos: teoria, prática e ensino**. Adriana Cristina Cristianini, Maria Aparecida Resende Ottoni (Organizadoras). Uberlândia: EDUFU, 2016. p. 17-32
- SOFIA, E. Dois tipos de entidade e dois modelos de “sistema” em Ferdinand de Saussure. In: **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Jean-Paul Bronckart, Ecaterina Bulea, Cristian Bota (organizadores); tradução de Marcos Bagno. – Fortaleza: Parole et Vie, 2014. p. 179-204
- SOUZA, M. O. Anagramas de Saussure: formas ou substâncias? In: **Anais do SILEL**. V.2 N. 2 Uberlândia: EDUFU, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. Dissertação (mestrado) – UFU, Uberlândia, 2012. 128 f.
- SURREAUX, L. M. **O rastro do som em Saussure**. Nonada. Porto Alegre, n.1, v.20, 2013.